

António Feliciano de Castilho

Mil e Um Mistérios



António Feliciano de Castilho

Mil e Um Mistérios

Romance dos romances

Apresentação, revisão ortográfica a actualização do texto por

Silas Granjo

AOS LEITORES DO ANO 1900

A

QUATRO ESCRITORES PORTUGUESES

CONTEMPORÂNEOS,

O SF. ...

O SF. ...

O SF. ...

O SF. ...

A

todas as boas mulheres

Oferece

O Autor

Índice

I: O moinho	7
II: Espantoso duelo na escuridão	9
III: Esboço de um retrato	11
IV: Eloquência de sangue	13
V: Como se entrega uma carta a quem não a quer receber	15
VI: Delicioso acordar	17
VII: Esboço de mais dois retratos	20
VIII: Os desabafos	25
IX: Mais tratos a um martirizado	30
X: Exumação judiciária	35
XI: Um magistrado	38
XII: O fantasma	42
XIII: A regedora da paróquia	45
XIV: A venda do Peneireiro	47
XV: (CONFIDENCIALÍSSIMO) Álbum de um homem de génio	50
XVI: A quinta dos Álamos	55
XVII: Almoço. Meia declaração	57
XVIII: Progressos amorosos	60
XIX: Um postre muito dispensável	64
XX: O monstro	66
XXI: O italiano	69
XXII: O torreão	74
XXIII: Os animais prendados	78
XXIV: A carta anónima	83
XXV: Transformação	87
XXVI: Tragédia	91
XXVII: Remorsos	95
XXVIII: As ruínas do curral	97
XXIX: Orfandade	101
XXX: O ermo	104

CAPÍTULO I

O moinho

Meia-noite no relógio de Aguium. Toda a povoação dorme. A derradeira luz, que palpitava através de cortinas brancas em vidraça meio levantada numa casinha alva e decente, agora apagou-se. É a pousada do mestre-escola; mas as cortinas, o prolixo velar, denunciam antes o quarto da sobrinha, que o seu. Ele, mestre Ambrósio, conta cinquenta anos; ela, a sr.^a Angélica, segundo uns, segundo outros a sr.^a D. Angélica, só conta dezasseis. Ele mói o seu dia entre rapazes rudes e travessos; ela distrai o seu a costurar diante de lindos romances modernos, emprestados às escondidas pela criada grave de sua madrinha e sempre abertos em cima da almofada de costura; e não os interrompe senão para invejar as flamantes galas dos jornais das modas.

*

Meia-noite!

É a hora em que uma fantasia desta idade, inebriada com as exalações do sangue juvenil a ferver em torrentes, magnetizada pelos fantasmas dos heróis e heroínas das novelas, se acolhe ao leito como a um asilo para gozar presente o seu futuro, longe dos olhos e ouvidos que lho profanem, longe da luz que lho descobre, longe de realidades terrestres que lho agoirem.

Hora das feiticeiras! Das feiticeiras de ambas as espécies: das terríveis e barbudas, que espipam pelas chaminés a cavalo no pau da vassoura, para se irem por cima de toda a folha para as encruzilhadas com as suas asas de morcego; das alvas e melindrosas, que voam com as suas asas de anjo sem que nem as estrelas as percebam, para se irem reclinar, entre flores, em paraísos de que só elas têm a chave.

Deixemos pois a donzela no mistério da sua câmara. As trevas, em que de súbito se mergulhou, segredam-nos que nos apartemos reverentes.

*

Só uma semelhança de vida se enxerga em todo o painel campestre e apagado, em que se engasta a povoação sonolenta. É um moinho esguio no alto de um outeiro desabitado: braceja as suas grandes velas brancas; solta, a quebradas, a sua cantoria melancólica, e espreita, com seus olhos cheios de luz, para o planeta Vénus, que lá de cima lhe sorri não sei que amorosas confidências.

A porta do moinho abriu-se de manso. Um vulto sai; torna a fechá-la devagar, sem ruído; pára, escuta; ninguém o sentiu. Respira... como quem o não faz há uma hora; sacode o ombro para melhor ajeitar nele um fardo com que vem avergado; limpa com a mão esquerda o rosto alagado em suor, sem se deter nem descerrar do punho uma enxada que lhe serve de bordão. Desce, trémulo, a olhar sempre para trás, oitenta ou cem passos da ladeira; pára junto à primeira moita que topa bem emaranhada; larga o fardo, apresta-se para cavar, mas... torna a encarar o moinho e arrepiá-se; os dois olhos luzentes estão abertos sobre a moita e sobre ele.

Retoma a carga; rodeia um bom tracto da colina por entre o mato orvalhado até que o odioso espião

gigante de pedra e cal lhe haja virado de todo a espalda e se entretenha a observar as estrelas em vez de espreitar os mistérios nocturnos cá de baixo. Cava com rapidez frenética de um febricitante; lança o volume na cova, enche-a, recalca-a; percorre o arredor a afirmar-se nos troncos e pedras que lhe possam servir de demarcação e inquirindo às trevas e ao silêncio se algum ente vivo o não aventaria.

Volta a plantar na sepultura alguns pés de silvas e espinheiros cortados ao longe; e inteirado, enfim, de que nenhum olho, ao passar amanhã, poderá advertir no solo a mínima novidade, toma ligeiro o caminho do povoado.

Conhece-se que algum peso descomunal se lhe vai tirando, a arroba e arroba, da alma, à medida que se alonga daquele moinho onde alguma coisa inaudita se acaba de perpetrar.

Espantoso duelo na escuridão

Entrado no lugar, ou couto, de Agüim, o enterrador misterioso afrouxa insensivelmente o passo não como quem vai sem destino, mas como quem, preocupado de ideias maléficas, se arreceia de que no som do próprio andar lhas adivinhem.

Chegou à porta de uma casa térrea; sonda-a com o ouvido ao buraco da fechadura. Nenhum rumor. Corre a uma e uma todas as suas janelas; toca levemente na última. Ninguém responde.

Imprime um longo beijo na vidraça. Parece desejar que este invisível filho do coração, confundido cone o primeiro raio matutino, chegue direito aos olhos e à alma... de quem quer que ali dorme. Introduce subtilmente pelas fendas uma carta e corta pela primeira travessa, direito à casa onde vimos desaparecer a última luz.

*

Mal parou por baixo da janela do cortinado branco, dá com os dedos um leve sinal, tão leve que só os ouvidos namorados o sentiriam.

Uma figura, em roupas alvas e soltas, assoma ao reclamo, debruçando ao longo da parede caiada uma fita escura com um cestinho na ponta. O desconhecido mete, alvoroçado, a mão na algibeira, procurando alguma coisa, enquanto o aéreo mensageiro vem descendo para a tomar em retorno do que lhe traz. Não a acha; sustém a custo um grito de consternação. Torna a procurar, antes de pôr a mão no cestinho que diante dos olhos se lhe balança como um duende encantador.

O vulto de cima repete gestos de insofrido susto, para que se apresse. O de baixo fica imóvel como estátua. A fita vai subir num ímpeto de despeito. Retém-na com força; e, tirando com mão desfalecida a carta que lhe é destinada, pede, com voz ainda mais desfalecida, a graça de meia hora de dilação para apresentar a sua.

Se é realmente resposta afirmativa o silêncio... responderam-lhe que sim.

O cesto voou como uma divindade de ópera, sumiu-se entre as nuvens de cassa de onde havia baixado e a figura cândida desapareceu sem deixar de si mais leve vestígio que uma ligeira ondulação no cortinado, que para logo aquietou. Debalde se repetiu cada vez mais alto o crepitar dos dedos; debalde alguns psius sumidos o acompanharam; a estância perseverou muda e insensível como um túmulo perante os conjuros da saudade.

*

O amante (e que outrem poderia ser senão um amante o que a tais desoras praticava coisas tais?), desenganado da inutilidade do esperar, passados alguns minutos ia já ausentar-se por onde viera quando viu que no quarto se tornava a acender luz. Com ela se lhe reanimam as esperanças. Aguarda em silêncio, mas nem sombra vê passar que lhas confirme. Só percebe um rugir de papéis, como quem esfolheia pausadamente num livro à busca de uma leitura interrompida.

Embora! Esta claridade lhe infundiu no espírito uma ideia.

Costeia o cômodo silvoso do quintal por trás da casa; onde o acha menos inacessível, transpõe-no à cata de

algum recanto escuso onde possa a toda a pressa fazer lume, ler a carta e, com um lápis que traz consigo, responder-lhe.

Introduz-se pela primeira porta aberta nos baixos do edifício; respira com voluptuosidade: está debaixo das mesmas telhas. Procura no bolso uma caixa de fósforos; ouve ao pé de si um estrondo repentino; com a ousadia do terror, estende a mão; soa um grito agudo. É um galo, que tem o costume de acordar, espanejar-se e cantar entre a uma e as duas horas.

– Estou no galinheiro! – diz consigo.

Acende um palito. Não se enganou: a ave soberba, como que para alardear ao invasor que se tem por inexpugnável nos seus domínios, redobra a cantiga. Tanto estrondo, em tão apertada conjuntura, desespera o visitante. Estende-lhe a mão contra o pescoço para lho torcer; o plumoso sultão foge-lhe, mas combatendo; todo o harém se lhe alvoroça em derredor; a luz apaga-se-lhe; mas ao último lampejo logrou colher ao inimigo por uma das asas e já não o largará. É uma luta medonha nas trevas, de corpo a corpo, entre dois apaixonados, ambos ofensores e ambos ofendidos. O animal, meio cativo, peleja denodado, com o bico rompente, com a asa que ainda lhe resta livre, com os esporões que esgrime como dardos.

Um herói das Gálias combateu com um herói de Roma e não foi vencido senão por um corvo. O nosso, a quem o terror da sua situação paralisa mais de metade das forças e que a todo o momento imagina ouvir por cima da cabeça passos e vozes de adversários ainda mais terríveis, arranca de um ferro que traz do seio e dá mate ao duelo pela degolação do mais façanhudo galo pedrês que jamais desenterrou minhocas nas planícies da Bairrada.

Reacende a luz; despeja a água do bebedeiro; recebe nele parte do sangue da vítima; arranca-lhe das guias a mais grossa pena; apara-a com o mesmo ferro ainda quente; atea uma fogueira com a palha do cesto em que uma galinha chocava maternalmente os seus ovos; senta-se sobre o cadáver do vencido; lê de corrida a carta; separa dela a última meia folha em branco e, com a tinta animal que preparou, escreve a sua resposta.

Enquanto escreve, contemplemos ao clarão ondado e fumoso da fogueira este homem singular que o enigmático de todas as suas acções nos está recomendando à curiosidade.

Esboço de um retrato

Nunca a mais própria luz poderia ser observado o herói da nossa mui verdadeira história, que a esta, de fogueira túrbida e intermitente. O facho do sol fora nímio alegre; a lâmpada da lua cheia, nímio suave; os resplendores dos lustres e serpentinhas, nímio festivos; destoariam de toda a expressão da sua figura. Com as feições dos espíritos atormentados quando o génio da pintura nos descobre as regiões do pranto, nenhuma luz condiz, nenhum reflexo beta com as suas cores senão um luzir indeciso, delirado, misto de escuridão e de fantasmas.

Inculca dezanove anos; a sua pele macilenta pouco mais cobre do que ossos longos e rijos; o espírito é o que no seu composto predomina.

No súbito dos movimentos, no improvisado e penetrante do olhar, nas variações contínuas que os movimentos de dentro E lhe imprimem pelo semblante se reconhece que a natureza só lhe deu de matéria quanto bastasse para instrumento a uma ali ma enérgica e impetuosa. A sua estatura, delgada mas esbelta, transcende as marcas ordinárias, posto que um tanto curvada, como de quem na posição do ler ou do meditar contraiu aquele jeito. Cabelos negros, corredios, mais lustrosos que espessos, moldam um rosto comprido, de testa grande e pululante, faces escorridas, olhos pretos, pequenos, radiosos, sob arcaria de sobranceiras pesadas, recurvas, às quais um nariz longo, fino, recto, serve como de cariátide que as sustenta, entrelaçando-as; sobranceiras más, dizem as damas lavaterianas, sobranceiras de ciúmes. Sobre barba redonda, levemente cavada ao meio, boca de moderado rasgue sombreada de bigode e pêra; dentes alvos e bem postos, beiços finos, vermelhos, ardentes, cuidados, revelando sempre nos seus imperceptíveis movimentos alguma ideia, algum sentimento, alguma recordação ou alguma esperança até no meio do silêncio mais profundo.

O seu trajar, sem fugir da simplicidade campestre, diferencia-se contudo entre o dos aldeãos, a cuja classe parece, e não parece, pertencer: calça e jaqueta branca, cinto vermelho não de algodão mas de seda, não apertado em derredor da cintura, senão lançado, com estudada e graciosa negligência, do ombro direito ao lado esquerdo, aí tomado em nó, e deixando flutuar soltas as extremidades, desiguais e franjadas de verde claro; o pescoço, torneado e alto, todo desafrontado e patente, como de indústria; a cabeça, menos coberta que adornada com uma carapuça de fantasia: é um grande lenço de seda escarlate circunrevoluto à feição de turbante oriental.

Algumas nódoas de sangue se lhe enxergam nas mangas junto aos buchos dos braços e uma sombra da mesma cor odiosa se lhe mescla na fronte pálida com as ideias, que por ali se estão vendo atravessar sob a forma de vibrações eléctricas. Proviria este sangue do pequeno duelo a que assistimos, ou terá mais funesta origem? Entraria já com ele? Quem o sabe!...

Tudo é mistério neste homem. Um observador perspicaz, ao primeiro relancear de olhos descobriria... que não descobria nada; que era um desses indivíduos de excepção a quem (à falta de mais próprio nome) chamamos homens, e monstros às vezes, por os não sabermos classificar nas pautas comuns da nossa espécie; uma dessas almas abortivas e mancas segundo uns, segundo outros eleitas e revestidas de asas, que erram a vida social nas mais simples relações e se remontam de hora a hora aonde o vulgo as não alcança, às regiões infinitas do ideal; para quem a vida, como as convenções e os usos a têm feito, dói por todos os lados; que refogem dela para o seio de uma aparente inércia, onde a própria imaginação lhes devora as entranhas como abutre; loucos ou sublimes,

sempre abismos, porém abismos a rodear como um sino grande, solitário no alto de uma catedral, que ora desemboca o seu brado para os céus transparentes e sem limite, ora o vaza para a terra e o atufa nos recôncavos dos jazigos.

São matéria-prima de que a fortuna caprichosa faz, segundo lhes dá uma ou outra mão, os grandes gênios, os grandes loucos, os grandes mártires, ou os grandes criminosos. O vaso mais ou menos transparente em que se vê andar contido um espírito destes, inspira, como as redomas de um laboratório de alquimista, medo que nos repele e curiosidade que nos atrai.

O autor desta narração experimentou, junto ao indivíduo que retrata, um e outro efeito; subjugou o primeiro; entregou-se ao segundo; perscrutou, a poder de perseverança, até onde lhe foi dado e tem para si que alguma coisa chegou a decifrar no confuso objecto dos seus estudos, como no progresso da sua narração espera de comprovar. Por enquanto não é tempo; não convém ao interesse do livro o antecipar. O íntimo do personagem por suas mesmas acções se retratará.

Para concluir este leve bosquejo, só diremos agora que no seu todo se entrevia confusamente uma certa dissonância entre a natureza e as circunstâncias, uma espécie de escárnio da fortuna contra as disposições nativas e imperiosas, e uma rebeldia permanente do génio e carácter contra as tiranias do acaso. Disséreis um leão em jaula; disséreis um rei cativo a puxar um carro de triunfo e a protestar tacitamente contra o seu opróbrio.

Eloquência de sangue

Terminada a carta sobre o joelho, conchega, atíça e reforça pela terceira vez a fogueira; inclina-se para ela e lê o seu improvisado a si mesmo como a um juiz indulgente que de linha a linha aprova quanto escuta:

«Mulher sem entranhas!

O meu peito de homem não basta a tantas emoções. A carta que lêes é escrita com sangue... meu. Meu? Teu; devo antes dizer teu.

Esta noite, em que eu não balancei em cometer os primeiros crimes da minha vida para me habilitar a obter-te, esta noite vai ser uma noite sinistra. O punhal está apertado na minha mão. Ou o voto solene do amor, de um amor imenso, infinito, único... ou a minha morte. Escolhe.

Eu não saberia resistir à tua indiferença.

Tu dizes-me que me viste, no templo, lançar por vezes um olhar significativo a alguém que tem a honra de pertencer ao teu sexo. Chamas-me monstro de infidelidade e de perfídia, e acrescentas que amores de meias te revoltam.

Mulher, mulher, compreendo o teu artifício. Tu não procuras senão um pretexto para te desligares da tua palavra, condenares-me à tua desesperação e ao suicídio, e ires depois insultar com o teu desprezo ou com a tua compaixão o meu túmulo. Quem sabe se uma nova chama... Ah! A minha cabeça perturba-se num dédalo de conjecturas mais desesperantes umas que as outras e as minhas vistas já se voltaram involuntariamente duas vezes para o poço do teu quintal. Se não fosse o receio de lhe estruir a água e condenar assim a pagar por ti quem não tem culpa, eu me teria já precipitado no seu abismo apesar da frialdade da água e de eu estar suando de amor, de raiva e da mais maligna de todas as febres, da febre do ciúme... Mas não; não.

Se eu me deitasse àquele poço, cuja fascinação me ia ganhando, a causa da minha morte ficaria desconhecida, quando eu quisera que ela fosse notória a todo o mundo. A minha memória se veria, ainda por cima, caluniada: os meus inimigos espalhariam porventura que eu ali caíra sem querer, andando (que horror!) no parreiral que o tolda a procurar, como um vil, os cachos das uvas ferrais. E pescado com uma fateixa, estendido para aí para cima das urtigas como um cação a escorrer água, o meu trágico fim não teria aos teus olhos o pavoroso, o sublime, o sanguinolento que eu desejo de lhe imprimir.

Pensa bem nisto: a minha razão vacila como este fogo de palha a que eu te escrevo; e se ela se apagar de todo!?

Mulher, eu te emprazo como assassina para o tribunal do Todo Poderoso.

Sabes tu bem o que é morrer de ferro? Não; tu não o sabes; tu nunca morreste de ferro, nem eu; mas eu sei-o, eu vi-o: é uma coisa medonha. Como golpe de ensaio, eu degolei, eu mesmo degolei, com esta mão, furiosa por tu a repelires, degolei... (e amanhã poderás contemplar o seu cadáver) degolei o teu galo pedrês. Vi correr o seu sangue com embriagamento; vi-o arquejar, estorcendo-se em convulsões, estirar a perna e acabar. Por Deus, que é um espectáculo horrendo! E eu estou resolvido a passar por onde ele passou. Sim, sim, mas depois de te assassinar também a ti, ainda que não seja senão com o caco das galinhas pela testa, porque não será dito que tu ficarás com todas as vantagens de viva para dares a tua mão a quem te aprouver, enquanto eu... eu... nem já serei eu, serei... Oh! As minhas lágrimas sufocam-me e eu escrevo-te de joelhos... Perdão! Perdão!... Perdão!...

Perdão!... Sou um insensato, um miserável; que ousei eu pensar? Tu!... Eu! Oh! Ah! Jamais... Jamais...

Ainda é tempo. Refloresçamos para a esperança, para a felicidade.

Promete-me conservares-me o teu coração de mulher e eu parto a conquistar uma posição, um nome e uma fortuna que me permitam voltar um dia a Aguium com a frente alta, pedir-te afoitamente a teu tio e conduzir-te por entre as invejas de todo o povo à face dos altares. Ama-me durante a minha ausência e confia à minha coragem o cuidado dos nossos destinos. As minhas ambições são mais altas do que tu podes imaginar; as minhas forças, iguais às minhas ambições; o porvir que nos aguarda é sem limites como a imensidade; sem termo, como o infinito; sem fundo, como... como as coisas que não têm fundo.

Esta carta, traçada aqui à pressa na tua capoeira para substituir a que perdi (não sei como) no caminho, por vir correndo, esta carta que eu invejo por se achar dentro em pouco na tua presença e que te leva aqui, mesmo em cima deste borrão, um beijo de fogo, vai ser atirada pela tua janela dentro se o teu bárbaro cestinho desdenhar vir recebê-la, e eu... volto para o mesmo esconderijo.

Não me respondas por escrito, adorável Angélica; vem tu mesma pela manhã, enquanto o teu respeitável tio estiver entretido com os inocentes, dizer-me de viva voz o que eu devo temer ou esperar. Não receies que eu te comprometa; demorar-me-ei até à noite para sair. Faz só com que não seja o teu doméstico quem venha deitar de comer às galinhas; vem tu mesma; e para provar de que te não sou de todo indiferente, traz-me, se quiseres, alguma coisa para almoçar. Adeus. Outro borrão para outro beijo; e cem, e mil, vida do meu coração, coração da minha vida.

Recordo-te que vou ficar solitário entre estas aves, chocando as minhas ideias melancólicas, à espera da minha sentença de vida ou morte.

Na morte e na vida sempre teu

Rui, o SEM VENTURA.»

*

Fecha a carta. Volta para baixo da janela; reitera o chamamento. Vê anda a mesma luz, mas a vidraça já descida. Não o ouvem, não o podem ouvir.

Como se entrega uma carta a quem não a quer receber

Já deram as três horas na capela de Nossa Senhora do Ó. Não há tempo que perder; a carta é indispensável que se receba, daí pende a sorte de duas vidas. Mas como?

Depois das façanhas temerárias que nesta noite consumou, não se dirá que um frágil vidro lhe serviu de estorvo. A resolução é desesperada, mas é única para tão angustiado aperto.

Embrulha no papel um seixo de arrátel; afasta-se quanto a largura da rua lho consente; alça o braço e, com risco de fazer o dito verdadeiro e meter a abrasada epístola pela testa de Angélica dentro até à nuca, dispara o tiro.

Um baque no sobrado e um grito feminino misturaram-se a súbitas com o retintim dos vidros fracassados. Rui, impossibilitado, com o pavor, de conceber projecto algum novo, seguiu maquinalmente o último com que viera. Como se no mundo não conhecesse outro caminho, retomou o do quintal; galgou de um pulo o valado por cima de umas piteiras que ninguém em dia claro arrostará e em dois saltos achou-se outra vez dentro no seu esconderijo.

*

Se a fogueira se não tivesse já extinto, as galinhas haveriam podido contemplar à sua vontade a imagem do terror no grau supremo. Bagas de suor frio o inundam em cascata; todos os membros lhe abanam desencontrados; desordenam-se-lhe as feições; os olhos em alvo parecem petrificados; o queixo gira convulso em todas as direcções; os beiços brancos ora se apertam, ora se arqueiam em abertura desmedida; pela grenha dir-se-ia estarem passando com ondas tempestuosas uma corrente galvânica. Todos os sentidos se fundiram no ouvido: só por ele pode o infeliz ser avisado do que se passa lá por cima.

Assassinou a Angélica? Pôs público o segredo dos seus amores? Expô-la e expôs-se aos rigores de um ancião para quem a honra e o bom nome da sua família são o maior tesouro? A durar minutos a incerteza, não haveria existência tão ferrenha que lhe resistisse; felizmente não durou senão segundos.

*

Cai de joelhos, apertando as mãos sobre o peito, rindo e chorando. Percebe distintamente, por cima da cabeça, no quarto mesmo de Angélica, um andar pausado, manso, de todo incompatível com cena trágica; logo após... outro mais rápido e pesado, como de tamancos, e chegando de mais longe.

Era o mestre-escola que, despertando ao repentino estrondo, não se dilatara mais que o necessário para enfiar calças e camisa e acender uma palmatória, e vinha saber ao quarto da sobrinha que novidade acontecera e se porventura fora sonho dele um grito que se lhe afigurara ouvir.

Angélica, pondo na voz serenidade e fechando por dentro a janela, conta-lhe como, estando ainda a seroar, veio da rua um seixo que espedaçou dois vidros e por um triz não lhe bateu.

Rui acaba de respirar.

Depois de algumas conjecturas do velho (muito escusadas para a donzela, pois que tinha a explicação do enigma muito bem dobrada e guardadinha no seio); posto e assentado de pedra e cal por mestre Ambrósio que havia de ter sido aquilo travessura de algum dos meninos a quem na véspera ministrara uma roda de bolos por lhe andarem às uvas e feita por ele uma pregação, autorizada com várias sentenças e exemplos, sobre os perigos de ter de noite abertas as janelas, cada um se retirou para repousar o restante da noite: o tio para o seu quarto; Angélica para a sua cama, com luz que ressumbrava pelos resquícios do sobrado; Rui para dentro de um balseiro em que havia ainda um resto de folhelho do ano passado, que (à falta de melhor) lhe podia muito bem servir de enxerga, de cabeceira e de coberta.

*

A Providência devia-lhe alguns instantes de conforto depois de tantas horas de amargura; com mão generosa lho liberalizou.

Antes de adormecer percebeu, indubitavelmente quanto a ele, que a sua carta estava sendo lida, depois relida, depois era dobrada, depois metida debaixo do travesseiro; logo as fendas do seu tecto cessaram de luzir.

Ainda se conservou a escutar, encostado ao cotovelo e colo alto; mas nada mais notou bem distinto. Quis persuadir-se de que a ouvia suspirar; porém, com o tropel que dentro lhe fazia o coração aos baques, ficou sempre em dúvida se eram suspiros da beleza se o ressonar de alguma galinha velha.

Só muito tarde veio o anjo do sono pairar sobre Rui, «o sem ventura», no seu palácio de Diógenes. Forcejou ainda para repeli-lo; receava perder ou alguma palavra confusa de amor que abortasse de entre um sonho virginal ou, quando menos, os sons com que um leito, contemplado em espírito, poderia revelar-lhe um repousar agitado, curto, incompleto, como ele, talvez no seu egoísmo de amante, o desejava à única moradora do seu presente mundo.

Mas o anjo propício, que orvalha o esquecimento e mudo alívio de penas sobre todos os entes sensitivos, depois de ter inteiramente triunfado no aposento superior, baixava e apertava cada vez mais os seus giros em espiral descendente sobre a cabeça de Rui. Já com as virações das suas asas lhe fazia vacilar as imagens em derredor; já com a ponta delas lheroçava, subtil, pela superfície das ideias amortecidas, lhas fazia voltar em turbilhão por entre as actuais, que, perdendo assim o nexo e a lucidez, iam desaparecendo a uma e uma. Enfim, como a serpente que enleia e sufoca depois de fascinar, abraçou-o por inteiro e submergiu-o na mais profunda insensibilidade.

Dorme, dorme em paz, pobre Rui. Instantes são esses que subtrais a cuidados e remorsos.

CAPÍTULO VI

Delicioso acordar

Rui dormiu horas. A médica universal compraz-se de prolongar a muito coração chagado o uso daquele seu bálsamo supremo que, se os não cura, os conforta e os impede de gangrenar.

Era já alto dia quando acordou.

*

Ergueu-se em pé na sua cama extraordinária, procurando reconhecer o seu incógnito aposento, quando já, intrometidas pelas suas juntas devassas da porta carunchosa, borboleteavam pelo chão e paredes as sombras movediças das parras e os raios do sol lá do mundo, do sol, segundo bálsamo vivificador depois do sono. O instinto da vida, que as trevas da noite às vezes desvairam ou obtundem, ressurgiu sempre, ao primeiro acordar, com uma energia nova e com toda a voluptuosidade de uma convalescença inesperada.

O mancebo, à vista das cinzas e do sangue, testemunhas dos seus martírios, torna logo a atar o quebrado fio das suas mágoas e admira-se de as achar mais revestidas agora de esperanças do que as deixara.

Angélica não pode eximir-se ao convite escrito com o seu sangue; Angélica virá; talvez está chegando. Daqui a um momento se verão transparecer por aquelas frestas, que só despedem agora luzes e verdura, um vestido branco, mão trigueira e formosa, alguma nesga de um sorriso e um refulgir instantâneo de olho preto namorado. Sim, aquela porta vai-se abrir; ele se arrojará aos seus pés, ela o erguerá com bondade, dissimulando mal a sua turbação e debalde ensaiando meneios de enfadada e de suspensa; ele se confessará monstro; ela irá para se ausentar; ele ameaçará trespassar-se; ela o tomará nos braços; as lágrimas de ambos se confundirão e... almoçarão juntos. A sua felicidade será completa.

Era um belo romance com todos os seus acessórios, como os desejos na solidão os sabem e costumam improvisar e colorir.

*

Para enganar o tempo, sempre difuso e tedioso a quem espera, saltou fora do balseiro, retocou todos os pormenores do seu traje fazendo espelho da sombra; varreu as cinzas, tapou com terra os vestígios do sangue; sumiu o cadáver da vítima.

Soavam passos pelo piso superior; mas nem eram como uns levezinhos que ele sabia nem por cima da sua dorna, no quarto dos seus feitiços; por lá a noite parecia durar ainda. Nos ténues fragmentos de falas que para baixo se peneiravam, nenhum vinha também que se lhe apegasse ao coração. O problemático almoço representava-se já ao juvenil apetite de Rui numa distância!! Como prelúdio, foi bebendo a um e um, à saúde da bela dormente, quantos ovos as suas galinhas lhe puseram.

Refocilado com este alimento ao mesmo tempo do estômago e do coração, tornou por prudência a recolher-se ao entrincheiramento da noite, donde (segundo o que à porta assomasse) facilmente podia aparecer ou retrair-se. Era um arbítrio em todo o caso mui prudente aquela emboscada assim de caçador, para logo o

experimentou.

Abre-se a porta a súbitas e quem entra a soltar as galinhas não é outrem senão André, o criado velho da casa, excelente modelo para um retrato de Herodes; homem de canelos velhos, pulso teso e gados ressequidos, a quem mestre Ambrósio, nas execuções solenes, que não vinham raras, costumava delegar a férula, certo e certíssimo no desempenho, que transcendia sempre o programa dado. Uma dúzia de palmatoadas puxadas por André com o pé atrás, beijo mordido e testa crespa, valia aos olhos fechados dúzia e meia em *quantidade* e em *qualidade* uma grossa.

Rui, que muitas vezes lhe passara pela jurisdição enquanto andava no ensino, Rui, posto que tantas mudanças houvesse feito de então para cá, ainda não podia encarar de longe naquela figura sem um tremor involuntário. Tão superior a todos os homens da freguesia noutros particulares, nisto era covarde e supersticioso como qualquer criança.

O sr. André, rosnando e ralhando sempre só para satisfazer a consciência, pois não supunha que alguém o ouvisse, enxotou as aves para fora, procurou os ovos, que não achou, perguntou a si mesmo pelo galo e ia já visitar o cesto da deitadura quando de cima foi chamado à pressa para abrir a porta da rua, que batiam a ela havia meia hora. Sem este fortuito acidente, quem sabe o que a achada de uma deitadura estruída haveria dado de si? Desgraças e venturas não pendem sempre remotamente em causas mínimas?

*

Quando André saiu e fechou (sem saber porquê) a porta após si, Rui, o filho da fatalidade, levantou-se do folhelho como de um sepulcro, embaçado, amarelo, perseguido por uma turba-multa de espectros, entre os quais predominavam o do galo tiranicamente supliciado, os dos seus inocentes filhos mortos ao limiar da vida e o do carrasco André, truculento, armado ora de palmatória de pau santo, ora de um cajado de marmeleiro capaz de derreter uma das estátuas chinesas vistas por Fernão Mendes, de quarenta côvados e de ferro coado.

Foi seu primeiro impulso fechar os olhos a todas as considerações e arrancar um voo da dorna à porta, da porta ao valado, do valado ao fim do mundo. Houvera-o feito e dado provavelmente com isso rumo diverso a todo o seu futuro, se um encantamento o não viesse enraizar onde se achava.

Sentiu abrir-se a janela do quarto de Angélica; viu resplandecer por cima da cabeça, como um celeste auspício, uma lista de sol doirado; sentiu repercutir nas fibras íntimas do peito um pisar macio de pés de sílfide. Enfim, como cem léguas ao mar se goza das delícias de Ceilão antes de a descobrir pelo aroma que se aspira das caneleiras, conheceu a existência e vizinhança da divindade por frémito de roupas, pelo arrastar deste ou daquele móvel, pelo rugir de papéis, cair e levantar de livros, sóido aveludado de pente ao longo de cabelos espessos e compridos, por umas revelações perfumadas de toucador, enfim, por vozes articuladas, perceptíveis, doces, como tudo que pertence à mulher.

Bastou a Rui ouvir-lhe as primeiras palavras, as quais não foram mais que uma resposta ao cordial, ao avito «salve-te Deus» de mestre Ambrósio, para conhecer que, se Angélica não baixara ainda ao seu limbo era porque um pingue sono (como o dele), resultado talvez (como o dele) dos violentos abalos da véspera, a havia até então senhoreado. Cada uma das suas frases, bem que todas vibrassem no ouvido como extremada música, e do ouvido se coassem para a alma como poesia, cada uma das suas frases trazia ainda consigo uma espécie de invólucro de sono que, entibiando-lhe o resplendor, lhe refinava a graça. Eram como arrebóis da manhã com os seus vaporzinhos a desfazer-se; eram como aqueles frutos a cujas cores incendidas forma véu transparente uma

penugem mui macia e delicada.

Outro descobrimento conjectural fez ainda Rui nestas vocais primícias com que a sua amada estreava o dia novo: os sons, os graus de força e de velocidade, as pausas e desinências do seu falar, nada traía agastamento, enfado ou mau humor; pelo contrário, juraria que o prazer lhe gorjeava, saltitando no coração como o seu canário na gaiola, desde que lhe fora patente o astro esplêndido deste belo dia e, a não tomar aquilo pela quinta essência da ironia, por um acinte da mais artificiosa crueldade (o que em dezasseis anos, e em Aguilim, se não devia supor), provava irrefragavelmente haver a epístola produzido o suspirado efeito.

– A Mariquinhas da Eufrásia, que lhe quer falar – diz à porta do quarto uma voz da qual os diminutivos e os nomes feminis parecem fugir por mútua, por invencível repulsão (pelo menos, assim se figura ao ouvinte subterrâneo); é a voz do preboste, ou saião, André.

– A Mariquinhas da Eufrásia? Que me quer? – perguntou Angélica.

– Ela o dirá – tornou o velho. – Naturalmente, alguma esmola; parece que a mãe está cada vez mais doente.

– Diz-lhe que entre para aqui. Meu tio já abriu a escola?

– Vai a isso; acabou agora de almoçar. Esteve à espera de Vossemecê mais de duas horas; não quis que ninguém a chamasse; diz que andou por cá esta noite o diabo, que a não deixou dormir.

– É verdade...

– É verdade, é; eu lá via pedrinha. O sr. seu tio vai agora entrar com ela pela escola dentro, a ver se conhece pela cara o autor da brincadeira. Se foi algum deles, deixe-o por minha conta: hei-de-me fartar uma vez de dar palmatoadas. Se chego a descobrir o herói, seja ele quem for, nem que seja à missa do dia...

– Que lhe fazes?

– Que lhe faço?... Nada. Seu tio bota para os pequenos, eu cá...

– Tu lá...

– Eu cá tenho outros barruntos.

– Sim? Então de quê?

– De quê, não sei. Deixe caçar a furoa, veremos o que sai.

Rui tinha-se ido insensivelmente acachapando e, já no fim desta frase, estava sumido no folhelho.

André saiu para mandar entrar a rapariga e Rui tornou a erguer-se com cem orelhas, como a Fama de Virgílio, para escutar uma conversação que logo conhecereis quanto lhe devia interessar.

Mas saíamos um momento do pé dele para conhecermos as duas figuras desta cena; ambas têm que se apresentar muito na nossa história.

Esboço de mais dois retratos

Angélica nascera na cidade do Porto, onde seu pai, amigo de infância e cunhado de mestre Ambrósio, vivia de um pequeno emprego; a mãe expirara poucos dias depois de a dar à luz, deixando-a recomendada numa carta de ternas despedidas ao amor do seu querido irmão Ambrósio.

Duas razões, ambas maternais e ambas aprovadas por seu marido, a induziram àquele passo. Uma aldeia no centro da Bairrada convinha mais, por todos os modos, que a segunda capital do reino, à criação física de uma menina e sobretudo à educação moral de uma donzela. Um tio celibatário, caseiro, mestre de profissão e afamado pelo bom concerto de seus costumes, havia de suprir menos imperfeitamente a falta que nada supre, a falta de uma pobre mãe, do que um pai viúvo, a quem as suas outras obrigações tolheriam o desempenho destas.

O pai, ainda supondo-lhe em grau heróico o amor paterno, por isso mesmo se tornaria porventura o mais perigoso instituidor.

Ainda talvez havia terceira razão, mas dessa não rezava a carta: era a esperança de segurar assim o testamento do mestre em favor da inocente, órfã, concentrando desde já nela todas as suas afeições. Assim se prevenia à infeliz um tal qual dote que, junto à formosura e às peregrinas qualidades morais que a moribunda se aprazia de lhe antever, lhe atrairia pretendentes e lhe proporcionaria entre eles o escolher.

O professor, que era bom homem, aceitara gostoso um encargo por entre cujos espinhos, bem previstos, deviam nascer flores para a coroa das suas cãs. Sua irmã, a quem sempre amara, renascia deste modo para lhe cerrar os olhos a ele, sobreviver-lhe e continuar na aldeia o nome honrado da sua família, que aliás grande perigo corria de se extinguir. Resolvera ao saudoso cunhado a prometer-lhe que lhe entregaria a menina apenas saísse da ama e, para aumentar em si direitos com que o pudesse obrigar um dia a cumprir a palavra, tinha-lhe mandado, com um belo enxoval, uma procuração assinada e reconhecida para ser ele padrinho do baptismo.

Cheio de minuciosa previdência, como quem se sentia investido do sagrado carácter materno, procurara ele mesmo para a inocente o nome de boa estreia que lhe puseram, e a madrinha, segundo os seus cálculos, mais excelente dos arredores, a Sr.^a D. Matilde, fidalga exemplar de todas as virtudes, riquíssima em bens de raiz, prometendo por seus achaques pouca duração e desde que enviuvara (muitos anos havia) refugida da capital para a formosa quinta dos Álamos, solar da sua casa e distante de Aguium apenas uma légua, para as bandas do Buçaco.

Desmamada Angélica, ajustou-se entre a madrinha e o padrinho escreverem ao pai exigindo a realização do ajustado; e, para lhe não deixarem aso a procrastinações com que tudo afinal se viria a malogar se o pai contraísse, por hábito, a necessidade da presença da filha, sedução de mês a mês, de dia a dia mais urgente, D. Matilde mandara-lhe, logo após a carta, a sua criada grave, pessoa de toda a confiança, encarregada de trazer e velar o depósito precioso.

O pai havia-se tristemente rendido àquelas afectuosas violências e desde então Angélica não conhecera mais que a modesta pousada de seu tio ou o sumptuoso palácio de sua madrinha, adorada numa e noutra parte e reivindicada com ciúmes assim que se passavam quinze dias sem ter feito, na ajaezada mulinha da fidalga, acompanhada da sua aia e do seu escudeiro, aquela aprazível romaria de um amor a outro amor.

Algumas vezes se tinham levantado tempestades (posto que de pouca dura) entre D. Matilde e Ambrósio,

sobre a retenção e futura posse da sua jóia comum. Cada um alegava em seu favor razões de preferência que lhe pareciam sem réplica: Ambrósio era tio, D. Matilde era senhora; Ambrósio vivia atormentado de filhos alheios, D. Matilde nem alheios os tinha para lhe alegrarem a solidão, para lhe remoçarem com os seus folguedos os olhos cansados de chorar. Enfim, a casa do professor carecia de animação e de arranjo, quando nela se achava só; mas a casa da quinta dos Álamos fora das duas a primeira em que a menina entrara; nela se detivera sem interrupção os primeiros seis meses e só nela é que podia aperfeiçoar-se nas prendas com que se realçam os méritos de uma donzela bem nascida e cujos rudimentos já ali mesmo tinha achado, tais como bordados, flores, música e mil graças sem nome que só em trato de senhoras, e por imitação, se adquirem.

Destas porfias de amorosos extremos, escusado será dizer que resultou o que sempre em tais casos acontece: uma educação incompleta, incoerente e viciada em pontos capitais.

Angélica era senhora da sua vontade, frívola, um tanto vaidosa. Costumada a ver-se obedecida nos mínimos desejos, não conhecia as resistências contínuas que os homens e as coisas opõem à realização de cada uma das nossas ideias e imaginava que em qualquer parte, em todo o tempo e por mais diversas que fossem as circunstâncias, tudo se devia submeter às suas fantasias.

Este erro comuníssimo, inevitável em anos inexperos, era nela aumentado pela radiosa perspectiva da tríplice herança que lhe impedia: a paterna, que pouco era, a do tio, que sobrava da sustentação, e a da madrinha, que deveria representar as galas e os prazeres.

A lição das novelas e romances a-la-moda tinham rematado a exaltação do seu espírito. Nenhum objecto se lhe representava com a sua forma natural; aumentava nuns, diminuía em outros, destruía em todos as relações conhecidas, substituindo-as pelas que melhor conformavam com os seus gostos cambiantes, com a sua infatigável volubilidade.

Ria interiormente das desigualdades sociais, ainda que na maior parte das hipóteses, quando estas desigualdades eram em seu favor, já lhe não pareciam tão absurdas. No amor, sobretudo, era uma perfeita republicana. Um cortador, ou um mendigo, dotado do que pode aprazer aos sentidos e capaz dos delírios tempestuosos da paixão, era para ela preferível a um morgado, a um príncipe, a quem tais qualidades falecessem, e não duvidaria recebê-lo por adorador, alçá-lo ao seu carro triunfante e ir sumir-se com ele, se preciso fosse, nas entranhas do deserto mais silvestre.

A cada novo livro que devorava concebia um novo protótipo de amabilidade para um e para outro sexo, o que a levava a metamorfosear-se quotidianamente e, por consequência, a dar quotidianamente aos seus affectos diverso emprego.

A não ser um bom lastro de altivez que a Providência lhe calcara no fundo do coração, quem sabe que de naufrágios haveria já padecido, porque as indulgências da madrinha e do padrinho mui pouco suficientes pilotos eram para tão difícil manobração!

Graças a este orgulho e a este sentimento que, sem ser virtude, serve a muita virtude de guarda e defensor, Angélica estava ainda nos seus primeiros amores se não quisermos contar os dos romances, porque então, desde Telémaco até Rui, mediavam já dúzias e centenares.

O seu físico (devemos confessá-lo) não era tão admirável, tão superior ao comum como o seu génio e as suas faculdades. Estatura regular e bem conformada, olhos pretos e grandes que muitas vezes se alavam para as alturas até ficarem em alvo, como se entre os resplendores das estrelas e os seus existisse alguma correspondência magnética, ou como se o prosaico do mundo circunstante os enfadasse. Um sorriso irónico apontava de vez em quando aos seus lábios de carmim retinto e descobria uns reflexos de pérolas no meio de

quaisquer conversações em que de ordinário só era ouvinte; e que tudo dava à sua fisionomia uma expressão que repelia a confiança das mulheres e nos mancebos acovardava a simpatia. Só uma grande humildade, ou uma altivez indómita, se afoitaria a tentar com ela o romance histórico de uma campanha amorosa. No demais, o espelho de vestir, dádiva de sua madrinha, colocado no fundo do quarto, aos pés da cama de armação e em que ela vinte vezes por dia se visitava para ver alguém da sua espécie, o espelho nada encontrava nela que valesse muito a pena de se trasladar tantas vezes e com tão nítida exacção. Nariz de génio arrebatado; cor trigueira como a dá o sol dos campos ainda àquelas a quem a penúria não força à aspereza dos trabalhos rústicos, e de mistura com esta cor, uma ténue demão de palidez, reflexo porventura da estudiosa lâmpada de todas as noites, porque é bom dizer às nossas leitoras, e a todas, que as lâmpadas, quer no gabinete solitário, sombrio, silencioso e cheio de visões, quer nas salas ruidosas, cintilantes e tumultuárias, são amigas pérfidas que, manso e manso, sorrindo e lisonjeando, lhes vão comendo as cores, esse delicioso florejar da saúde. Rosas encarnadas, frescas, naturais, só desabrocham nas faces pelos reflexos da alvorada; essa hora, bênção do amor divino e primavera do dia, até as derrama pródiga à cútis exangue de tantos frutos que para serem buscados e colhidos não necessitavam da lindeza.

A aurora não tinha a fortuna de conhecer a nossa heroína nem a honra de ser dela conhecida, salvo pelas descrições fantasiadas e escritas pelos seus autores queridos verosivelmente à luz também do candeeiro.

Em que o espelho tinha mais e muito que fazer era no trapo.

Posto que D. Angélica (é impossível recusar-lhe o Dom quando se tem na lembrança o seu guarda-roupa) não costumasse aparecer em público senão aos domingos na capela do lugar, aonde entrava pelo braço de mestre Ambrósio e por entre as alas dos filhos dos lavradores, todos de chapéu na mão, e as únicas visitas que fazia fossem à quinta dos

Álamos, onde era recebida e tratada como filha, conseguira todavia, com as incessantes liberalidades de D. Matilde, reunir a mais completa colecção de vestidos de todas as cores, feitos e fazenda, de xailes e lenços de todos os tecidos e padrões, de chapéus, de luvas, de meias, de flores, de toucados de todos os elementos, enfim, de que se compõe o que os Antigos chamavam o *mundo mulheril*.

Todos estes objectos eram estudados, combinados de mil maneiras novas à chegada de cada figurino, desfeitos, I figurino, recompostos, experimentados e trazidos por algumas horas ou meios dias em cada uma das suas sucessivas transformações.

O tio, cujo gordo bom senso não falhava senão a respeito da menina; que tudo quanto havia de áspero (que aliás era pouco) o exalava na escola em girândolas de palmatoadas e que, em se dirigindo para o gineceu da sua casa, ia sempre manso como a cobra velha que larga a peçonha antes de chegar à fonte; o bom do tio era o primeiro a aplaudi-la a cada nova mutação, a encarecer-lhe o bom gosto e a gentileza.

– Bom, bom – dizia ele em si e repetia-o com um tom bestialmente filosófico aos seus amigos. – Enquanto ela assim se entretiver, não se há mister de Argos para a guardar. É o símbolo da inocência: brinca ainda como quando tinha sete anos; a única diferença é que a sua boneca para vestir e despir, de anos a esta parte, é ela mesma.

O quarto condizia com a dona. As paredes mandara-lhas a sua madrinha forrar de papéis franceses, representando a história sentimental de Paulo e Virgínia.

Ricos vasos de louça da Vista Alegre sempre carregados de flores, segundo cada estação as oferecia, ornavam o mármore do toucador, povoado de cristais elegantes contendo as essências mais custosas. O leito, grande berço que a um sopro se embalaria entre as suas colunas de mogno com doirados, sob um pavilhão

artisticamente panejado de cassa e rendas, tinha por cúpula um Amor a alumiar e olhar para baixo com um sorriso malicioso, mas como que a proteger ao mesmo tempo com as suas amplas asas argêntas estendidas. Mestre Ambrósio gabava muito aquela figura, que representava (quanto a ele) o anjo da guarda a rir por ter furtado o tição ao diabo.

Toda esta aparatosa máquina assentava os seus pés rolantes sobre um largo tapete de preço em que a mão primorosa do artífice havia timbrado em resumir a Primavera e no qual se podiam admirar todas as flores e outras muitas mais.

Agregai a isto um rico sofá de molas, um indispensável de costura para vinte páginas de inventário, uma pequena biblioteca envidraçada, o espelho de vestir que já sabeis, e tendes por alto o templo da divindade do nosso Rui, o paraíso cujo antípoda é o galinheiro, com a sua cuba e cama de bagaço.

Para poder figurar sem vergonha entre quartos de casquilhas da corte só lhe faltava que a janela, mesquinha e de forma aldeã, que o sobrado, de pinho já gasto e descosido, se tivessem feito desaparecer, a janela convertida num balcão espaçoso, o pavimento num mosaico de madeiras preciosas e reluzentes; mas tudo isso, que era parte integrante do prédio, nunca o mestre se resolvera a mandá-lo fazer respondendo às instâncias da sobrinha, que ninguém se ocuparia nunca em olhar para o chão em que ela estivesse e que a janela bem suficiente luz lhe dava para ele se enlevar em contemplá-la.

Com estas inspirações de espírito salvara a bolsa, que não era tão corredia como a de D. Matilde, e o aposento da nossa leoa ficara como as mais belas coisas do mundo: incoerente e contraditório.

A rapariga, que parou à porta onde o velho André a largou mostrando-lhe com o dedo sua ama que nesse momento lia, Mariquitas, era a quase todos os respeitos o contraposto de Angélica. Ela, só, ignorava que tinha de seu um rostinho que logo ao primeiro encontro cativava, que valia bem um dote e com que todos os rapazes da freguesia folgavam de sonhar, o sonhavam muitas vezes. Não tinha espelho que lho dissesse e quando se ia à fonte ou ao rio não era para se mirar, como as pastoras dos idílios, senão para encher o cântaro ou bater e esfregar a roupa.

Dado só tivesse uma primavera menos que a senhoril consanguínea do professor, parecia ter menos dez invernos; isto é: parecia ter apenas os seus quinze. Enquanto à outra, quem não soubesse o que uma alma ardente envelhece o corpo, calcularia vinte e tantos.

Mariquitas era toda viço. O chapéu de feltro preto e abas grandes, a saia de serguilha safada mas limpa, as roupinhas de chita escura e o lenço branco, muito branco, repregado ao pescoço, constituíam o seu vestuário da semana e dos domingos, do Estio e do Inverno. Não davam para mais as posses nem a mais subiam também as ambições.

E para quê? Detém-se alguém a cobiçar as folhas em que vem mal envolto um fruto raro e encantador? Por baixo daquele pobre lenço arfavam tesoiros; dentro daquelas roupinhas adivinhava-se um coração paciente, amoroso, isento de desejos ruins e cuja serenidade, quase folgazã, transverberava no aspecto, nos movimentos e nas falas.

Angélica, fazendo-lhe sinal para que entrasse, reclinou-se desdenhosamente sobre os coxins elásticos do seu grande sofá cor-de-rosa; fechou, depois de acabar de ler ainda algumas linhas, um volume da Pulquéria de George Sand; pô-lo junto de si; lançou a furto um olhar ao espelho em que as duas figuras se estampavam, com o que esqueceu por um momento o seu habitual sorriso e, fazendo ondear em silêncio o bico do pé calçado de seda pelo pavimento, interrogou com os olhos a Mariquitas sobre o motivo da sua visita.

A aldeã, acanhada com tudo que via em derredor e com aquele mesmo acanhamento corando ainda mais,

tirou do seio, com todo o vagar e a tremer, um papel escrito.

Angélica, apenas o enxergou, estendeu irreflexivamente a mão para o tomar, mudou de cor, mas conteve-se e aguardou com mal dissimulada impaciência.

CAPÍTULO VIII

Os desabafos

Angélica estava à espera; Mariquitas não principiava. Era um enleio que de segundo para segundo se tornava mais difícil de romper.

A senhora mostrou com a mão à aldeã um lugar na marquesa, ao pé de si; a aldeã assentou-se no chão, sobre a orla do tapete; encruzou-se numa espessura de violetas e cravos, pôs a carga no regaço, cobriu-a com o chapéu e, sentindo que era inevitável principiar, principiou.

– Eu vinha pedir à menina... Vinha-lhe contar... que esta noite...

– ...Que esta noite... Mas conclui – exclamou Angélica pondo-se em pé, tão corada como a narradora que em vão se esforçava para narrar.

– Esta noite, um destemido, um doido – continuou, alteando a voz – atreveu-se...

– É uma infâmia. Todo o lugar deve ser hoje uma murmuração... conjecturas... suspeitas... A reputação de uma donzela talvez comprometida...

– Oh, meu Deus! Pois já sabia?!... – interrompeu a camponesa, tomando de súbito a palidez da sua interlocutora como ela um momento antes lhe havia tomado o seu rubor. Estou perdida. Minha mãe... há-de morrer de vergonha...

E tapou o rosto com ambas as mãos, derramando lágrimas.

Conheceu Angélica ter já feito uma parvoíce pela sua pressa de falar; tornou a assentar-se e, obrigando afavelmente Mariquitas a vir-lhe para o lado, tomou-lhe uma das mãos:

– Vamos – diz-lhe. – Bem sabes que sou tua amiga; ambas temos a mesma idade; fala baixo; ninguém nos ouve, podes desabafar. «Esta noite», dizias tu...

– Antes de tudo, menina Angélica – suspirou a pobre rapariga, beijando-lhe a mão com agradecimento pelo interesse que parecia tomar nas suas penas ainda antes de as saber – primeiro que tudo, devo-lhe contar que João Simões, o filho do moleiro Pedro...

Angélica estremeceu e redobrou a atenção. Mariquitas, absorvida nas suas memórias, não o notou e prosseguiu:

– Desde a vindima passada, há-de fazer esta um ano, que me anda perseguindo. Diz que – ficou morrendo por mim desde uma tarde que eu cheguei, e outra companheira, com os nossos cestos de uvas à cabeça, ao lagar da Murteira, onde ele andava pisando e cantando ao desafio. A pobre mulher, que era já velha (era a tia Josefa, de Valcide, que a menina bem conhece), tropeçou na soleira da porta e caiu com o peso todo do carregamento; quebrou a cabeça numa pedra e ficou por morta num charco de sangue. Logo que eu a vi cair, atirei a terra o meu cesto; vendo-lhe a ferida, arranquei o meu lenço do pescoço para lha cingir, sem me importar se ficava composta ou descomposta à vista deles; e enfim, percebendo que não dava sinal de vida, caí sobre ela desmaiada. Ambas fomos levadas em braços para nossas casas. Aquelas mostras do meu bom coração (são as próprias palavras dele), o que ali viu em mim, que nunca tinha esperado ver, e o acaso de ter ele sido ura dos que me levaram esmorecida até à cama de minha mãe, fizeram-lhe uma tal impressão que às vezes chega a ter medo de endoidecer (diz ele) à força de pensar em mim. Acho-o na fonte, por mais que lhe troque as horas; sai-me ao encontro em cada caminho como coisa má; no serão que se faz diante da minha porta, canta à viola sem cansar e

aos domingos, na missa, olha tanto para mim que chego a envergonhar-me e é impossível que o povo não perceba.

– Mas enfim – atalhou Angélica, engolfando-lhe até ao fundo do coração um olhar perscrutador – toda essa obstinação da sua parte mostra bem que não lhe faltam motivos para esperar. O teu coração...

– O meu coração, menina Angélica, não é de pedra.

A confessora fez um movimento sacudido; o volume da Pulquéria caiu no chão e ninguém se lembrou de o levantar. Seguiu-se um silêncio empachado de dois ou três minutos; quebrou-o Angélica. Na sua fala não se podia notar cobiça e receio de ouvir o progresso de um drama de que supunha não conhecer ainda senão o prólogo e a que já estava prevendo um desfecho, o desfecho natural.

– Valor, minha filha, valor! Perseguiu-te, o teu coração estava da parte dele, cedeste...

Mariquitas levantou-se com dignidade.

– Perseguiu-me – disse ela; – o meu coração estava da parte dele e não cedi.

– Muito bem, muito bem – exclamou Angélica, abraçando-a. – Vou mandar vir o almoço, tomá-lo-emos juntas e continuar-me-ás a tua história.

André, que vinha já entrando com uma bandejinha de charão em que havia um bule de lata envernizada, um prato de biscoitos caseiros, uma leiteira e uma só chávena de pó-de-pedra, foi mandado buscar outra. Apenas a trouxe tornou a sair, fechando a porta a um aceno de sua ama.

– Como lhe dizia, minha rica senhora, o João Simões, vendo que não alcançava nada... – Mais açúcar, sim?

– Muito agradecida. Falou-me em casamento. – Ele!

– Ele. Olhe que se entorna a sua xícara.

– Não tem dúvida. E tu, então?

– Fui contar tudo a minha mãe, para saber a sua vontade. Respondeu-me que a mataria de desgosto se na primeira aberta não desse o desengano a João Simões; que meu pai tinha sido um lavrador honrado e o rendeiro de dízimos mais graúdo destas quatro léguas em redondo; que por sua morte nos deixara tão pobres que, se não fosse o seu tear, a minha roca e a nossa paciência, já teríamos estalado de fome; mas que, à hora de se despedir para o outro mundo, lhe havia feito jurar, pela última vez, que viveríamos sempre com as nossas caras descobertas. «Até os ossos de teu pai – me disse ela para remate – saltariam dentro da sepultura, na igreja de Tamengos, se lá entrasses a embrulhar na estola a tua mão com a do filho de um moleiro.» Fez-me restituir-lhe uns anéis de tartaruga e umas arrecadas de azeviche, da feira de S. Bartolomeu, e proibiu-me demorar-me entre as raparigas na fogueira do serão assim que o visse aparecer.

– Excelente mulher! E Mariquinhas obedeceu-lhe, não é assim?

– Nunca desobedecei a minha mãe. Entreguei as arrecadas e os anéis a primeira vez que o tornei a ver, que foi ontem, declarei-lhe que nunca seria sua e pedi-lhe pela minha madrinha, que é a Senhora do Ó da nossa capela, que não tornasse nunca mais ao serão da minha porta.

– Muito bem, muito bem. Outra xícara, Mariquinhas, não? Ao menos outro biscoito.

– Agradecida; nada mais. João Simões...

– Levá-los-ás para tua mãe quando te fores.

– O pobre João Simões ficou tão pasmado que me fez pena. Não me deu resposta; esfregou os olhos com a mão talvez por sentir que estava para lhe correr alguma lágrima; os homens têm vergonha de chorar. Eu chorava sem querer; fazia-me pena vê-lo e depois... lembrava-me que todo aquele mal que minha mãe lhe fazia era só por ele me querer bem. Essa noite não dormi. Na manhã seguinte fui muito cedo à fonte, encontrei-o lá sentado,

triste, triste como um eremita.

– Pois atreveu-se?!...

– A fonte é de todos, ninguém lha podia proibir. Não me falou. Fui eu que lhe disse: «Bons dias, sr. João». Enquanto se enchia o cântaro, estava eu envergonhada; sentia a cara como lume, não sabia o que fizesse de mim. Para disfarçar, pus-me a apanhar avenca por entre as pedras, não sei para quê; espreitava-o e não vi que reparasse em mim uma só vez; estava todo embebido a olhar... julgo que para coisa nenhuma. Depois de bem cheio o meu cântaro, não se ergueu para me ajudar a pô-lo á cabeça como era seu costume; peguei-lhe eu só e ia já saindo sem me despedir quando ele se pôs de pé; começou a chamar-me muitos nomes de arrenegado que me não lembram; esmigalhou com os dentes as arrecadas, pisou os anéis, disse que se havia de deitar da torre abaixo, beber rosalgar ou embarcar-se para as Américas, onde se come gente, e que eu, quando soubesse do seu fim, havia de morrer com pena. Entrou-se-lhe a fazer a fala de choro, atira consigo ao chão tão cego para me abraçar os joelhos que me esmagou com um dos seus um pé; eu dei um grito, sentindo que me ia cair em cima dele o pote, que é de almude.

– E muito bom seria. Se o não livrasse de poder ser comido pelos tapuias da América, ao menos talvez lhe esfriasse as suas ferverças amorosas.

– O meu grito não podia deixar de se ouvir longe. Senti passos que vinham correndo; amparei o pote com ambas as mãos e arranquei-me do seu abraço a manquejar. Veio atrás de mim, dizendo baixinho e todo atarantado que tinha muito que me contar; que minha mãe já estava tonta; que à meia-noite lhe tivesse aberta a porta ou alguma das janelas; que não me queria fazer mal nenhum, mas só explicar-se comigo sobre uma coisa que me interessava muito; e que me esconjurava pela alma de meu pai e, pela coroa dourada de Nossa Senhora, que não faltasse se não queria que ele desse em que falar. Logo que cheguei a casa, contei tudo a minha mãe com tenção de lhe pedir o seu consentimento...

– Para...?

– Para o recebermos ambas à meia-noite, ouvirmo-lo ambas e responder-lhe ela só como quisesse.

– Esperavas talvez...

– Esperava e enganei-me. Opôs-se abertamente à minha ideia. Trancámos melhor que de costume as janelas e a porta, e deitámo-nos. Minha mãe não dormiu até à madrugada. Quando bateu a meia-noite, senti-a tomar tabaco' e assoar-se. Eu... (digo a verdade, menina) estava numas grelhas; apalpava o pé, que ainda me doía, e pensava comigo que um rapaz que se atirava assim acima dos pés de uma rapariga de quem pretendia, muito melhor baldearia consigo da torre da capela para a calçada. Ninguém passava; um gato que lá por fora corresse, sentia-o eu. Era uma hora; minha mãe ainda não acabava de tomar tabaco, porém os meus sustos principiavam já a diminuir. Sentem-se passadas, deu-me logo um trupe no coração. Vêm para a banda da nossa porta, param a ela, empurram-na ao de leve duas vezes; saltava-me a alma pela boca fora; minha mãe tomava outra pitada mais de manso. Era ele. Da porta passou à primeira janela, da primeira à segunda, da segunda à última, tentando-as a todas e decerto dizendo consigo que eu desejava a sua morte. Na janela última, que é a do nosso quarto, parou mais tempo; senti, eu só, que lhe dava um beijo, depois que metia para dentro um papel e depois que se abalava confio um andarilho, tique tique, passivo picado, nem um perdigoto. Salto em camisa ao meio da casa e corro, apesar do meu pé inchado e do tabaco, até à janela, abri-a por dentro sem rumor; pus-me à escuta se tomava para a banda da capela. Se assim fosse, obrigava minha mãe a largar a caixa e o lenço e a sair mesmo em camisa; mas conheci claramente que tomava para esta banda. Apanhei o papel, escondi-o muito bem e tornei para a cama com febre, que me parece que ainda tenho. Entende de pulso, menina?

– Eu não. Mas, enfim, o papel?

– O papel... Logo que esclareceu, saí para a quinta, abri-o sozinha a ver se o soletrava e, por mais que fiz, não pude. Meu pai ensinou-me a ler um pouquinho nas *Horas Marranas* que temos lá em casa; mas letra de sentença' nunca me calhou. Dizia ele que eu era boa rapariga para o trabalho, mas muito ruda; e, de mais a mais, são umas palavras... um dizer tão enviesado... Eu, por mim... (Deus me perdoe), percebo-o tanto como à missa b do padre capelão. Ora aqui está, menina Angélica, por que eu lhe vinha pedir o favor de me ler a carta aqui só entre nós ambinhas, sem dizer nada nem ao sr. mestre Ambrósio nem a minha mãe. Em estando lida, havemos de queimá-la: são coisas que se não devem guardar, que é uma grande vergonha ir com elas aos pés do confessor.

Dizendo isto, sacava do regaço, de baixo do chapéu quebrado e ruço, um quarto de papel da Lousã sem aparo, dobrado mais em forma de cartucho que serviu de pós que de epístola namorada.

Angélica tomou aquilo com metade (ou pouco menos) do sorriso que lhe sabeis, abriu e leu primeiro só para si, depois para si e para a hóspede:

«Os países dos selvagens são longe; a porta da torre fecha-se à hora do crepúsculo; os venenos enérgicos já se não dão sem receita; arrebenta bois dos valados não os há nesta quadra; a natureza e a sociedade são igualmente bárbaras para um amante desesperado.

Prevejo que hei-de achar a tua porta como o teu coração, as tuas janelas como os teus ouvidos: tudo fechado, tudo de bronze, tudo inexorável. Se assim for, este papel te ficará por meu testamento. Oh, Werther, Werther! E eu também tenho uma pistola... a que só falta, para igualar a sua, o ter-me sido dada por mão... Apanhei-a na feira da Moita; mas crê-me: ela é como os teus olhos: não erra fogo.

Toda esta manhã não tenho feito senão experimentá-la num cortiço; não falhou uma só vez. Bem depressa o cortiço será substituído por esta cabeça em que tu acendeste todos os fogos do inferno.

Ente sem piedade, personificação do meu terrível fado, dragão de saias e roupinhas, se eu morro, morro por ti; se morro por ti, não serás tu que te gaves de dormir mais uma hora. Só lá, lá na sepultura, em Tamengos. Noutra parte, não; nunca. O meu fantasma ensanguentado... etc.

Vou ao essencial, que nem o papel nem o tempo dão para mais. Se amanhã, à meia-noite, eu não tiver passado para dentro, ou tu para fora, do soalho da tua porta, eu aí mesmo, diante dela, para que todos aprendam quem tu és, dou irremissivelmente ao gatilho, ou desamparo para sempre a terra da minha infância, estes belos países vinhateiros. Decide-te. Eu lavo as minhas mãos. Teu...

P.S. – Tornei a experimentar a fatal arma e a reflectir. Se queres que fuçamos ambos, será melhor: de que serve um defunto mais? Amanhã, à hora dita, serei à tua porta com a minha coragem, o meu amor e a minha trouxa. Entrega-te confiadamente a estes três objectos; eu te levarei para onde ninguém nos descubra, para onde, longe de tiranias de velhas e de provedores, possamos ser felizes um e outro, um pelo outro, um com o outro, e jamais um sem o outro. Ah, Maria, Maria! Que céu aberto! Ia para to descrever, mas falta-me a eloquência e o papel. Adeus.»

– Que quer isto dizer? – perguntou a inocente Maria, com medo de ter entendido o que não podia deixar de se entender.

– Quer dizer, quer dizer... – respondeu Angélica levantando-se com a carta fechada na mão e correndo como uma ventoinha, arrebatadamente, pela diagonal do aposento. Quer dizer que este homem é um infame, um Lovelace, um Faublas, um Leicester, um Francheville, um Richelieu...

(Desta explicação é que Mariquitas não entendeu nada.)

– Diz a senhora?... – balbuciou ela encolhidinha.

– Um Han d'Islândia – continuou a outra, como falando consigo mesma. – Um Adão Calabrês, um Conde Horace, um mondongo indigno de que uma pessoa de bem...

E calou-se de repente, como quem desperta em sobressalto. Recompôs o semblante; após alguns momentos de reflexão, embrulha os bolos numa folha de papel e entrega-os a Maria:

– Aqui tens – diz-lhe. – É para tua mãe. Diz-lhe que o seu tabaco fica daqui em diante por minha conta e tu não penses mais no malvado ou serás perdida. Treme, treine do fantasma de teu pai.

Mariquitas, que não estava acostumada a ouvir chamar a seu pai fantasma, levantou-se, pôs o chapéu, fez uma breve amostra de mesura e saiu sem levar nem deixar saudades.

Logo que a furiosa citadora ficou só, fechou a porta por dentro, correu à escrivaninha, que era um elegante pato de loiça de Sèvres com a goela aberta, ensopou a pena até à rama e escreveu à pressa estas palavras:

«Eu não vos hei conhecido senão de mais. Ide. Os vossos sentimentos não desmentem a baixeza de vossa nascença. Procurai as vossas vítimas entre as vossas iguais se todavia há alguém que vos possa ser igual na abjecção. Livrai-me para sempre da vossa odiosa presença, ou eu vos mandarei escavar pelo velho André.»

Releu, tornou a dar duas ou três voltas no quarto, rasgou o escrito e escreveu noutra folha de papel esta única palavra:

MONSTRO

Era, indubitavelmente, sublime de concisão.

Procurou a fenda mais larga do sobrado e, soberba de poder também obrigar a receber uma carta quem decerto não estaria disposto a aceitar-lha, introduziu-a por entre as tábuas, dando em cima delas uma palmada ou para chamar a atenção do Han d'Islândia ou para significar por aquele gesto que tudo estava consumado.

O papel veio, revolteando pelo ar, cair em cima de uma teia de aranha, donde João Simões (ou Rui, o sem ventura) o não pôde retirar senão à custa de três ou quatro pulos.

Que fulminação! Ter esperado toda aquela noite por um triunfo e ser constrangido a aguentar inteiro um diálogo daquele calibre, acompanhado, para mais ajuda, do tilintar de xícaras e colherinhas! Ter contado com um almoço servido pelos amores e não receber, para se desjejuar, senão um monstro nu e cru!...

Mais tratos a um martirizado

Tinha Angélica apenas sentido que a sua carta fora recebida quando se arrependeu de a ter deixado sair da mão. O seu instinto de mulher fora ofuscado pela cólera; manifestá-la tão claramente era confessar, ela mesma, o seu amor numas circunstâncias em que não convinha alardear senão altivez e desprezo.

Monstro! Mas todos sabem que nuns lábios de dezasseis anos, que ainda há pouco exprimiam ternura, tal frase caracteriza a paixão em grau supremo. Sob a forma e título de *monstro* foi o Amor bem afagado por Psique.

A fábula de Psique renasce na história de todos os namorados. Angélica bem o sabia e não lhe faltavam razões para acreditar que Rui o sabia tão bem como ela.

Sentou-se no sofá, soltando do peito uma daquelas aspirações largas e sonoras que, ao revés dos suspiros, exprimem satisfação, comodidade, gosto de existir. Puxou com estrondo para diante de si o indispensável de costura, revolveu nele dedais e tesouras, cantando com a sua bela voz uma ária em *patois* italiano que aprendera com a madrinha. Eram outros tantos modos de provar que lhe não ficara nem átomo de despeito donde jamais pudesse germinar uma reconciliação.

E Rui?

Rui continuava a revolver entre as mãos o monstro. Uma vertigem diabólica fazia outro tanto ao seu espírito, tão depressa afogado na humilhação como remontado ao entusiasmo da vingança. Ora se abalava para fugir para onde mais ninguém o visse, ora feria com a mão a testa e a terra com o seu tamanco. Figurava-se-lhe então que se resolvia a deitar fogo à casa: queria submergir-se com a bárbara sob as ruínas esbraseadas, ou sair com ela incólume por entre as labaredas; subir ao cume do telhado; esperar que as chamas houvessem feito um lago por baixo de seus pés; ao clarão delas, perguntar-lhe com voz cavernosa: «Conheces-me?» e despenhá-la de cabeça para baixo na voragem fulgurante.

– Ah! Tu cuidavas – dizia ele por entre os dentes – cuidavas que não havia mais que cevares-me de amarguras e ficares triunfando?! Sim, sim, a tua posição é superior à minha: tu ocupas o primeiro andar. Sim, sim; superior à minha é também a tua sorte neste momento. Eu preso e tu livre; eu foragido e tu senhora; eu filho de moleiro, tu afilhada da quinta dos Álamos; eu miserável e tu herdeira; eu, eu como um mendigo a quem falta até a água; tu regalando-te com o chá da Índia e tendo biscoitos até para dar. Oh! Oh! Mas sabes tu que eu posso fazer-te mais desgraçada do que eu sou? Transformar-te num objecto de compaixão universal? Que, para isso, me basta o querê-lo e que eu o quero?

E os seus olhos chamejavam como de lobo, fitos através das teias de aranha nas tábuas do tecto que num quarto de hora podiam desabar todas consumidas.

– Tu, tu não conheces ainda senão o João Simões; tu esqueces que dentro do João Simões está Rui, Rui o sem ventura, Rui o sem misericórdia. Canta, canta, diabo; também o melro canta no momento em que a espingarda lhe está apontando o raio contra o peito. Canta, canta, que bem depressa cantarão em roda de ti os clérigos. Canta, canta, que alguém te chorará perdida sem retorno. Não poderes tu debruçar-te neste momento para dentro do abismo do meu coração! Não poderes ver as coisas estranhas que por ele passam como uma procissão de finados à meia-noite! Oh, que havias de bramir! Oh, que havias de clamar piedade, piedade!

Aqui Rui tornou-se de súbito João Simões, precipitando-se para dentro do balseiro, enterrando-se outra

vez no bagaço até às orelhas. Acabara de pressentir segundo temporal, mais perigoso e mais próximo do que o precedente.

Ambrósio, assim que André chegou de fora, deu a escola dessa manhã por terminada e desceu com ele para o quintal.

Ao comprido da casa corria uma parreira em alpendre, com assentos rústicos entre porta e porta das abegoarias, para se tomar o fresco. Para ali é que ambos vieram conversar, mesmo aos umbrais do galinheiro. Tinham para isso duas razões: no quarto da morgada não havia janela para essa parte, e dois velhos podem tanto ter segredos para uma rapariga como duas raparigas para um velho.

– Pois saberás – disse o dono da casa – que vou mandar hoje mesmo a menina para a quinta dos Álamos. A pedra não foi atirada por nenhum dos meus rapazes.

– Não, não – atalhou André como em à parte.

– Aquilo foi vingança de algum namorado – prosseguiu Ambrósio – a quem a minha sobrinha não quis dar atenção. Mas... quem poderá ele ser? Aqui está o que a mim me faz cismar; não sinto por aqui ninguém que se atrevesse a levantar os olhos para ela. Em Aguim decerto que não; só se é algum sobrinho do padre ou algum fidalgo de dessas terras por aí à roda.

– E porque não há-de ser algum maltês daqui mesmo? Quer que lhe diga? O vizinho Cruz disse-me a mim que já duas noites, levantando-se a deitar de comer aos bois, percebeu um vulto por baixo da janela da menina; e jura ele, Deus lhe perdoe, que era, como quem o pintou, aquele manata grandalhão do rapaz do moinho.

– Que dizes, homem? Estás doido? Não pode ser.

– Não pode ser, não. Eu já cá botei as minhas contas: pelo sim pelo não, onde quer que encontre o valdevinos, desando-lhe uma roda de pau à mão tente; ponho-o em lençóis de vinho e obrigo-o a confessar-se comigo.

– Não pode ser, não pode ser. João Simões... não há dúvida que é azogado, mas atrever-se a rondar-me a porta, não se atrevia. Requestar minha sobrinha! Minha sobrinha que o podia comprar a ele com moinho e tudo! Minha sobrinha, que é três herdeiras, que lê francês, que dá sota e ás ao diabo, que às vezes até a mim me atrapalha com os seus argumentos, que escreve novelas e que anda por casa com sapatos de seda!!! Estás pateta, meu André. Se estivesses já tão fraco de braços como de miolo, não prestavas nem para meia dúzia de palmatoadas. Não vai por aí. Diz-me tu cá: tu dás fé, por estes contornos, de alguém chamado Rui?

– Nunca tal nome ouvi em dias de vida.

– Nem eu; mas o certo é que algum Rui deve haver, grande figurão, de boa cabeça, cativado, perdidinho de amores pela minha Angélica.

– Sim?!...

– Sim. Aqui tens tu uma carta assinada Rui que hoje achou um dos pequenos quando vinha para a escola e que me trouxe para se desembaraçar na letra de mão; é datada de ontem. Não tem sobrescrito; isto por fora é lama. Verdade é que por dentro não fala no nome de Angélica, mas por todos os sinais se conhece que era para ela, sobretudo por tocar duas vezes no «tio mestre». Mestre, aqui, bem sabes que não há outro senão o mestre Borges, tanoeiro, e o mestre Afonso, ferrador, nenhum dos quais tem sobrinha como eu tenho. Seja quem for, André, o que eu digo é que o maganão que isto escreveu teve bons mestres e não aprendeu para besta. Já me lembrou se será algum estudante de Coimbra, filho de algum ministro de Estado, ou algum marquês, ou algum brigadeiro, que visse a rapariga na quinta dos Álamos e que ande, coitado, a ver se a conquista. Se for assim... não digo que não; eu não a tenho para freira nem para empadas.

– Mas enfim, que é o que diz a carta? Hoje é o dia das achadas esquisitas. Também lá em cima, na encosta do sul do moinho...

– Ouve, quero ler-te primeiro a carta; logo contarás isso. Vamos a ver se me ajudas a adivinhar e se me aconselhas o que devo fazer.

Cavalgou os óculos no nariz, estendeu o papel a uma réstia de sol, olhou para André com certa ufania e leu:

«O meu destino chama-me à capital, mulher encantadora, virgem dos meus pensamentos entusiastas, estrela boieira do meu coração peregrino no ermo deste mundo. Sim, o meu destino chama-me à Corte, onde as honras me esperam. Queres tu partilhá-las, abandonar o mestre teu tio para me seguir?...»

– Vês, André? « O mestre teu tio para me seguir». Três pontinhos e uma garatuja. Por isso eu digo: o maganão é fino. Quando fores a Coimbra hás-de-me comprar o Almanaque dos Estudantes, e dos Deputados e Conselheiros, se o houver. Quero ver se lá vem algum Rui. Continua:

«Eu te farei uma sorte digna dos teus méritos, das tuas virtudes e da tua elevada condição.»

– Hein? Fala à política, André, ou não fala?

– Fala, fala. Leia para baixo – disse o ouvinte já meio aborrecido.

Ambrósio continuou:

«O teu coração foi fundido no mesmo molde que o meu e a natureza quebrou o molde.»

– Percebes, André? Está-lhe falando por figura.

«Quem poderia opor-se à nossa união? Se alguém o ousasse, oh!, ele seria vítima do meu justo furor. Eu lhe queimaria o cérebro.»

– Eu, cá por mim, por ora não me oponho.

«Se um amor imenso te serve, diz-mo e eu te arrancarei desta solidão como por encanto e tu irás, bela árvore do meu paraíso, florescer na margem do Tejo para admiração do Universo.»

– É com a minha sobrinha, André, não tem dúvida nenhuma; e está bem falado, olé, se está!

«Que teu tio se não lembre de resistir à minha felicidade ou eu o forçarei...»

– Que é lá? – perguntou o criado.

– Tem mão, homem – acudiu o fleumático velho, continuando:

...«ou eu o forçarei com a eloquência da minha paixão indomável, com as minhas lágrimas de chumbo derretido, com a pintura da tua ventura futura, com as ameaças, se preciso for; e se me levar à última extremidade, ponho-lhe um joelho sobre o ventre que o arrebento.»

– Não te rias, pateta. Isto é retórica. Isto são coisas como hoje se usam nos livros, só por dizer. Pois, homem, por que diabo me havia ele de querer arrebentar?

– Eu sei cá! – exclamou André. – O que lhe eu digo é que o alarve que escreveu essa carta podia ser o mesmo que ia matando a menina com o penedo. Se assim como aí vem Rui viesse João, já eu pegava no cajado e cortava para o moinho. Mas avie com isso que tenho mais que fazer na cozinha.

Ambrósio continuou:

...«um joelho sobre o ventre que o arrebento.»

– Não há-de arrebentar, não.

«Daqui a vinte e quatro horas a tua resposta. Sim, não. Não, sim. Não é o inferno, sim é o Céu. Não é a morte, sim a vida. Não é Aguilim, a obscuridade; sim é Lisboa, os prazeres e a glória. Enfim, reflecte nestas palavras solenes: Sim é sim; e não... é não. Quem me avisa, meu amigo é. Eu ponho à tua disposição ou toda a minha inteligência ou todo o meu delírio. Por ela posso chegar a semideus; por tile posso também chegar a fazer-

me um facínora espantoso, péssimo e até bastante mau. Não respondo pela vida do mestre teu tio nem pela tua, nem pela do teu

Rui.»

*

– Não fala de André?

– Não

– Acabou?

– Acabou. Que te parece?

– Que me há-de parecer? Que é um doido de meter no hospital ou um patife de encaixar nas galés. Mas eu cá atiro antes para doido.

– E eu não. Aqui há muita sabedoria moderna, tu é que és um asno que a não entendes. Mas então, que foi lá isso que me querias contar?

Saiu esta manhã a filha da Perpétua com o rebanho e foi para a lomba do outeiro do moinho. Os seus dois cães, que são bons, largaram as cabras e puseram-se a rapar na terra por entre umas moitas a farejar, a farejar e aos uivos que punham medo. A moça chamou-os, tornou-os a chamar, acenou-lhes com broa, atirou-lhes com pedras... Coisa nenhuma. Parecia que estavam ali pregados. Lembrou-lhe que poderia ser... eu sei o quê? Enfim, desconfiou fosse lá do que fosse. Aboca, Leão! Aboca, Bonito! Aboca, Leão! Chegou ao pé deles para ver a obra. Logo a primeira coisa que a admirou foi conhecer que a terra tinha sido cavada de fresco e muito bem calcada, ainda o rasto e o olho da enxada se percebiam. Depois afirmou-se e conheceu que lhe tinham espetado pés de mato, que ela é prática do sítio, costuma muito levar as cabras para aquela banda. Puxou pelo primeiro pé, saiu; puxou pelo segundo, saiu. Saíram todos. Por encurtar razões: até a enxada descobriu, que tinha servido para a manivérsia e que também tinha sido enterrada; não aparecia dela senão... tanto como isto. Botou o seu juízo, que o tem como as que o têm, e lá entendeu que o desatino dos cães alguma coisa queria dizer. Não sei se me percebe: carne morta, defunto. Assustou-se, coitada, e quem perdeu foram as cabras, que veio logo correndo com elas para o curral, à bordoadada aos cães que nem à mão de Deus Padre queriam largar o poiso. Logo que se rompeu a notícia no lugar, foi para lá a Justiça, o regedor, o escrivão e muita gente do povo; e também eu ia se não tivesse deixado ao lume os feijões, que para se esturrarem são da raça de todos os diabos.

– Visto isso, não sabes...

– Não sei mais nada. O que eu sei é que nas casas de Aguim dizem que se não achou ninguém de menos esta noite. Portanto, o morto foi de alguma outra terra...

– Rezemo-lhe por alma – disse mestre Ambrósio, tirando o chapéu e deixando reluzir ao sol coado por entre as parras a sua calva respeitável.

– Pois rezemos – respondeu André, sobraçando a carapuça de couro e pondo as mãos.

*

Iam já no *livrai-nos de todo o mal*, abre-se com estampido medonho a porta da capoeira, sai por ela um corisco em figura humana com a cabeça e a cara embrulhadas numa cinta vermelha; atira Ambrósio de costas para cima de um repolhal e André para cima de Ambrósio, galga o valado e voa.

André tornou logo em si; deu um pulo, arrancou um repolho alentado para lhe servir de arma e arremessou-se, valado em fora, na pista do fugitivo.

Rui levava-lhe já uma boa dianteira e não cessava de correr nem André de gritar após ele:

– Agarra, agarra, agarra esse ladrão, agarra esse raposo, agarra o diabo, agarra, agarra!

Ninguém aparecia.

Não admirava: o caminho que levavam era por fora da aldeia e toda a gente àquela hora, exceptuando algumas crianças e mulheres, estava lá para a lomba do outeiro a ver se reconheceria o assassinado logo que a sepultura silvestre o demitisse do seu bojo.

Duas ou três velhas que se topam na passagem, em vez de o agarrarem, fogem gritando:

– Aqui delirei!

Mariquitas, que por acaso vem atravessando o caminho com uma teia à cabeça e a sua roca de lã na cinta, fica imóvel. O homem da máscara vermelha pára diante dela, aponta para o céu, aponta para a terra, aponta para o sul, depois para o coração, depois para ela e diz... e diz alguma palavra que se não percebe, mas que deve ser sinistra. Esta curta dilação fez com que André diminuísse consideravelmente a distância que os separava e pudesse disparar-lhe o repolho contra a cabeça. O mancebo, aturdido com o baque, vacila, vai para cair, estende os braços para se ater ao pescoço da aldeã, a aldeã refoge para os do velho e o velho a repulsa oito passos para fora do caminho.

Com este incidente torna o desertor a ganhar uma sofrível dianteira; vão-se contra o rio de Viadores, que uma trovoada da véspera leva em caudal tumultuoso. Ali é que André espera tomar às mãos o malvado.

Enganou-se: Rui, sem titubear, despenha-se nas águas e some-se como visão de pesadelo ao acordar.

Imaginaí o desespero do providencial executor de justiça, burlado no momento mesmo da execução. Não sabe nadar! Não tem barco para continuar navalmente a sua perseguição! E por mais que espraie os olhos pela superfície líquida, não descortina por ela coisa alguma. Águas! Depois águas! Sempre águas! Quando muito... algum focinho de enguia que vem luzir ao olho do sol. Despedaça com os dentes a carapuça de couro, esbofeteia-se, daria uma roda de pontapés no seu próprio espinhaço.

– Acabou-se – disse ele enfim, desandando para a aldeia com as lágrimas nos olhos. – Acabou-se, está afogado. Mas não o ter eu ao menos conhecido para saber a quem havia de rogar pragas todos os dias ao meio-dia em ponto!!!...

Exumação judiciária

Não tinha ainda o desconsolado André chegado às primeiras casas do lugar quando lhe lembrou o enterrado. Torceu o caminho para a lomba e chegou no instante, precisamente, em que se dava começo à escavação.

Um escrivão de aldeia não é um taquígrafo e o cabeçalho do auto da achada, por onde se julgara indispensável principiar, levava mais de duas horas. Os espectadores já se iam impacientando.

Às primeiras enxadadas, perceberam todos claramente um fartum de cadáver; cresce a diligência nos cavadores; multiplicam-se nos curiosos as conjecturas. Prossegue a obra; já se enxerga um cobertor de lã parda envolto em forma de saca, cheio com um vulto que andarà por comprimento de mulher ou de homem de meia estatura. O fardo está liado com uma corda de estopa pelos pés, pela cinta e pela cabeça. Desamarra-se em presença das testemunhas; desenrolam-no. O cadáver... são três queijos da serra, metade de um presunto, um salpicão em palaio de báculo, alguma roupa branca de homem, lençóis e uma coberta, livros, um tinteiro de chifre e um saquitel de pele de cabra retesado de cruzados novos.

O cheiro do salpicão e dos queijos, que já não eram da primeira mocidade, fora provavelmente o que atraíra os cães e o que aos aldeões preocupados se representava exalação cadaverosa.

O enigma estava pois resolvido, mas resolvido noutra enigma. Devia de ser aquilo um roubo: mas quem roubou jamais para enterrar, sobretudo comestíveis...

Neste comenos voltava Pedro para o moinho, levando por cima do ombro a arreata da sua jumenta ruça, gorda e mansa como ele, carregada de sacos de milho em grão.

Tinha saído antes de luzir o buraco; ignorava tudo que ali se passara enquanto andou por fora e muito confuso ficou mal que de longe enxergou tamanho ajuntamento. Não podia atinar com a razão daquele reboição quase à sombra das suas velas tão solitárias e tão pacíficas. Achevou-se para o saber.

As primeiras palavras que lhe tornaram fizeram-lhe atirar por ares e ventos a arreata, o que a burra não desagradeceu por se ir deitar a comer ao pé de uns cardos em que já de longe trazia o olho. Em dois pulos se pôs ao pé do estendal que servia de corpo de delito e à roda do qual estavam as Justiças a inventariar com toda a gravidade.

– Jesus! Jesus! Jesus, que estou roubado! – clamou fora de si e despediu com os dedos na boca dois assobios retinidos para o moinho, com que logo lá da janelinha apareceu, como um novelo de linhas brancas, a cabeça da moleira. Acenou-lhe e bradou rijo que viesse depressa, que estava o seu haver entre as unhas... não disse de quem por não ofender as autoridades constituídas, árbitras então da sua sorte.

A tia Teresa de Jesus (era o nome da moleira) de nada tinha dado fé. O rum-rum das mós, a lida do moinho e da cozinha e o muito que a velhice lhe consumiu o lume dos olhos, daqueles olhos que enfeitiçaram havia quarenta anos os de Pedro Simões, foram parte para que lhe escapasse o espectáculo e rumor que na lomba iam havia horas. Saiu manquejando, por causa dos calos, e não ficou menos maravilhada que o seu Pedro logo que este lhe disse e ela reconheceu, chegando-se mais perto e engrilando os olhos, que o seu remédio, mourejado com tanto suor e em tantos anos, se achava ali ao deus-dará e à mercê de escrivães, que nem por isso (segundo a fama) são lá dos mais apertados maqueiros.

Os gritos e protestações do enfarinhado par, gente de notória probidade, fizeram moça nos ouvintes, no regedor e até no escrivão.

Entretanto carecia-se de provas.

O moleiro disse que na bolsa, se contassem, haviam de achar dezasseis moedas em pintos e dez peças de 7\$500 reis.

Contou-se, era exacto.

Teresa de Jesus acrescentou que a roupa devia ter na marca uma cruz com suas crescências nos braços em forma de velas de moinho.

Assim era.

Quanto aos chouriços e aos queijos, pedia ao sr. regedor que fosse com ela até à cozinha a fim de se certificar, pelos seus olhos, se a cana do fumeiro estava ou não aliviada e se no pote do azeite havia ou não havia outros queijos irmãos daqueles. O magistrado, depois de algumas perplexidades, averiguando ser exacto quanto lhe afirmara a velha, veneranda figura, a cujo pescoço, no meio das suas gesticulações, traquinava sobre um cacho de figas e verónicas um rosário grosso da Terra Santa, o prudente magistrado mandou se lhes restituísse tudo perante as testemunhas presentes, fazendo-se disso mesmo declaração no auto da achada para o caso possível de recrescerem no futuro algumas imprevistas reivindicações.

Dispersada a turba, Teresa de Jesus e Pedro Simões recolhem toda a sua fazenda e carregam com ela, como podem, para o moinho, mui pensativos e cuidadosos no como e por quem, e para quê lhes poderia ter sido feito aquele roubo; sendo que, ou ele ou ela, e as mais das vezes ambos os dois, residiam na pousada, e o interior desta com um relance de olhos se abrangia todo. O dinheiro, que estivera sempre no fundo de um arcão sem chave, foi enterrado a um canto da lareira.

Enquanto a mulher punha o jantar, Pedro serrou para a porta uma tranca nova e mais segura, carregou e escorvou a sua espingarda caçadeira, aguçou dois forcados para, em caso de assalto, defenderem o seu castelo, e arrumou este arsenal à cabeceira do seu tálamo de palha.

O jantar foi triste.

O seu João saiu do moinho antes de eles acordarem. Não sabem para onde e ainda não torna. Verdade é que muito mais largas ausências lhes tem ele já feito e muitas noites de luar de Estio, e até muitas fechadas de água, no coração do Inverno, as costuma passar pelos pinhais e gândaras, principalmente depois que a aia da quinta dos Álamos lhe ataca de livros as algibeiras todas as vezes que ele lá vai.

Sim... Mas dias há que o sentem mais carregado que de costume, mais carrancudo, mais cismático, mais atravessado nas respostas, mais inimigo do trabalho e mais pronto em zurzir o jumento quando o mandam levar nele a moenda a algum freguês.

Não há ainda quarenta e oito horas que, tendo por acaso adormecido à ceia em consequência de uma espertina que o tomara havia tempos, deixou escapar por entre os dentes algumas palavras com que os pobres velhos olharam um para o outro e um ao outro se viram pálidos como defuntos: parece que dizia que se matava com rosálgar.

Já se vê que os receios não eram de todo sem fundamento e cada hora que batia lá ao longe, na torre de Aguil, lhos tornava mais inquietos e pungentes.

Teresa debruçava-se a cada um dos postigos de cinco em cinco minutos e Pedro de quarto em quarto rodeava por fora a desconsolada vivenda com passo vagaroso e olhos longos até onde a vista se podia ir.

Eram estas as únicas revelações que um ao outro faziam das suas penas íntimas, mas ambos as

adivinhavam todas. Não se vivem quarenta anos em comunidade de mesa, de cama e de trabalhos sem que as almas se mutuem.

Pedro bem calculava, pela pressa ou pelo vagar com que descia cada conta no rosário da mulher, quantos rogos com lágrimas ocultas iam apegados a cada ave-maria; e Teresa, no mesmo cantar mais alto do marido lhe estava percebendo os disfarçados gritos do coração.

Como não podia deixar de ser triste e mudo o seu jantar se entre os seus mochos rasos estava desocupada a cadeira branca de pinho da feira de Março em que Pedro, o seu Pedro, a esperança da sua velhice, costumava estar sentado, enchendo-lhes o copo e contando-lhes histórias apaixonadas ou sanguinolentas dos livros em que andava lendo!...

De mais a mais, com as imaginações preocupadas daquele recente caso do roubo e com o mistério insondável que o envolvia, todas as desgraças se lhe representavam agora mui possíveis.

Era evidente que tinham inimigos; que estes (fossem quem, fossem) tinham entrado no moinho enquanto se dormia. Logo, assim como lhes tinham roubado os haveres para os enterrarem, podiam-lhes também ter morto, levado e enterrado o filho.

Cada hora da tarde se lhes ia fazendo mais longa que a precedente.

Sentados ambos diante da porta, interrogavam com os olhos os caminhos a serpear esbranquiçados através das planícies dos vinhais ainda verdes, mas já começados a descorar ao bafo macio do Outono, daqueles vinhais por onde todos os rapazes e raparigas da aldeia dentro em poucos dias se veriam andar rindo e saltando com as folganças da vindima.

Se o seu Pedro tornaria jamais a distinguir-se pelas suas tão festejadas cantigas entre os ranchos afortunados!!!...

Pôs-se o sol; anoiteceu-lhes ainda mais o coração. Foi-se carregando a escuridade; ficaram interrogando, com o silêncio, o silêncio dos arredores. Ah, se eles soubessem o que esta manhã engoliram as águas de Viadores!!!...

Era já noite cerrada sem nenhum se lembrar da pobre enxerga. Como parariam lá, eles que ignoravam onde o seu João poisava àquelas horas?

Sentem passos muito ao longe; levantam-se como atirados para o ar por uma só mola de aço, apertando um a mão do outro e apupam. Ninguém respondeu, mas os passos parecem vir subindo a lomba contra o moinho...

De novo chamam; responde-lhes uma voz. Oh!, não é a de João. Recaem, soltando as mãos um do outro, e choram, Pedro em silêncio, Teresa como quem já não pode conter-se por mais tempo. Que lhes importa a eles quem lá vem se quem lá vem não é seu?

Chegou.

– Boa noite, sr. Pedro, mais a companhia. Entremos para o moinho, e fecharão a porta que temos que falar.

Era o regedor da paróquia, o mesmo que de manhã presidira à exumação.

Um magistrado

A casa estava ainda às escuras. Procuraram às apalpadelas a cadeira de Pedro, fizeram assentar nela o sr. regedor no meio da cozinha, acenderam no lar uma fogueirinha de pinhas bravas que ardiam e alumiam que nem candeias e ficaram-se de pé, aguardando desassossegados o que diria.

O honrado funcionário, com os olhos vagando pelo tecto, acariciava com uma das mãos calosas o bojudão ventre; com o indicador e o polegar da outra apertava, torcendo e retorcendo levemente, o beijo de baixo, que se via bulir como quem mentalmente está concertando frases de que espera maravilhas. Puxou, enfim, do bolso da jaqueta de pano de varas um baú' de simonte, que era a sua livraria para os casos espinhosos, sorveu uma pitada depois de oferecer com sorriso benévolo, escorvou a garganta e disse, repotreado-se na cadeira, com o braço esquerdo pendido para trás dela, a cabeça meio à banda e a mão direita assente com os cinco dedos bem abertos sobre o calção, que fora de veludo preto nos dias áureos de seu avô, lavrador como ele de trinta pipas (para mais) de vinho óptimo, o que a ele lhe dava uma furiosa preponderância em todos os negócios e eleições da freguesia.

– Pois sr. Pedro, e mais aqui a senhora, confesso que não sei bem por onde principiar. Sou magistrado novo (tinha sessenta anos mas era regedor havia poucos meses) e o caso é extraordinário. Chouriços e queijos não se desenterram todos os dias. Bem viram Vossemecês como eu lhes mandei entregar todo o achado prontamente. Não tem que me agradecer; não fui a Coimbra mas sei fazer justiça.

– Isso lá é verdade – disseram à uma ambos os cônjuges.

– Fui para casa – prosseguiu ele, parecendo não haver reparado na interrupção – e contei o caso a minha mulher. Ela, que se lhe enfiassem umas calças e uma véstia, podia parecer um homem, e à falta deles e de mim serviria muito bem de regedor, disse-me que não devia dar tão depressa a diligência por concluída. Isto de mulheres, são finas!!... Pois que digo eu? São ou não são, sr. Pedro?

O moleiro inclinou a cabeça em sinal de assenso; a velha apercebeu-se que teria sorrido se não lhe faltasse o seu benjamim.

– Disse-me – continuou o magistrado – que não bastava ter-se achado e restituído o furto; que era mister, para crédito e glória da minha regedoria, descobrir e castigar o ladrão ou ladrões que tal fizeram; e que talvez, falando eu com Vossemecês, pudéssemos, com a minha esperteza natural e mais com a dela, atinar com o fio da meada. Digam-me cá, portanto: sobre quem é que recaem as vossas suspeitas?

– Sobre ninguém – responderam os dois, também uníssonos. (Foi outro efeito dos quarenta anos de comunidade.)

– Olá! Sobre ninguém? – exclamou o representante da polícia. Emudeceu por um breve prazo e prosseguiu:

– Ora vamos a ver se os meto a caminho para futurarem alguma coisa. Quem são as pessoas que moram com Vossemecês neste moinho?

– O nosso filho Pedro e ninguém mais.

– Ninguém mais. Muito bem. E a sua porta, de noite, como fica?

– Trancada por dentro, está bem de ver. Moramos num descampado... e a gente não sabe quem lhe quer bem e quem lhe quer mal.

– Isso é, isso é. Mas vamos. É claro que o roubo não se cometeu senão enquanto Vossemecês estavam a dormir.

– Assim parece.

– Ergo, logo, portanto, o ladrão, por consequência, não podia ser outro senão o seu rapaz.

A moleira fez-se escarlate; o moleiro, amarelo; o representante do Estado conservou a sua cor, que era morena.

Aquela consequência parecia realmente bem tirada; mas a lógica do entendimento nem sempre é a do coração. O de Teresa de Jesus e o de Pedro Simões davam pulos, a protestarem contra a possibilidade de tal suposto. Sua Senhoria teve dó deles, mas tinha ainda em muito maior grau medo da Sr.^a regedora e levou por diante a martirização:

– Esta suspeita da Justiça, de que eu sou, por que assim o digamos, o órgão, há várias circunstâncias que a corroboram. Onde está o seu filho?

– O meu Pedro – acudiu a boa Teresa de Jesus com uma presteza realmente feminina. – O meu Pedro é, com perdão de Sua Senhoria, *poeta*. Muito bom rapaz, sim, que sempre o foi; mas cá disto... de bola... não trabalha certo. É como um moinho: para onde lhe dá o vento. Tem noites que as passa todas como um tolo a ler à candeia e tem outras que as leva a romper tamancos sozinho por esse mundo de Cristo. Às vezes diz-me o meu Pedro: « O diabo do rapaz será lobisomem? »

– Tudo isso confirma ainda mais as presunções da Justiça, de que sou órgão. Pois que demónio tem ele que fazer de noite lá por fora? De noite não andam senão os ladrões e os bichos; ora bicho não é ele: ergo, logo, portanto, segue-se por consequência...

– Que é *ladrão*, sr. regedor? Que é ladrão?!... – disse o moleiro, relampagueando com os olhos para a cabeceira da cama, onde tinha posto os dois forcados. – Então Sua Senhoria lá lhe parece que não é mais que dizer, por *ergo* de consequência, que um homem que é ladrão?!...

A moleira tremia e acudiu outra vez:

– Não tarda, não tarda, sr. regedor. Não é ladrão nem é bicho: é rapaz, gosta de se advertir; traz lá aquelas coisas dos livros encasquetadas nos miolos. Acha graça a andar por montes e vales a berrar ao Sete-Estrela por onde ninguém o ouve. Pior fazem os outros que andam de noite à tuna, a desinquietar rapariguinhas honradas, a meter-se pelas frestas da casa alheia como gatos e a dar paulada em quanto pilham.

– Mas... Se lhe eu disser, mais aqui ao seu companheiro que Deus guarde, se lhe eu disser que, depois que daqui fui, recebi duas denúncias contra o seu rapaz pelas quais se prova (segundo a opinião de minha mulher, a minha e a de vários outros autores) que ele não é dos que dizem às fêmeas «passa-fora»!...

– Isso lá (vamos nós e venhamos, sr. regedor), nem Vossa Senhoria... – rosnou o moleiro; e diria mais se a moleira lhe não desse com o cotovelo no vazio que lhe fez ver as estrelas.

– Se lhe eu disser que ele costuma, sem ser regedor nem escrivão, andar de noite a rondar as ruas! Que o... enfim, que um cidadão, levantando-se algumas noites para deitar de comer aos bois, o viu estacado como um estafermo debaixo das janelas do... enfim, de outro cidadão que tem uma sobrinha (que não é ela nenhuma asneira)!

– Ele!?...

– Ele!?...

– Sim senhor, ele, ele. E se lhe eu disser que à janela da tal dita menina se atirou esta noite um calhau que a ia matando, o que por consequência se prova que era de homem apaixonado?

– Apaixonado! Ele?!...

– Ele apaixonado?!

– Sim senhor, apaixonado. E se lhe eu disser que talvez fosse ele o que passou esta noite no galinheiro da tal dita casa, que lhe estruiu uma deitadura de ovos, que lhe matou um galo que valia seis tostões, que ia matando o cidadão no asilo do seu parreiral e, juntamente, um criado velho do mesmo cidadão, o qual criado foi ele o próprio denunciante?!

– Não pode ser.

– E se lhe eu disser... – Aqui o regedor levantou-se, pondo o chapéu e abotoando a véstia. – Sim, se lhe eu disser que hoje foi visto por uma lavadeira atirar consigo ao rio de Viadores e afogar-se um homem a quem outro perseguia dando vozes de ladrão, indo ambos cá da parte de Aguim; e que o tal dito afogado, a quem se não pôde ver a cara, era alto, escanzelado, vestido de branco e logo, portanto, não podia, por consequência, deixar de ser João Simões!! ... É dar graças ao Altíssimo, que o livrou assim das mãos da Justiça e de lhe envergonhar as suas barbas honradas. Enquanto a ele, estão arrumadas as contas agora o que eu pretendo saber de Vossemecês é quem são os amigos com quem ele mais lidava, a ver se descobrimos, como diz minha mulher, o fio desta meada e se tiramos em limpo a razão por onde o roubo foi enterrado. Esta circunstância é muito fora do usual e merece à nossa Justiça o maior cuidado.

*

Teresa de Jesus tinha-se ido ao chão sem dizer nada e estava com a cara fincadinha entre os joelhos, sem bulir. Pedro Simões arrumava-se à parede, hirto, enfiado, sem ver nem pestanejar e com a garganta tomada de um nó.

O regedor conheceu que não era ocasião para mais exames e, pesaroso lá por dentro, como bom homem, do mal que deixava feito como boa autoridade, saiu levando uma das pinhas acesas por causa do escuro da noite, que estava de meter os dedos pelos olhos.

Ao transpor o limiar, disse ainda para dentro:

– Fiquem-se com Deus.

Mas ninguém lhe tornou resposta, nem o ouviram.

*

Que trovoada magnífica não ameaçava a terra!

Todas as estrelas se tinham apagado; nenhuma bafagem movia as plantas e as nuvens corriam a amontoar-se no sul, como Caramulos, Buçacos e Marões arrepiados de castelos bem artilhados para um combate próximo. A mudez do ar tépido condizia com a expectativa medrosa das campinas, só ressoavam de parte incerta os ais compassados de um mocho.

O sino de Aguim bateu a última hora da meia-noite.

Pareceu aquela badalada sinal esperado pelos espíritos ocultos da natureza. O regedor, voltando-se para o moinho, de que ainda não distava mais de quinze ou vinte passos, a fim de se orientar no rumo, viu, no abrir súbito de um relâmpago como sol, um fantasma branco, alto como dois homens, quedo como uma torre, à esquerda da porta pintada de vermelho. Saltou-lhe fora a lumieira da mão e benzeu-se com ela toda aberta por

três vezes, tartameando com voz sumida:

– Jesus! Santo nome de Jesus! Se és coisa má, eu te esconjuro...

Sua mulher acreditava firmemente nas almas do outro mundo; sua sogra até as tinha visto.

Segundo relâmpago mostra-lhe o braço do avejão estendido, imoto, a intimar-lhe que se parta.

Ao fulgurar do terceiro, vê-o desaparecer para dentro do moinho. As velas estão na mais completa imobilidade.

Uma bombarda de trovão estoira por cima do sítio com estampido que retumba pelos arredores. O mesmo terror o torna em si. Sem mais olhar para trás, redescende à carreira a fatal encosta, onde nunca oxalá tivera vindo!

CAPÍTULO XII

O fantasma

Continuava a trovejar; saltitavam já pelo campo algumas poucas e pesadas gotas de água. O regedor picava o passo, ansioso de se ver entre os lençóis da sua cama, com a porta bem fechada, para tomar parecer com sua discreta companheira sobre as estranhas coisas daquele dia e daquela noite endiabrada.

Mas a chuva ia a mais e tanto recresceu com a ventania que assoprava do sul, que lhe foi forçado acoitar-se debaixo de uma soveira grande que, pouco desviada do caminho, oferecia tenda suficiente contra o temporal para cem e ainda duzentas pessoas. Parado estava já ao abrigo da sonora ramaria, a espreitar se pestanejava pelo céu alguma estrela e a procurar com os pés alguma raiz descarnada do seu hospedeiro para fazer dela assento, quando para o pé do tronco sentiu o que quer que fosse; e logo, virando para ali os olhos, percebeu com espanto que parte do mesmo tronco se bulia. O medo extremo dá às vezes em audácia. Bradou:

– Quem está aí? – com uma arrogância que estava bem ao cargo, mas com uma voz tão desentoadada que ele próprio a não conheceria por sua.

– E Você quem é? – respondeu-lhe um homem que a escuridão lhe fizera tomar por parte movediça da árvore a que estava arrimado.

– Eu sou o regedor desta paróquia. Mas Você...

– Eu sou o André, criado do sr. mestre Ambrósio e mais de Vossa Senhoria, sr. regedor.

– Que fazia aí?

– O mesmo que Vossa Senhoria, cuido eu: abrigava-me da chuva.

– Para onde ia?

– Lá para cima, para o moinho.

– Grande força de negócio deve ser a que o leva, em noite assim e a tais desoras!

– Não é pequena, não é pequena, sr. regedor. Vossa Senhoria vem só?

– Para que preciso eu de rabo-levas? Não tenho medo de ninguém. (Não era verdade: esquecia-se da esposa.) – E Você traz mais gente consigo?

– Eu também não tenho medo de ninguém, senão de Deus, que me há-de matar, e mais das almas do Purgatório, que para isso todos os anos lhes mando dizer uma missa na sua capelinha da Areosa.

– Lá nisso tem razão. Chegue-se para aqui. Pilhei uma raiz que dá poiso para dois. Quero conversar outra vez com Você, sr. André, a respeito daquilo em que hoje falámos.

– Pois sobre isso mesmo é que eu desejava também conversar com Vossa Senhoria. Visto que ninguém nos ouve e o tempinho está com cara de aturar, melhor o podemos aqui fazer que em nenhuma outra parte.

– Logo, portanto, diga Você por consequência o que é que tinha para me participar.

– Pois, sr. regedor, depois que o homem saltou ao rio e se afogou... por querer... que eu, por mim, bem sabe Vossa Senhoria que lhe não pus mão nem dedo; dentro numa hora já me tinha passado a paixão; que eu sou assim; morrendo o bicho, morre a peçonha; fogacho de palha e depois... coisa nenhuma. Pelo contrário: principiou-me a roer cá por dentro o coração e eu a arrepiar-me. Sempre era um defunto que eu tinha às costas, para me abuzinar às orelhas no dia do júizo. Às vezes lembrava-me que podia não ter morrido o sacripanta; ainda que, a dizer a verdade, não entendia bem o como, visto não ser ele boga nem lampreia, mas, enfim, neste mundo

sai tanta coisa que se não espera!... Depois que vi desenterrar os balhestos do moleiro, tornei-me ainda a Viadores; olhei, procurei, botei inculcas... Nada, nada e nada. O que lucrei foi deixar sem jantar o patrão e perder a tarde. Anoiteceu, ainda foi pior. Não parava; não sabia o que fizesse. Tinha medo. Ouvia cochichar por trás da nuca, virava a cabeça, não via ninguém. Meti duas torcidas na candeia da cozinha e tudo o que enxergava era transtornado. Um derreamento nas pernas e braços! Nem sentado, nem de pé, nem deitado; não podia. Foi-me preciso descer ao quintal a apanhar uns coentros para a ceia; olho para o valado e lobrigo... (t'arrenego, diabo!) na mesma aberta por onde o nosso raposo tinha fugido... um fantasma branco! Atirei-lhe com a candeia, voei pela escada acima e bati-lhe com a porta na cara, se é que aquilo tinha cara, Deus me perdoe!... Que eu, por mim, não lha vi...

– Está célebre! Está célebre! Combina. Vá por diante.

– Às 10 horas chegaram a aia e o escudeiro da quinta dos Álamos para passarem a noite e abalarem pela manhã cedo, antes do calor, com a menina para casa da madrinha. Tinha-lhe o tio escrito que a mandasse buscar, lá por via de uma carta... Enfim, isso não vem para o caso. O escudeiro veio para a cozinha ver-me fazer a ceia (que afinal sempre ficou sem os coentros). Conteí-lhe o que tinha visto no valado, à espera de que me ele dissesse que havia de ter sido engano meu e que não havia almas do outro mundo e tal... Que o escudeirinho é um homem como se quer: foi emigrado, andou nas guerras, pinta letras melhor que o nosso escrivão e então para ler versos! Tem uma prosa que é um gosto ouvi-lo.

– Mas enfim...

– Mas enfim, disse-me muito sério que bem poderia ser; que já se tinham visto coisas mais raras. E contou-me uma história de um vampiro feita por um inglês doido que esteve na Grécia, chamado (parece que me disse ele) o Lorde Beirão...

– Adiante.

– Fiquei ainda pior do que estava. Há no mundo uns tantos livros que se deviam proibir.

– Diz bem. Adiante.

– Esperei que se recolhessem todos às suas camas (menos a menina, que se não recolhe senão de dia) e fui ter com o vizinho Cruz, que é também muito entendido; a respeito de coisas más e de sabedoria para curar bois, é o que cá temos. Respondeu-me que tanto queria crer no que lhe eu dizia que não havia ainda cinco minutos que, estando à janela a Sr.^a D. Angélica, passara pela rua, com andar vagaroso, sem fazer ruído nenhum, uma figura branca, pouco mais alta que o João Simões, mas do seu feitio, que parara diante dela com as mãos postas, meneando a cabeça de cima para baixo, como quem a chamava para si; ao que ela não respondeu senão com tirar-se da janela e fechar-lha nas ventas muito de rijo. Então a figura transpôs e à esquina desapareceu. O diabo da história do vampiro tinha-me posto o juízo...

– Adiante, adiante, homem. Você a contar é como um burro velho em estrada de Inverno: atola-se a cada passo.

– Obrigado, sr. regedor, pela cortesia. Disse eu então com os meus botões que o melhor de tudo era ir à fonte limpa: chegar ao moinho a saber se o João estava lá ou lá tinha aparecido desde manhã. Se assim fosse, claro estava...

– Que se não tinha afogado e que logo, portanto, não era ele por consequência a coisa branca que Vocês tinham visto.

– Pi, à, pá, santa Justa: assim mesmo é que eu discorri e por isso para lá ia quando me apanhou esta cachorra da chuva, que leva jeitos de não acabar nunca.

– E foi bom para Você, sr. André. Se tem chegado ao moinho, a primeira coisa que lá achava dentro era o seu fantasma.

– Que me diz Vossa Senhoria? Pois o diabo já lá chegou?!... Sempre aquilo de andar descalço, à moda do outro mundo, faz a gente muito leve! Então sempre eu digo que os vampiros... Mas conte-me isso por quem é.

Ia o regedor satisfazer-lhe a curiosidade quando ao longe avistaram uma luzerna que vinha para a sua banda. Calaram-se e refugiram para trás do tronco, à espreita do que tão inopinada novidade poderia dar de si.

A regedora da paróquia

Seguia a luz a vereda do moinho, a cuja orla se achavam os nossos dois terrificados; bruxuleava, escondia-se, tornava a aparecer, crivava-se, anuviava-se ou resplandecia em cheio, segundo eram os meandros pelo boleado do terreno, o despido, o silvoso ou o tapado das suas margens.

Só quando se chegou mais é que perceberam que os intempestivos viandantes eram um vulto a cavalo, com um gabão escuro e guarda-chuva de holanda crua, e outro a alumiar-lhe com um archote quase metido no focinho da besta. Àquela hora, devia ser cirurgião ou sangrador chamado à pressa para alguma aflicção e acompanhado de algum moço ou vizinho do enfermo. Pois não eram senão a mulher e o criado do regedor.

Conheceu-a ele primeiro pela fala e, quase no mesmo instante, pela espécie de medo involuntário que lhe causou a sua aparição. Sai da emboscada; fala-lhe de longe para a não atemorizar e, correndo a tomar-lhe a rédea para a conduzir para baixo da soveira, pergunta-lhe admirado pelo motivo de tal saída.

Era o caso que a Sr.a D. Quitéria Maria, esposa e assessora do magistrado, era destas a que chamam mulheres de armas, e podia vagamundear sem perigo mas que fosse por terras de infieis e desacompanhada.

Como nunca de seu marido (nem de outro algum) tivera filhos e, segundo escrevem filósofos, toda a predisposição de bons e ruins affectos, mais pela tralha mais pela malha, se há-de sempre preencher, nele empregava, como em criança pequena, toda a sua actividade maternal. Fazia-lhe as obrigações de fora depois de feitas as da casa; por sóis e chuvas lhe andava com os ranchos da cava ou com toda a gente da ceifa; ao sábado fazia-lhe a barba; no princípio de cada Março, a tosquia e, de dois em dois anos, calças novas talhadas e cosidas por suas mãos, que para tudo as tinha habilidosas; receitava-lhe e enfermava-o nas suas macacoas; dirigia-o nos seus negócios; notava-lhe as cartas se tinha de as escrever; lia-lhe e explicava-lhe os officios que lhe vinham; e ponto por ponto lhe ensinava o que devia fazer no desempenho do seu cargo.

Com verdade se podia afirmar que, se não merecia trazer vestido de chita com xaile de algodão, merecia bem as barbas que Deus lhe tinha posto na cara com mão larga.

Depois que mandara ao sr. Afonso Alves, seu consorte, para o moinho a fazer as inquirições a que assistimos, ocorrera no lugar coisa que a obrigou a aparelhar a égua e a ir-se em cata dele; por modo que o zelo do serviço era uma das razões que a traziam, sendo a outra, e porventura a principal, o impedir que voltasse a pé, às escuras e sem chapéu de chuva nem capote, por uma noite como aquela se tinha posto.

Saltou do albardão abaixo com um pulo e, sentando-se no rústico e nodoso banco onde estivera seu marido, o qual se ficou em pé diante dela, mandou ao moço que se retirasse para o fim da ramada com o archote e pediu a André que o seguisse, pois se tratava, disse ela, de coisas de serviço.

Tanto como se viram sós, deu começo à sua relação.

Às 10 horas e meia da noite, estando já a aldeia quieta, sentiramse nela gritos para a banda da Portela, não longe da sua casa. Chamou por dois moços e pôs-se logo na rua para ver o que era e dar as providências policiais que o successo requeresse.

Toda a vizinhança macha da tia Eufrásia tinha saído de suas camas, de seus currais, de suas cozinhas ou dos seus palheiros, uns vestidos, outros em mangas de camisa, outros embrulhados em mantas; estes com fueiros, aqueles com chuços, e andavam numa grande altercação sobre se arrombariam ou não arrombariam a

porta da cidadã velha donde tinham saído gritos de aflição seguidos de profunda mudez, que não tornara a ser quebrada.

A Sr.^a regedora Quitéria Maria cortara com uma palavra o nó górdio, decidindo que, pois de dentro se tinha pedido socorro, se podia e se havia de fazer o arrombamento.

Meteu ombros à porta; dois valentões reuniram os seus esforços aos dela, foi dentro.

Eufrásia e Mariquitas jaziam desmaiadas no chão, cada uma ao pé da sua cama. A candeia ainda acesa mostrava-as quase nuas, razão por que a magistrada gritou aos homens que não entrassem. Fechou a porta e dirigiu-se, só, a socorrê-las. A poder de muita água fria pelos rostos, volveram em si.

Ficaram admiradas e pareceram sentir um grande alívio em ver pessoa quase do seu sexo que as confortava e era muito bem capaz de lhes valer contra meio mundo, se quisesse, e assaz lhes mostrava que o queria.

Eis aqui, em poucas palavras, o depoimento delas, logo que lhes foi possível concertar as ideias e explicarem-se.

Acabavam de se despir; estavam ainda rezando as suas devoções para apagarem a luz e deitar-se para baixo; iam já no último padre-nosso oferecido pela mãe às almas que estão ardendo nas penas do Purgatório, a que a filha acrescentou «e pela alma do afogado», quando, por cima das ripas do tecto, sentiram as telhas traquinar no direito da candeia pendurada entre as duas barras. Voaram para aí todos os quatro olhos...

Viram uma abertura por onde saía um braço vestido de branco, a chamar com a mão para cima; aceno acompanhado de uma voz do outro mundo, à qual só perceberam:

– Maria da Eufrásia, Deus manda-te dizer... que saias para a quintã.

Não ouviram mais nada porque cada uma deu um grito, reviraram-se, caíram para o chão e perderam os sentidos.

Imagine quem puder como ficaria o coitado de Afonso Alves sabendo desta nova aparição, ele que tão abarbadado se via já com as anteriores e a quem nem sua mulher era capaz de mostrar, no Código Administrativo, o que um regedor possa fazer para livrar de avejões o seu distrito. Começou a contar, como desculpa do tremor que sentia, o que ele mesmo ao sair do moinho presenciara; e já o seu susto ia calando na alma da ouvinte, mas secou-se-lhe a voz e não pôde mais que pegar na mão de Quitéria e apontar-lhe com ela para a égua...

Quem o creía? Um fantasma branco, ao reflexo longínquo do archote que parecia soluçar já os seus últimos paroxismos, montava serenamente no bruto. Com a esquerda fazia-lhes sinal de não bulirem e com o índice da direita sobre os lábios intimava-lhes segredo.

Com efeito, ninguém falou e ninguém buliu. O fantasma encavalgado torceu as rédeas à égua, começou a afastar-se a passo lento, continuou a trote, depois a galope, a toda a brida, e desapareceu na escuridão.

Trovejou pela última vez e um remoinho, com que o facho acabou de expirar, atormentou desde os píncaros até às raízes a soveira, tão espavorido na aparência como os seus mesmos protegidos.

A venda do Peneireiro

Eram 9 horas da manhã seguinte. As janelas do quarto dos regedores (ou do regedor hermafrodita) estavam ainda por abrir. Ambas as metades dormiam, moídas da larga vela e extraordinários abalos padecidos durante a noite.

Nem o sino da missa ao nascer do sol (pois era domingo) os acordara; nem tão-pouco a necessidade que deviam ter de se refocilarem com alimento; nem sequer a matinada, que já por três vezes lhes tinha feito, a bater com pedras na porta, um homem que dizia ter que lhes falar e vir com pressa. Obrigado a resignar-se, tinha-se ido afinal sentar num poial fronteiro, esperando que Deus, que ressuscitou a Lázaro, arrancasse daquela espécie de encantamento a autoridade protectora do distrito.

Enfim, as janelas abriram-se.

Tornou a bater. D. Quitéria gritou-lhe de dentro: quem era? Respondeu que o vendeiro Santos, do Peneireiro.

Foi instantaneamente recebido. Era o melhor e mais certo freguês da adega do regedor, da qual, um mês por outro, se pode dizer que mandava ir uma pipa para o gasto da sua taberna. Desta vez, porém, não vinha a comprar, senão só a dar parte de um acontecimento em que a Justiça devia por força intrometer-se.

Por volta das duas horas da noite fora um cavaleiro bater à porta da sua venda, pedindo vinho em todo o caso, fosse o que fosse para cear e cama ou coisa que o valesse para até à madrugada.

O vendeiro, que fracas acomodações tinha para hospedaria, pois de camas não havia em casa mais que uma, em baixo, para ele e para a mulher, e outra em cima para a moça em metade do desvão do sótão, de que a outra metade servia de celeiro, correndo por divisão entre as duas um tabiquezinho com a competente porta; o vendeiro respondera-lhe que, uma vez que lhe pagasse bem a pousada, não punha dúvida em lhe ceder por uma noite o quarto da rapariga, a qual passaria como pudesse sobre o milho; que a besta ficaria amarrada debaixo do alpendre com uma pouca de palha para se entreter, e quanto a ceia e vinho, podia estar descansado, que não seria mal servido.

A rapariga, que orçava já pelos seus quarenta, desceu rosnando por lhe quebrarem o sono; o patrão intimou-lhe as suas ordens e o mandado de despejo temporário; deu as boas noites e recolheu-se para o seu cubículo, onde em breve tornou a pegar no sono.

O que dali avante se passou, não o sabia ele senão pelo depoimento da moça. O passageiro, que dizia seguir jornada do Porto para Lisboa, depois de comer uma açorda de broa e alhos e beber quase meia canada de vinho branco do sr. regedor e o último copo à saúde dele, que dizia, ser um seu grande amigo, foi para a cama, que teve a fortuna de achar quente à custa alheia. A Evarista, que não tem medo de homens, subiu também; disse-lhe:

– Fique-se com Deus; olhe, não se esqueça de apagar a lanterna antes de adormecer.

Passou para o celeiro às escuras e cerrou a porta.

Aqui D. Quitéria convidou o vendeiro para que se sentasse, prevendo que a história podia ser de miudezas. Afonso Alves já tinha tido vontade de lhe dizer o mesmo, mas não se atrevera por deferência para com sua mulher.

Sentaram-se todos os três e prosseguiu o vendeiro:

– Pois sr., o amiguinho, em vez de apagar a lanterna, pergunta à Evarista se lhe não podia arranjar ali mesmo para a cama papel e tinta, que precisava de escrever. Ela veio abaixo, cortou quatro folhas em branco de um livro de mão travessa que eu mandei fazer em Coimbra para assentar os calotes que me pregam (por sinal que já está ele quase cheio), levou-lhas e mais a tinta, e tornou-se para o seu espojadoiro, onde... (di-lo ela, valha a verdade) adormeceu como pedra em poço e dormiu até quase pela manhã. Quando acordou, estava ele a acabar a sua escrituração. Dobrou o papel e ia descer; naturalmente era para se pôr ao fresco e deixar-me ainda por cima acrescentados os assentos do meu livro. Ela, que tem muitos termos para saber viver com todos, saiu-lhe naquele comenos e deu-lhe os bons dias como que nada fosse... Aqui a Sr.^a parece-me que se está a rir. Eu já disse a Vossemecês que o que falo, falo da boca dela; lá o que eu creio ou não creio... Eu não me estou confessando, sabe Deus o que a mim me custa a fazê-lo na quaresma.

– Adiante, adiante – disse o regedor, e lançou o canto do olho para a mulher, a ver se aprovava o dito.

– Isso é – seguiu o minucioso historiador; – Vossemecês ainda não almoçaram e eu estou aqui posto de parlenga. Pois não é porque me falte que fazer em casa, que, bendito Deus, levo uma vida que nem um cão. Mas vamos cá ao caso. O sujeito deu-lhe os bons dias com bonito termo e disse que ia ver a besta se comia. Ela, pelo sim pelo não, desceu atrás dele. Logo que abriram a porta para o alpendre, viram na rua um rancho de dez ou doze galegos, destes que se tornam todos os dias de Lisboa para a terra com as algibeiras quentes, a rir e galhofar pela estrada fora. Também digo que para os do meu ofício são dos melhores passageiros que pisam terras de Cristo. Comem pouco e bebem menos, mas isso que comem e bebem pagam-no até aos últimos cinco reis. Lá como lhes ficarão os corações por dentro, não sei eu, mas que pagam, pagam.

– Adiante, adiante, adiante.

– Já ali o sr. seu marido está agoniado. É defeito meu; que lhe hei-de fazer? Sou assim; foi minha mulher que mo apegou; essa é que tem o diabo para fazer render uma história. Já uma vez, para contar a uma vizinha nossa que lhe tinha saltado um espirro de carvão num olho, gastou um serão de Inverno e não acabou porque a pobre criatura, só de a ouvir, entrou a cobrir-se de suores frios e por fim desatou nuns vômitos pretos que a tivemos por morta.

– Adiante – disse também D. Quitéria; – os tais dez ou doze galegos?

– É verdade, que aí mesmo é que íamos. Lá cabecinha como a da Sr.^a é que não há outra nas Bairradas, nem talvez em Lisboa. Foi uma asneira não nascer homem.

O vendeiro tinha a bossa de cortesão e de orador; sabia captar a benevolência e atenção dos seus ouvintes.

– Mas tornemos à vaca fria – prosseguiu ele. – Isto são duas palavras. Os galegos estavam parados no meio da rua a olhar para a besta e a botarem contas uns com os outros. Saiu um do rancho e veio ter com o meu hóspede, que logo viu ser o dono do animal pelo modo como lhe corria a mão pelo lombo. Perguntou-lhe se o queria alugar até ao Sardão. O meu hóspede respondeu: «Não se aluga, mas vende-se; quem esburgar doze mil reis, levou-o.» Asneira no homem: o bicho valia mais de cinco moedas. Os galegos tornaram lá a fazer o seu conventículo. Para encurtar razões: compraram-lho. Beberam e seguiram caminho. Nesse comenos cheguei eu; fiz a conta ao homem; era meia moeda e 35 reis; pagou logo e admirou-me, porque eu tinha sonhado que me não havia de pagar, e olhe que eu às vezes tenho sonhos, sr. regedor!, parece que só por arte má. Uma vez sonhei eu, era no tempo dos porcos...

– Adiante, adiante, com dez demónios! – disse D. Quitéria, e repetiu-o, como um eco do rochedo de Lorelei, Afonso Alves.

O vendeiro Santos concluiu, já de pé:

– Contou-me a rapariga a venda da égua. «Tate disse eu comigo. – Pois uma égua daquele feitio dá-se por 12\$000?! Aqui anda coisa: o homem é ladrão.» Viro-me para ele e digo-lhe muito sério, assim em ar de remoque, para tirar nabos da púcara sem me escaldar: «Diga-me cá, sô passageiro, donde é que lhe veio aquela égua?»

– Pois era uma égua?! – exclamou D. Quitéria. – Que sinais tinha?

– Grande, castanha, calçada de branco nas mãos, focinho branco, rabo atado, albardão verde com pele de lobo por cima que podia valer sete tostões e umas andilhas de mulher com sua tabuinha para fincar os pés.

– Era a nossa... Era a nossa... Já, já, Afonso, ainda antes de almoçar, monta-te na primeira coisa que pilhares de quatro pés e vai-te pela estrada do Porto como um raio.

– E Você está bem certo – ousou perguntar ao vendeiro o regedor – está bem certo de que o passageiro... não seria alma?

– De chibo – volveu o narrador. – Eu lhe conto. Logo que ouviu aquilo que lhe eu disse, ficou mamado. Uma cara! Uma cara! Eu, que sou, com sua licença de Vossemecês, cabo de vigia à falta de homens, percebi logo. Boto-lhe a mão ao gargalo e grito: «Preso». Mete a mão às algibeiras para me dar dinheiro; mais me certifiquei da história. «Preso, com seis milhões de diabos. E não me refile. Marcha lá para cima. Isto há-de-se deslindar.» Obedeceu-me que nem eu o tivesse parido; branco, o diabo, branco... como a cal da parede. Embarrilei-o outra vez no quarto da moça, chamei dois vizinhos para fazerem sentinela da banda de fora da porta e vim dar parte a Vossemecê e mais ao sr.

Quitéria reiterou, gritando e batendo com o pé na casa, a ordem que já tinha dado ao marido, que sem mais réplica desapareceu. Pôs a sua touca de folhos, os seus sapatos de bezerro e a sua capoteira verde; chamou o escrivão, que morava à ilharga, e com ele e com o vendeiro dirigiu-se a marche-marche para o Peneireiro, pequena povoação de cinco ou seis vizinhos, sobre a estrada real e não muito distante de Aguim, que obra de quarto de hora ou vinte minutos, quando muito.

(CONFIDENCIALÍSSIMO)
Álbum de um homem de génio

Com cedo chegaram à venda, à porta da qual viram, bem a postos e armados de varapaus, os dois guardas. Perguntou D. Quitéria ao vendeiro se não teria a casa outra porta ou alguma janela no sótão para a banda de trás a que importasse pôr vigias antes de entrar a tomar o preso.

– Nenhuma – respondeu o vendeiro – senão só lá em cima duas frestas pequenas, uma ao norte, outra ao sul, para arejar o milho e por onde só gatos poderiam caber. Assim não temos senão deitar-lhe a unha, amarrá-lo bem amarrado e mandá-lo acompanhado daqueles dois homens para onde Sua Mercê determinar.

Uma cavalgada de estudantes, que nesta conjuntura passava para Coimbra, parou à porta da venda para acenderem os cigarros e darem de beber aos arrieiros.

– Esperarão Vossas Senhorias um tudo-nada, srs. doutores – disse-lhes Santos com o chapéu na mão. – Temos primeiro que fazer aqui uma diligência: é prender um ladrão que eu meti lá para cima, para o quarto desta rapariga, que é minha criada e mais de Vossas Senhorias se for do vosso gosto.

Muito satisfeitos ficaram os estudantes com um episódio que inesperadamente se lhes deparava para desfadarem a monotonia da jornada e ofereceram-se para ajudarem com a sua cavalaria e com a infantaria dos arrieiros o cerco da casa. A regedora aceitou o oferecimento e, depois de saber deles que haviam encontrado um galego assentado em andilhas numa égua castanha de focinho e mãos brancas, e também, pouco havia, um homem (que pelos sinais não podia deixar de ser o regedor) a cavalo num burro que se levava como um furacão na mesma direitura, que era a do Porto, distribuiu a gente pelos postos que melhor lhe pareceu e, ajudada só do escrivão e do dono da casa, trepou a carunchosa escada de mão que levava do fundo da taberna para o sobrado.

Que atónitos não ficariam quando, chegado acima o escrivão, que foi o primeiro a subir, exclamou que no quarto não havia viva alma!

Quitéria não podia acreditar, Santos ainda menos.

Procuraram debaixo da cama, por dentro do milho, numa arqueta do fato de Evarista onde não podia caber uma criança de cinco anos... e nada!!!....

Correram com os olhos o tecto de telha vã e, para o canto dele, notaram uma ponta de lençol amarrada a uma ripa. Tudo estava explicado: o facinoroso apartara as telhas, saíra por entre elas, prendera ali os lençóis da cama atados pela extremidade um ao outro, tornara a pôr as telhas, bem ou mal, no seu lugar, e pela traseira das casas se pusera a andar enquanto os seus carcereiros passeavam majestosamente pela testada do edifício.

*

Mas um papel jaz no sobrado por baixo do arrombamento. Deve ter caído ao réu na atrapalhação do fugir; será talvez preciso para corpo de delito e pode ser que dará luz e rasto para o seguirem. Descem para a loja; a curiosidade ajunta nela todos os do assédio para ouvirem a leitura. O vendeiro, que foi quem fez a achada, desdobrou, pediu atenção e principiou a soletrar.

Ninguém, nem ele mesmo, percebia palavra.

Sacou-lhe o escrivão o papel, investiu com ele e não logrou melhor venida.

Da mão do escrivão o tomou D. Quitéria; estudou-o por um breve espaço e, não se atrevendo a decifrá-lo, passou-o ao primeiro estudante que estava junto dela, o qual, lançando fora o charuto, se pôs a ler com declamação pausada e solene, ao passo que outro companheiro, bom taquígrafo e grande curioso de farsas, ia registando tudo num caderno que trazia. À generosa bondade deste é que o autor da presente, muito rara e verídica história deveu o obter a cópia fiel que tem a fortuna de poder apresentar, confiado na discrição e segredo de seus leitores.

Dizia pois o papel desta maneira:

APONTAMENTOS

PARA A MINHA CRÓNICA ÍNTIMA

I

Uma montanha de bronze acaba de cair de cima do meu coração, nesta noite solene, para o abismo do nada.

II

Eis-me livre. Rompi com a sociedade em que tinha vivido. Posso escolher a que me aprouver, ou nenhuma.

III

Eis-me livre, e confirmadas as vozes vagas do meu interior. Fui embalado numa canastra e num moinho mas, pela própria confissão desses dois entes cobertos de uma libré ignóbil de farinha, desses párias da sociedade moderna, sei que este sangue de vitriolo que me escalda as veias, não o recebi deles...

Um mistério profundo envolveu o meu nascimento. João Simões não existe. Rui mesmo terá talvez de se aniquilar, para ser substituído por um nome... quem sabe? Por entre as trevas da minha origem, até fantasmas de príncipes vejo voltear neste momento. A ninguém devo por lei da natureza os meus afectos. Atravessarei o mundo como um estrangeiro, podendo escolher a meu gosto o que hei-de amar ou aborrecer, ir para qualquer ponto do mundo sem que nenhuma voz me obrigue a tornar para trás, a apressar-me ou a deter-me. Só a mim respondo pelas minhas acções. Para mim só entrancarei as coroas dos meus prazeres; as minhas penas, se o destino mas reserva, ninguém terá o direito de se queixar delas.

IV

Sou livre. Morri afogado.

V

Sou livre. Na minha ambição frenética de conhecer o coração humano das mulheres, tinha querido ver se podia levar na minha fuga duas ao menos para os meus estudos. Uma, a que eu me parece que amava mais, resistiu-me por tola; a outra, a que eu mais admirava, repulsou-me por empáfias. Eu agradeço a ambas; assim vou mais ligeiro e levo duas bocas a menos. Perdi o farnel que tinha enterrado por prevenção para a jornada, mas fica uma coisa por outra.

Uma trova de um trovador popular exprimiu com assaz verdade este estado delicioso da alma em que me acho. Nunca mais me esqueceu desde que a ouvi cantar no Senhor da Serra:

*Francisquinha, não me atentes;
diz se queres ou não queres.
O mundo de Cristo é grande,
não faltam nele mulheres.*

VI

Sou livre. Pelo nobre direito da vingança adquiri uma égua, pertencente a um pateta e a uma toleirona que haviam jurado a minha perda. A sua égua vai ser as minhas asas enquanto eu precisar delas. Depois, desfeita em dinheiro, converter-se-me-á em fortuna, em deleites, em livros, em espectáculos, em todos os meios de felicidade. Lisboa sorri-me lá ao longe como uma estrela povoada de serafins.

VII

Sou livre. Logo que estiver na capital, vou-me fazer pedreiro-livre.

VIII

Não há triunfo literário, nem grandeza social que o meu talento desconhecido, que o meu génio até agora agrilhado me não anuncie nesta hora suprema.

IX

O meu túmulo será bem diferente da minha canastra.

X

Adeus, belas vinhas, onde tantas uvas furtei nos dias doirados da minha inocência; onde furtei tantos beijos nas vindimas destes últimos anos. Beijos e uvas, nunca mais vos colherei nestes lugares. O meu coração deixa-vos as suas saudosas despedidas.

XI

Serões harmoniosos à fogueira, no meio dos bailes da Corte e dos espectáculos, eu vos não esquecerei jamais.

XII

Pobre coração humano! Impotente para a dor, tu és não menos impotente para a ventura. Vou ser feliz e estás triste. Oh! É que tu és de uma elasticidade que me pareces de borracha. Além de duas imagens de mulheres que já levavas para as tuas reminiscências poéticas, esta noite singular veio depositar em ti mais uma...

Não, interessante Evarista, nunca me esquecerei...

Ah! Não seres tu filha de pais incógnitos como eu! Nós teríamos associado os nossos destinos para toda a vida. Com que embriagamento te estou vendo dormir na tua cama, enquanto eu sobre o teu travesseiro escrevo estes tocantes apontamentos da minha vida, desta misteriosa vida por onde tu atravessaste por um momento como uma destas estrelas que caem, atravessando o céu numa noite escura...

Essas mãos condenadas a medir vinho e a fazer açorda! Oh! E porquê?, pergunto eu à Providência. Que têm de mais, em que valem mais as princesas do que tu?...

Torna a adormecer; lindo anjo mascarrado. Ah!, não seres tu!... Sim, não seres tu filha de pais incógnitos!...

XIII

Não importa. Daqui a quatro dias, o Tejo!

*

Nisto findava o papel, cuja leitura não fora perturbada nem pela cólera que se acendeu na alma de Quitéria no ponto em que se falava da égua, nem pelas suspeitas que o parágrafo relativo à moça suscitara no vendeiro, em sua mulher e, muito piores, em dois ou três dos arrieiros circunstantes.

O breve silêncio que se seguiu, rompeu-o a regedora perguntando onde estava a Evarista.

A *crónica íntima* tinha-lha mostrado, como através de um sedeiro, pelo menos consentidora na fuga do poeta livre. Os arrieiros e o Santos ainda viam pelo mesmo sedeiro muito mais. Chamou-se, tornou-se a chamar por ela; não respondeu.

Um dos dois vigias da porta acudiu então, que a rapariga a tinha ele visto sair, havia mais de hora e meia, com o cântaro vazio enfiado no braço.

– E a fonte fica longe? – perguntou o estudante que fizera a leitura e que tinha o seu grau de bacharel em Direito.

– Qual longe! São meia dúzia de passos.

– Pois então dêem. os senhores por certo que foram cabulados pelo trocista e que a estas horas toda a sua pena é faltarem-lhe os seus apontamentos para acrescentar a eles:

XIV

Vai comigo uma boca de mais. Não importa. Durante a jornada continuarei os meus estudos práticos sobre o coração humano das mulheres na pessoa deste meu anjo, a quem mandei lavar a cara.

*

A conjectura do académico não deixava de ser verosímil.

Um dos três arrieiros, que estavam de má cara, apressou a saída representando que era tarde e que haviam de picar as mulas. Os estudantes montaram com grande risota e arrancaram a galope, com os olhos a uma e outra banda, com tenção feita de não deixarem escapar moça nenhuma sem lhe perguntarem se se chamava Evarista.

O vendeiro encostou-se ao mostrador a cismar; D. Quitéria pediu almoço e, enquanto a taberneira lho aprontava, ditou ao escrivão um auto de fuga de preso com arrombamento de cadeia e sedução e rapto de uma donzela e de uma égua.

Sente o autor desta instrutiva obra que o seu nunca assaz louvado amigo, o taquígrafo, se não achasse presente, por se ver assim constrangido a deixar incompleto este capítulo, que aliás tão didáctico pudera sair!

A quinta dos Álamos

Eram mais de 10 horas da manhã deste mesmo domingo em que passavam os acontecimentos que deixámos contados.

À boca da espaçosa e antiga alameda, que dava nome e veneração à quinta de D. Matilde, trotava o escudeiro como batedor. Com largo intervalo seguia-se-lhe D. Angélica em selim inglês, casaquinha de montar, chapéu de castor alvadio com fitas soltas de cetim azul e um pequeno véu raro para abrigo do rosto contra o sol. Da sua mão bem calçada pendia um leve chicotinho da mais elegante forma, enfeite P não instrumento, pois nem uma só vez em toda a jornada a cavaleira atentara nos vagares da mulinha para os corrigir. O seu espírito corria por outras regiões; bem sabia ela como e por onde o seu corpo era levado!

Seguia-se com pequena distância a aia e fechava a marcha a infantaria, composta de dois moços da lavoura, trazendo cada um às costas uma cordilheira de trouxas e caixas grandes de papelão, que espantavam pelo volume a quem as via e mais espantariam pelo peso a quem lho tomasse: não o tinham, talvez, de dois arrátéis. Encerravam (para nos servirmos da expressão de um escritor chistoso) os diversos fragmentos de que se compunha a folha de figueira desta filha de Eva.

D. Matilde passeava, à espera, na larga varanda lajeada e coberta que por toda a frontaria do edificio se alongava, com suas colunetas de pedra branca sextavadas, divididas entre si com gradaria de ferro até à altura de encosto cómodo. Parecia preocupada, cuidadosa, impaciente. Duzentas vezes tinha parado a interrogar ao longe o caminho em que ninguém aparecia. Já finalmente, de puro cansada, ia sentar-se num dos bancos de espaldar, de que era cingido, entre as envidraçadas portas de salas e quartos, todo o fundo da varanda, imenso painel de azulejos bíblicos. Eis que descobriu a cavalgada.

Desceu, pressurosa, uma das escadarias de pedra com que a varanda nos extremos se comunicava com o largo pátio e, com o rosto e braços abertos, fora dos umbrais do portão de ferro recebeu a afilhada, a qual lhe sorriu o melhor que soube. Deram o braço uma à outra e, perguntando e respondendo mil coisas a um mesmo tempo, encaminharam-se, ligeiras, para a casa de comer.

A mesa para o almoço estava já rindo com a sua fidalga baixela de porcelana do Japão e de prataria maciça lavrada de bestiães, selada toda com as venerandas armas da família.

– Esses senhores ainda não vieram? – perguntou D. Matilde a uma criada.

– Já se foram chamar; estão lá para o lago, no fundo da quinta.

– Não importa. Principiemos nós, minha afilhada. Saberás que temos hóspedes; desta vez espero que aches mais aprazível a minha solidão.

– Não pode haver para mim solidão onde esteja a minha mãe.

– Vamos, vamos... Uma velha.

– A alma de minha mãe nunca o há-de ser.

D. Matilde dispensara muito bem o elogio da sua alma; ao das suas graças físicas, ao do seu frescor ainda muito sofrível é que ela armava, arriscando aquela fatal palavra de *velha* que os seus cabelos, ainda todos pretos, ou já todos pretos (não sei), o carmim das faces e a abundante beleza do seu seio, só por modéstia encoberto até ao colo, desmentiam como irrefragáveis documentos.

– Pois, minha filha – continuou ela após um breve silêncio reflexivo –, temos uma sociedadezinha para dois ou três dias que espero nos faça passar as horas sem as contarmos todas, como às vezes nos sucedia nos nossos serões só de família. São uns cavalheiros do Minho, ainda moços, estudantes da Universidade. Chegaram ontem aqui, indo de jornada para Coimbra; souberam pelo padre capelão que os estudos ainda não abriram e aceitaram o meu convite. Meu primo, principalmente, é que eu desejo que tu conheças. É um moço na flor da idade, já capitão, que há-de fazer este ano a sua formatura em Matemática; boa casa, muito espírito, muita graça; e quanto a sangue... é meu parente. Ele viu o teu retrato que está na sala e perguntou-me se era o meu feito há poucos anos; não é possível ser mais cortês, porque tu naquele retrato estás realmente muito bem. Respondi-lhe que não e que para prova ele veria dentro em pouco o original. Tornou a olhá-lo com maior atenção e disse: «Não sendo de V. Ex.^a, como me tinha parecido, custa a crer que não seja uma fantasia, um sonho namorado de pintor.»

Angélica abaixava os olhos, afectava pregar melhor o alfinete do peito para ter ar de fazer alguma coisa mais que baixar os olhos. A aia, que vinha entrando, sorria para cada uma com sorriso muito diverso e muito dissimulado.

Almoço. Meia declaração

D. Luís, o primo de D. Matilde, acompanhado dos seus jovens contemporâneos e do padre Timóteo, ex-carmelita descalço e capelão da casa, entrou, dirigiu-se à prima cumprimentando-a com certa familiaridade grave do melhor *tom*, saudou a hóspede com respeito e sentou-se à mesa defronte dela, não sem inveja talvez ao padre Timóteo, amigo velho a quem ela chamou para o sei: lado. Os outros comensais tomaram assentos ao acaso.

A conversação tornou-se geral. Falou-se da lindeza do dia, que estava convidando ao passeio, da formosura da quinta, que eles acabavam de correr toda, da felicidade de viver longe da Corte, numa província pacífica e amena, num palácio magnífico, gozando da abundância e reinando pela beneficência e pelos respeitos devidos à hierarquia sobre todos os vizinhos.

Estas reflexões, em que D. Luís insistiu para a sua venerável consanguínea, foram logo por ele mesmo acompanhadas de outras, que pareceriam endereçar-se ao carmelita se ombro por ombro com o carmelita não estivesse mais alguém com quem era fácil confundir-se a pontaria. Se esse alguém era realmente o seu alvo, nunca houve alvo mais *vermelho*.

A sobrecasaca militar, o marcial bigode, o rosto vívido, o olhar fino e estratégico do capitão e, mais que tudo, os seus vinte anos, não deixaram de destoar da simpatia que ele protestava ter sempre sentido para com os prazeres serenos e variados, posto que uniformes, do existir provinciano.

O belo ideal das condições terrestres era, em sua opinião (repetia ele), respirar os ares puros de uma natureza ainda não de todo adulterada, no meio de gente pouca em número e ainda não de todo pervertida pela refinação; estabelecer com os homens e com a terra um sistema constante de benefícios mútuos e gozar deles com uma esposa... E aqui seguia-se, olhando pela janela fronteira para o vago azul do horizonte, um retrato que ele talvez estivesse inventando mas que era, pouco mais ou menos, o de D. Angélica. Os estudantes apoiavam-no a cada pincelada, D. Matilde figurava discrepar num ou noutro ponto para o constranger a insistir. A retratada dava, corando, um novo assunto ao inventariador das suas graças e o bom padre, com os olhos muito abertos, louvava interiormente a Deus de ver tanto juízo em tão poucos anos, num fidalgo, num estudante de Coimbra. Guerreiros lavradores, tinha-os havido entre os Romanos; porém, cá, nestes tempos!, um Cincinato daquele feito!...

E, realmente, havia contraposição mais que artística entre o que se via em D. Luís e o que se ouvia sair dos seus lábios em cascatas de frases harmoniosas e quase eloquentes.

Era necessário fechar os olhos, ou os ouvidos. A sobrinha do professor não fechava os olhos, mas abaixava-os, escutando e comentando entre si, com páginas de admirações e entusiasmo, cada uma daquelas palavras que o seu espírito ia enfiando como pérolas para não perder nem uma.

O orador, animado pelo efeito que sentia produzir, adiantava-se voluptuosamente de quadro em quadro. Já ia no da família em serão de Inverno: o marido a ler em voz alta; os filhos em roda do braseiro a fazerem saltar as chispas; a jovem mãe, com o mais pequenino no colo, a sustentá-lo de leite e beijos; as criadas a coserem e a decorarem com enlevo aquelas brilhantes e extraordinárias narrações dos livros, feiticeiros benéficos a cujo aceno tudo quanto o mundo teve, ou pode ter, de extraordinário, vem passar aformoseado por baixo dos nossos

olhos, debaixo das nossas telhas, sem nos ser mister bulir com mão nem pé para o desfrutarmos.

Angélica não podia mais de felicidade; a sua turbacão já começava a denunciá-la. D. Matilde julgou conveniente levantar a sessão e perguntou pela missa; o padre Timóteo respondeu que estava às ordens e ergueu-se do suculento almoço em que se representara de Tântalo, para se ir revestir.

A aia, a um sinal da ama, que tinha que permanecer com os convidados, foi com a hóspede reintegrá-la na posse do seu quarto novo.

– Feliciano das Mercês não seja eu, minha rica menina – disse a abelha-mestra fechando a porta à chave logo que ambas entraram no aposento – se o sr. D. Luís...

Angélica figurava não atender, ocupada em despir o seu trajo de caminho e procurar nas caixas de papelão outros enfeites; mas notando que a maliciosa cinquentona se havia calado para se vingarem de lhe não tomarem com ambas as mãos a sua confiança logo ao nascedouro, afoitou-se a perguntar, como por de mais, quem era D. Luís.

Feliciano, que não desejava nada tanto como palrar, disse-lhe a respeito dele tudo que sabia, tudo que supunha e tudo que lhe aprazia imaginar: que era rico e morgado, cheio de boas qualidades e prendas, que mais de quatro herdeiras na sua província lhe puxavam pela farda mas que (segundo dizia o seu criado) o seu maior defeito era ter um coração inconquistável.

– E Você, com a sua experiência do mundo, crê nisso? – disse D. Angélica, rindo.

– A dizer a verdade – replicou a outra – não parece muito natural. Se a menina visse como ele ontem olhava para o seu retrato!... Pois agora ao almoço!...

– Agora ao almoço!... O quê?

– Todas aquelas histórias... Vamos lá, vamos; escusa de se virar para a janela do jardim que não anda lá ninguém a passear.

– Que má que Você é! Pois tudo aquilo que significava? Palavras de um cavalheiro que sabe entreter senhoras, nada mais.

– Pode ser, mas creio que não é essa a nossa opinião...

– «A nossa»?!...

– Falemos sem disfarces. Aqui ninguém nos ouve; a madrinha está longe e a menina bem sabe que eu sou um poço para segredos. O sr. D. Luís ficou encantado de a ver; a menina bem o percebeu e nem por isso lhe pesa muito. Olhe que eu, ainda que me veja assim, já também tive dezasseis anos como qualquer.

– E porque havia eu de estimar isso, quando assim fosse? Porventura minha madrinha... e ele mesmo...

– Se ele a ama de veras, quem lhe pode estorvar que realize, com uma donzela de tantos merecimentos, aquelas pinturas que esteve fazendo, da bem-aventurança do viver provinciano? E quanto à Sr.^a D. Matilde, essa lá sei eu que lhe quer como se fora sua filha própria; não haveria coisa que não fizesse por a ver bem empregada. Ora diga: se lhe ela propusesse... teria boca para lhe dizer que não? Já me confessou que a sua alma estava livre.

– Oh! Livre como o pensamento.

– E dir-lhe-ia que não?

– O céu me defendesse de desobedecer à minha madrinha.

– Ah! Seria só por obediência?... Vamos, mais sinceridade com quem a viu nascer, com quem está pronta para a ajudar em tudo só pelo interesse de a ver feliz. Vamos, a menina ama o cavalheiro.

– Amo-o, sim, amo-o; porque o dissimularia eu? Que nobreza de sentimentos! Que espírito! Que figura! Que maneiras! E sobretudo... que estilo tão encantador!

– Perdão. A senhora que toca, no seu quarto, já pela segunda vez...

Deixou a velha a súbitas a nossa namorada, radiante com todos os resplendores do primeiro alvorecer de um estio do coração, e correu ao quarto da sua ama, a quem fez em poucas palavras a verídica narração de quanto havia descoberto, tanto no serão que passara em Aguim com a menina, como na pequena conversação de que saía: tivera uns namoricos platónicos, largara-os a tempo e para sempre, e achava-se cativada, muito cativada, de D. Luís.

– Bem – exclamou D. Matilde; – é necessário favorecermos esta inclinação nascente, atiçarmo-la mais e mais na alma de ambos, supirmos com a nossa experiência a que lhes falta, desviarmo-los da voragem deliciosa em que naufraga todo o amor e prepararmos-lhes um futuro comum cuja felicidade se reflecta para os meus últimos dias. Ah! Toda a minha larga vida de penas eu a darei por compensada. Feliciano, tu conheces os meus projectos, só tu sabes as ponderosas, as imensas razões que tenho para desejar, mais que tudo e apesar de tudo, a ventura da pobre Angélica...

Tocou pela terceira vez a sineta para a missa. Toda a gente do palácio foi correndo para a capela num dos topos da varanda. D. Luís teve a fortuna de poder, no meio da turba, oferecer um braço a sua prima e outro à sedutora afilhada que, depois da sua recente mutação de vestuário, vinha ainda mais gentil.

Progressos amorosos

Durante a missa não cessaram os estudantes de observar a D. Luís, nem D. Luís de contemplar a D. Angélica, ajoelhada ao pé dele e toda recolhida (ao que parecia) na mais profunda devoção. Nela, olhos, fronte, fisionomia, tudo orava como os lábios e a postura.

Tem de si o amor o que quer que seja de celeste, que se revela por aspirações místicas, por tendências religiosas. Florinha terrestre exposta a perigos e a adversários de todo o género, este pobre affecto compraz-se de exalar as suas fragrâncias para as alturas como a implorar raios de sol, influência de estrelas que o prosperem e o deixem vingar a sair fruto.

Orar é também amar.

A mulher, em respeitoso silêncio, prostrada ante as aras santas, diviniza-se aos olhos do amante que lhe está vendo desabrochar na alma, sob um horizonte infinito de pureza, todas as mais belas virtudes do seu sexo: a fé, a confiança, a resignação, a heroicidade para os sacrifícios inglórios e espontâneos. É uma figura solene em perfeita harmonia com o lugar santo, no qual tudo, como nela, contém mistério e suavidade: o incenso, a meia luz, as flores, as imagens da Virgem e as dos anjos...

Não afirmamos quais fossem ao certo os pensamentos de Angélica e, se os céus eram, ou não, o pano em que ela debuxava com êxtase uma figura idolatrada. Mas no sentir de D. Luís, o nome de Angélica era o único digno de um tal ente: condizia com todas as disposições que pelo exterior se lhe adivinhavam e que até um ateu folgara sempre de encontrar na mulher que o subjugou.

Acabada a missa, passaram para a sala.

Tão ao de leve poisava o braço de D. Angélica sobre o de D. Luís que não lhe parecia coisa terrestre; o fidalgo comparava-o mentalmente com o carregamento maciço que o pendia para a outra banda. Confirmava-se mais na persuasão de que tinha encontrado um puro espírito com quem só pelo espírito se podia comunicar e (coisa inaudita!) sentia-se covarde como um caloiro chamado pela primeira vez à sabatina. Colocou, respeitoso, as duas damas diante do canapé e maquinalmente dirigiu-se, pensativo, para uma das quatro sacadas da sala, que descobriam em face a majestosa montanha do Buçaco.

O sol meridiano revolvía com a viração as suas grandes vagas de ouro pela amplidão da mata em que o antigo mosteirinho rústico se homizia como o rosto de uma viúva que chora e reza sob o seu capuz escuro, de joelhos em cima da terra dos desenganos. Aquele aspecto saudoso, o misto de formosura natural e de religiosa elevação que dali ressurtilia para a alma do espectador, acrescentavam forças ao encantamento que já o desatinava.

Não sabemos todos como uns amores noviços absorvem, ávidos, e assimilam tudo quanto lhes pode convir dentre os objectos circumfusos? Ah! Quantas vezes, de um concurso fortuito de elementinhos que se diriam imponderáveis, não resultou que uma paixão formasse o seu carácter de sólida ou de inconstante, de sombria e terrível, de medrosa, de confiada ou de fácil e risonha! Se há matéria em que se possa dar algum crédito a auspícios (o que nós firmemente acreditamos pela fé implícita que nos merecem vários romances muito filosóficos), essa matéria predestinada e precita é o amor.

Ai, que ao de D. Luís não presidem por ora os melhores auspícios! O seu germe veio cair da urna do

destino em presença de um carmelita descalço e em jejum; desenvolveu-se numa capela onde, sim, cabem o matrimónio e o baptismo, porém onde mora, como em estância própria, o pensamento fúnebre e contínuo das vaidades deste mundo. Agora tem em perspectiva um ermo de celibatários penitentes e, para daqui a três dias, o desterro.

D. Matilde conversava em voz baixa, mas animadamente, com D. Angélica. D. Angélica forcejava por imitar o esperançoso do semblante de sua madrinha e percebia-se que a vontade se lhe quebrava em montes de obstáculos antevistos; queria estar alegre e os seus olhos passeavam, cismando como os de D. Luís, além, pelos píncaros silvosos da serra, tão resplandecentes por fora e talvez por dentro bem espinhosos, bem frios e bem escuros.

Há um instinto de vida que não deixa permanecer por muito tempo entregue a melancolias ameaçadoras sem lhes procurar remédio na distração. D. Luís voltou de repente as costas ao Buçaco; esfrega a testa para sacudir imagens importunas; corre a sentar-se diante de um piano antigo de Astor que não foi tocado haverá um ano. Palpa o teclado com desembaraço de mestre; não era necessário ser Liszt para ter muito que dizer da afinação. Não importa, arremessa os esquadões das contradanças francesas que sabe de cor por cima daquele escabroso terreno músico com uma intrepidez, com uma facilidade, com uma graça que para logo conciliam as atenções; apertam círculo à roda do novo Orfeu. Matilde e Angélica mesmas vêm sentar-se ao pé do piano. O Buçaco e os agoiros estavam já entre os antípodas.

D. Luís, entusiasmado como um artista, improvisava trechos notáveis pelo mavioso, pelo arrebatado, pelo delirante, pelo melancólico, sem despregar os olhos do semblante que lhos ditava e onde se liam sucessivamente as diferentes impressões que ele mesmo sentia em si ao executá-los.

A Música! A Música! Onde há aí terceira de amores mais disfarçada, eloquente e persuasiva do que a Música?! Eurídice...

Deixemos a comparação: pertence ao género clássico, justa e solenemente abjurado pelo autor logo que empreendeu escrever esta interessante crónica. E de mais: a disparidade aqui seria flagrante em todos os pontos: os dois lugares, as duas heroínas e, sobretudo, os dois instrumentos. Que desalmado compararia o piano da quinta dos Álamos com a lira afinada de novo (e de propósito) pela mão do cantor da Trácia?

Não pode ser. Não há-de ir a comparação.

Fosse como fosse, ao cabo de meia hora deste exercício filarmónico, pode-se dizer que todas as principais declarações, que tão difíceis pareceriam ainda há pouco, estavam feitas, recebidas, sancionadas, ratificadas e trocadas de parte a parte. Não era pequeno bem. Assim se forrava assaz tempo, mais que precioso para eles que o não tinham para desperdiçar e ficavam em grande parte suprimidos os primeiros enleios de uma exposição, que por tão formidável coisa se tem em drama de sentimentos e em que tão parva figura de ordinário se representa.

D. Luís, acabando de tocar, pediu a D. Angélica lhe desse o gosto de o acompanhar, pois já sabia por sua prima que tinha uma voz, um estilo... D. Angélica defendia-se mas D. Matilde interpôs a sua meia autoridade, não houve remédio senão capitular. Cantou com voz trémula, porém melodiosa e engraçada, a aprazível, a tocantíssima oração de *Norma* ao astro pacífico das noites no meio das selvas druídicas das Gálias.

O seu italiano nem por isso era lá dos mais primorosos; tinha-o aprendido com D. Matilde, que o não tinha aprendido com pessoa alguma. Coisas pronunciava que fariam saltar com riso as cabeleiras da Academia da Crusca; mas D. Luís era, pelo menos naquela ocasião, como o Bernardim de Saint Pierre, que achava guapos e dulcíssimos em boca feminina os solecismos; e depois... reflectia muito prudentemente que uma sacerdotisa das Gálias não era obrigada a pronunciar o italiano como uma Corila olímpica. Havia exacção e verdade quanto ao

afecto? Era o essencial. Para ajudar a ilusão, ali estava uma floresta diante dos olhos. Que mais era necessário? Um guerreiro para amar? Era-o ele e com vantagem, que não havia de ser bandoleiro como o *crudel romano*; uns filhinhos pequenos da casta virgem? Eles viriam a seu tempo. A Poesia começava a obra de sedução começada pela Música.

No meio das palmas gerais à cantora, dos elogios sem medida com que a oprimia o seu primeiro ouvinte e dos beijos maternos com que sua madrinha a recompensava da glória que lhe acabava de dar, entra na sala mestre Ambrósio, barbeado, escovado, engraxado, pulcro e até de luvas de anta amarela que lhe não servem senão nas ocasiões maiores.

Era domingo. Não havia que fazer, montara a cavalo e vinha jantar com a sua comadre, que muitas vezes o convidava e por quem era sempre recebido com entranhada satisfação.

Perguntado pelas novidades (como é de uso no campo em aparecendo alguém de novo), contou, com grande admiração do auditório, a história do fantasma ou fantasmas aparecidos em Aguium aquela noite; da exumação dos queijos; do perdimento da égua do regedor; da fuga do ladrão que estava preso na venda do Peneireiro e que deixou um papel que ele mesmo viu na mão da regedora, do qual parecia inferir-se que não era outro senão um filho da moleira Teresa de Jesus, do outeiro, que estava doido e que ia fugido para Lisboa em companhia (segundo se podia crer) da sua mesma carcereira, a moça da taberna.

D. Matilde tinha ido desmaiando sem ninguém perceber, tanto estavam todos embebidos na cara do professor, e só em tal se advertiu quando, a um grito de D. Luís, se viu que outro tanto acontecera a D. Angélica. Corre-se, revolve-se a casa, acodem os copos de água, os frasquinhos de essências, as lãs a arder; escancaram-se as janelas, fervem e embatem-se no ar receitas contra histéricos.

Ambas as desmaiadas tornaram em si. Obrigaram-nas a agitar-se, a passearem na varanda.

D. Matilde, pensativa, afrontada e correndo-lhe em fio as lágrimas, vai entre o compadre e o capelão, que lhe dão cada um um braço como quem aguenta com brio um andor rico em precissão de cinzas.

Para D. Angélica basta um só arrimo: enjeitou e agradeceu todos os mais que se lhe ofereciam, o braço de D. Luís a sustenta. Graças ao seu estado, firma-se nele como ainda há pouco não ousava; deixa-o apertar; não corresponde mas não se esquiva; quando faltam as forças... E depois, quando talvez tudo aquilo não seja senão para melhor a amparar!...

Um desmaio! Um desmaio! Após a Música, o melhor protector de namorados é um desmaio. Perguntai-o aos dramaturgos e às autoras de novelas e a todas as vossas conhecidas, destas que têm uso de as ler.

Que realce de formosura não estão dando à nossa virgem sentimental o palor, a languidez, o cansado dos olhos, o respirar afanoso que lhe ficaram do seu desmaio! Como lhe cai natural o ir pendida com o rosto quase encostado ao ombro do seu cavaleiro, confundindo com o dele o seu hálito, respondendo-lhe em voz sumida palavras de agradecimento, de desculpa, de semi-esperanças!

Um monumento com uma estátua desmaiada à primeira inventora dos desmaios!

– Que sensibilidade! – dizia D. Luís em tom que só D. Angélica podia ouvir. – Que tesoiro! Que tesoiro! Ah! Se eu ousasse!... Se não fosse o receio de abusar de um estado de saúde...

– Ai! – interrompeu ela, tomando uma aspiração abundante. – Passou; sinto-me já mais aliviada. Foi terrível... Não posso ouvir contar desgraças...

– A moleira Teresa de Jesus, que deseja falar já já com a fidalga – disse o escudeiro chegando-se respeitosa a D. Matilde.

– Que suba para o meu quarto – respondeu a dama, soltando-se dos seus dois Cireneus e seguindo o

escudeiro quase tão leve como ele.

Notaram os espectadores que uma segunda demão de palidez lhe cobriu o rosto mal escutou o nome de Teresa de Jesus.

Um postre muito dispensável

Mais de uma hora se demorou D. Matilde fechada no seu quarto com a moleira. O que entre as duas se conversou, ninguém o soube senão Deus e a criada grave, que não despregou a orelha do buraco da fechadura.

Toca a sineta para o jantar. D. Matilde reaparece para tomar a cabeceira da mesa; oferece o lugar da direita ao primo e, como o primo trás (já se sabe) pelo braço a afilhada, fá-la assentar no imediato. À afilhada segue-se mestre Ambrósio, outro estudante, depois o capelão, depois o outro académico, o cirurgião que foi chamado no primeiro reboliço do histérico, um morgado velho outrora capitão-mor, o cura e um proprietário, lavrador abastado da vizinhança e sua esposa, dois figurinos fósseis do século passado. Doze convivas ao todo, número canónico e de bom agoiro em toda a parte.

Não obstante, o banquete principiou silencioso. A dona da casa não falava, comia pouco e distraída; fosse qual fosse o seu cuidado, algum a remordia lá por dentro.

O progresso das cobertas e os brindes requeridos pela cortesia e multiplicadas pelo agradecimento, foram levantando gradualmente os espíritos; a conversação, encetada a pares e em voz baixa, subiu e generalizou-se. Quando se puseram as sobremesas, era já agradável temporal de sons em que seria muito difícil pescar duas ideias conciliáveis.

Há naquelas partes um provérbio, sempre repetido pelos clérigos em dias de bodo ou jantares de irmandade e que o autor regista aqui não só por vir a propósito, mas por lhe parecer que poderá ministrar alguma luz aos futuros inventores de fisiologias de *omni scibili*, quando se lembrarem de tratar das secretas relações que há entre o espírito, o coração e o estômago humano. Diz o provérbio:

– *In principio, silentium; in medio, stridor dentium; in fine, confusio gentium.*

Este último período, a confusão, é sempre o mais agradável para dois amantes, a quem nunca falta que dizer em particular.

O negócio comum de D. Luís e D. Matilde caminhava a passos de gigante.

O doutor, que não podia corresponder melhor à graciosa hospedagem da fidalga que provando-lhe o seu zelo como fiscal da saúde pública da casa, pediu a palavra e, com o copo cheio de generoso Bairrada já encanecido, propôs, para completo restabelecimento daquelas senhoras, apenas se tomasse o café, que era o primeiro antiespasmódico abaixo do vinho, irem fazer uma passeata a cavalo visto achar-se a temperatura e o estado barométrico da atmosfera numa idiosincrasia perfeitamente acorde com a susceptibilidade do sistema nervoso do belo sexo depois do jantar; que ele mesmo, se lhe permitissem essa honra, acompanharia o farrancho e esperava que nenhum dos cavalheiros presentes deixaria de seguir o seu exemplo.

D. Luís bebe à saúde do cirurgião e da proposta. Os dois académicos, o cura e a proprietária imitam-no. O padre Timóteo encolhe os ombros com a resignação passiva de um carmelita. Mestre Ambrósio fica à espera da resposta da comadre; a comadre não a dá e o orador, com a hipotética saúde em punho e ainda intacta, ia já recommençar uma dissertação de patologia nevroológica sobre a equitação em relação à conservação ou reparação do equilíbrio das funções nos aparelhos gastroencefálicos com o que todo o auditório havia de ficar abismado.

O momento era crítico. D. Luís, a ver se desviava o iminente vendaval de sabedoria, virou-se um pouco para D. Angélica, apontando-lhe com os olhos suplicantes para a madrinha. Qual é a dama dos pensamentos de

um homem que lhos não adivinha pelos ares? D. Angélica puxou pela ponta do xaile a D. Matilde, quebrou-lhe o encantamento e requereu-lhe com um sorriso que se não opusesse. O projecto de lei foi sancionado; ergueram-se e, tanto que o padre Timóteo acabou de dar graças a Deus em latim e em português à dona da casa, foi cada um fazer as necessárias disposições.

Num quarto de hora já o antiespasmódico de Cabo Verde" se tinha super-injectado no da Bairrada e ao longo da alameda corria a estrepitosa cavalgada levando na vanguarda, e a distância menos má, o nosso par, daqui por diante inseparável. D. Matilde e o padre capelão, seguidos a cinquenta passos pelo escudeiro e pela aia, cobriam a retaguarda. Os estudantes volteavam como flanqueadores, ora a um, ora a outro lado, para trás, para diante, apressando os vagarosos, contendendo com todos os do centro, particularmente com a proprietária, que se levava, pomposa, ataviada do seu rosicler de camafeus, em cima de um macho descomunal, como a rainha de Sabá sobre o espinhaço do seu camelo. Era realmente, como parecia a seu marido, a flor cimeira do ramalhete.

Mas para onde ia tudo aquilo? Ninguém em tal cogitava. O único fim era o exercício. Para qualquer parte que os jovens batedores os levassem à toa, com o belo tempo que fazia, com o perfume balsâmico de que as vinhas maduras regalavam os ares, com o deleitoso e variado das campinas que atravessaram, era sempre um passeio encantador além de higiénico.

Já a primeira fúria do galopar tinha amainado e o exercício ia dividido em pequenas turmas, segundo o acaso as compusera, todas mais ou menos apartadas umas das outras.

Costeavam a beira de um pinhal fechado quando dentro dele rebentam uns rugidos silvestres, tão ferinos e tão horrendamente encarecidos pelos ecos que não houve coração que não tremesse. Olhavam e nada descobriam. Não era regougar de raposa, nem uivar de lobo, nem mugir de toiro. Que poderia logo ser?

Os bramidos avizinhavam-se. A mestre Ambrósio, que nunca tinha ouvido vozes de fantasmas e que não via impossibilidade alguma em que fossem daquele modo, até a calva se lhe arrepiava. Toda a turba se apertava em feixe, pelo instinto que geralmente se tem do axioma que diz que a união faz a força. A fidalga bradava pela afillhada. O proprietário tomava com a mão trémula as rédeas à rainha de Sabá. A ala pedia confissão. O cura lançava absolvição geral a quem a quisesse apanhar. Os estudantes procuravam nas suas reminiscências zoológicas alguma voz de fera, laconicamente descrita por Lineu, que se parecesse com aquilo. O capitão-mor limpava o suor da testa. O padre Timóteo murmurava para si o *De profundis*. D. Luís arremetia para o pinhal, levando em cada uma das mãos, engatilhada, uma das pistolas que tirou dos coldres. D. Angélica tremia com mula e tudo, pensando em Han d'Islândia.

O monstro

Pouco tardou que se não descobrisse a causa de tamanho terror.

Pelo pinheiral abaixo, contra o caminho, corria uma fera descomunal, perseguida, mas de longe, por alguns cães, que apenas a viam parar e revirar-lhes o focinho, arrepiavam a fuga em tropel desordenado.

Chegada ao pé donde a aguardava o fidalgo, fidalgamente cavaleiro, parou, aprumou-se nos pés de trás acostada a um pinheiro grosso, com os olhos a fuzilar, os braços nervudos a esgrimir em seco e o rugir mais agudo e temeroso.

– É um urso! – bradou D. Luís.

– É o diabo! – clamou o cura.

– Viva Lineu! – grita um estudante. – É o grande urso da Gronelândia!

– É o urso negro da América – emenda o cirurgião, que passava por um dos mais lidos e sabidos da província. – Ninguém fuja, ninguém fuja. Este bruto, dizem os autores que em uma pessoa se não movendo, não investe com ela.

– Não gremem, minhas senhoras; deixem-nos entender para concertarmos o plano do ataque – vozeava o outro académico, armando-se à cautela com meia dúzia de calhaus.

– As damas para o centro – prosseguiu o facultativo. – Estes maganões, mesmo assim lanzudos como são, adoram o belo sexo.

– Empurre, empurre para o centro a sua esposa – rosnava o capitão-mor ao proprietário – ou deite-a abaixo da mula, que o amigo tem-na de olho.

– Come gente? Come gente? – guinchava a aia.

– Tem tudo mau! – replicava a rainha de Sabá.

– Sr. D. Luís! Sr. D. Luís! Sr. D. Luís!... – vociferava D. Angélica abater com o punho fechado na forquilha do selim.

– Negregada lembrança de passeio! – exclamava a fidalga.

– *Ventus est vita mea* – orava o religioso.

– Calem-se todos, com todos os demónios! – berrou com voz de estentor o licenciado. – Oiçam-me já, ou deixemo-nos disto. O urso, *ursus ursi* de Lineu, não é carnívoro; o que ele quer são frutos e plantas.

– Nada, não é carnívoro! – sussurraram algumas vozes. – Vá-lhe lá meter o dedo na boca.

O orador prosseguiu, sem fazer caso da interpelação:

– A sua maior gulodice é lamber as suas mesmas patas; *manus lambit*. Cada um tem o seu gosto; aquele é muito inocente.

– A ele! A ele! – proclamaram os estudantes, esporeando os seus cavalos para o pé de D. Luís.

– Tenham mão, que se deitam a perder! – acrescentou o naturalista. – Estes bichos não se levam por força mas só por manha; *dolo, non viribus*. Se se pudesse arranjar um pouco de mel e muita aguardente, caldeava-se, como ensina Mr. Régnard, ele bebia, embebedava-se e dávamos-lhe cabo da casta.

– Onde está aqui o mel e a aguardente?!!...

– Se não tem receitas mais prontas para os seus doentes...

– Bem sei que não há aguardente nem mel, mas se tivéssemos uma dorna de cerveja!! Conta Olearius que um urso da Livónia...

– Para o diabo Você e mais o seu Oleado.

– Uma última indicação e desço da tribuna para deixar livre a palavra aos meus ilustres adversários. Tem aí alguém uma luva que possa dispensar?

– Aqui está a minha – disse Ambrósio – mas há-de-me fazer o favor de ma não perder.

– Muito bem, estamos salvos. Vou revirá-la do avesso e atirá-la ao urso, conforme ensina Horrebows.

– Ao urso a minha luva de anta?...

– Vai agora desafiar o urso?

– O duelo há-de ser bonito.

– Eu quero ser padrinho do doutor.

– E eu do urso.

Está claro que são os estudantes os que altercam. O cirurgião, beliscado no amor próprio, fez das tripas coração, picou o seu machinho, que não parecia ter grande confiança na receita de Horrebows e recusava sair da pinha; arremessou-o aos corcovos e aos pulos para a banda da fera, arrojou-lhe a luva do professor (o qual deu um ai) e fugiu à rédea solta para cento e cinquenta passos de distância.

Coisa admirável! O urso atira-se à luva, entra a cheirá-la, a revirá-la a dedo e dedo, de dentro para fora, de fora para dentro, tão curioso, tão atento, tão embevecido que D. Luís pôde a seu salvo chegar-lhe por detrás, apontar-lhe com segurança ambos os canos e disparar...

Com o estrondo da explosão ecoado pelo pinheiral, misturou-se um bramido estranho. O monstro arrancou um pulo de desespero contra a densa mó dos seus inimigos; mas foi um derradeiro esforço e já inútil. Recaiu, mordeu a terra e resfolegou o final arranco.

A rainha de Sabá, a quem haviam atemorizado com as simpatias do bicho, esmoreceu de todo no momento em que o viu saltar. Deu logo o rapto por consumado e pregou consigo do macho em terra sem sentidos.

O cirurgião já voltava, triunfante, para receber os aplausos e autopsiar o mamífero, que ele não sabia como classificasse, se entre os bípedes, se entre os quadrúpedes; acudiu a socorrê-la.

Toda a cavalgada se pôs de pé, uns a contemplar a desmaiada, que ainda não bulia, outros o urso, que pouco bulia já. Davam os parabéns a D. Luís, os dois estudantes a D. Angélica, a aia a si mesma. Ambrósio restituía à sua luva o estado normal; o proprietário, encruzado no chão, sustinha nos braços contra o peito o bem livrado corpo da sua Eva cuja cabeça lhe assentava, mortal, em cima do ombro. D. Matilde, compassiva, como quem sabia bem o que eram histéricos, alargava o espartilho da paciente, o cirurgião esfregava-lhe as pernas com a manga da sobrecasaca, aparelhando-se para sangrar. D. Angélica rasgava um lenço de assoar em ataduras.

Um reflexo de esperança! A moribunda agitou convulsivamente um braço; dez testas se debruçam, apinhadas umas por cima das outras, à roda do interessante painel conjugal. Ei-la que abre os olhos; o primeiro objecto que descobre é a cabeça e meia cara do marido; crê-se empolgada pelo urso, sacode com um pontapé o cirurgião cujas mãos lhe parecem patas de vinte arráteis cada uma; grita que lhe valham e, no seu delírio, esgrime um turbilhão de socos e com a mesma destreza com que os vira atirar em seco o atleta silvestre seu Tarquínio. O primeiro murro apanha-o pelos narizes o inofensivo mestre; este, saltando para trás, dá com o toutiço no queixo da aia; a aia, gritando aqui del-rei, cai para cima de frei Timóteo, que na sua queda atira as mãos ambas ao cós de D. Matilde e a tomba para a banda da afilhada, a qual (o primeiro ímpeto é sempre do egoísmo) recua até se ir baquear de assento em cima do urso, que ainda solta uma espécie de roncozinho, como

quem protesta contra tal desumanidade. D. Luís toma-a em braços.

– Duas vezes meu salvador! – exclama ela, e beija-o na testa.

D. Luís sente-se capaz de brigar, para defesa do seu tesouro, até com a Ursa Maior e com todas as tábuas zoológicas de Lineu.

A rainha de Sabá tinha enfim recobrado o conhecimento do mundo, já diferenciava o marido do urso, dispensava a sangria e propunha que a levassem de cadeirinha o esposo e o sr. Ambrósio, que lhe parecia para um tal carroto o mais próprio pela sua robustez e pela fama da sua capacidade. Ambrósio desculpava-se, mostrando a cascata de sangue que lhe escorria do nariz, e ninguém se oferecia para o suprir.

*

Neste comenos, pela mesma banda de onde surdira o urso, chegam correndo dois homens armados de espingardas. D. Luís carrega outra vez, arrebatadamente, as pistolas e adianta-se a recebê-los, não pesaroso de poder tornar-se terceira vez libertador. O prémio pelas duas primeiras fora já tão delicioso!...

Os homens das espingardas não queriam mal a ninguém; levaram, corteses, das suas carapuças e perguntaram-lhe se não tinham visto passar por ali algures, havia pouco, um estupor de um bicho guedelhudo, com um corpanzil de alguns seis pés de comprimento, olhinhos pequenos, focinho esguio a modo de porco, orelhas curtas, em suma, a figura do próprio diabo. D. Luís respondeu mostrando-lho, que jazia estirado num charco de sangueira.

– Pois, senhores – disseram os do pinhal achegando-se para a fera, que ainda arquejava, e medindo-a com os olhos por todas as partes – estávamos nós a guardar as nossas vinhas ao pé do Luso, quando veio, não sabemos donde, lá da casa de Satanás, este excomungado começar-nos a vindima. E que desembaraço! Cada cacho era um bocado; apanhava verdes e maduros e, quando Deus queria, cepa e tudo. Com os verdes fazia galhofa, atirava-os para o ar como foguetes; tudo mais... ia para a mochila. Açulámos-lhe os cães, nada: ladravam-lhe de longe; corremos sobre ele, apedrejou-nos; demos-lhe dois tiros, não o acertámos; fugiu, meteu por este pinhal abaixo; viemos-lhe no alcance. Que pernas que o ladrão tinha para correr! Olha para aquilo! Cada pesunho que te parto.

Outro homem sobreveio e cortou o diálogo. Vinha da mesma banda, como doido, sem chapéu nem carapuça; rompeu por entre os dois guarda-vinhas sem os ver, atirou-se acima do urso e, abraçando-o e beijando-o a soluçar, exclamou:

– *Orso mio carino! Figlio mio! Oimé! Sant Antonio di Padova, abbiate pietade dell'anima sua...*

CAPÍTULO XXI

O italiano

Era o italiano fornido de membros, bem apessoado, de olho vivo, fisionomia telegráfica e talento incomparável para a mímica. O seu accionado supria um dicionário.

Contou ele, *per soddisfare a queste donne e cavalieri cotanto cortesi* (cortesia até ao chão), que era um piemontês nobre, vítima das suas opiniões liberais e emigrado *per salvar la testa*; que viajara em Espanha como filósofo, *con una coppia d'orsi, un bertuccio ed una bertuccia* (pelo dicionário dos gestos, um par de macacos), *che guadagnavano onde mangiare potessero tutti cinque*. Tinha entrado *in Portogallo per fare ammirare sino agli orsi una nazione così cortese*; *havia varcato con gran piacere le provincie di Tra-li-monti e Minio, soggiornato in Bragancia, in Bracchari, in Porto, in Villa-nuova, in Agati, nella Miagliata, ed altre contrade moltissime*. Por último chegara a Luso, onde tinha determinado descansar, por vir *la bertuccia un pó malata*. O urso *doppo pranzo, mentre egli pigliava il caffè*, tinha fugido à procura de uvas, de que era *gran dilettante*. *Questi signori*, antes que ele *potesse raggiungerlo, lo avevano ammazzato*. Rematou a sua história tornando a inundar de lágrimas o focinho do urso, com uns gemidos que ainda o obrigaram a abrir o lúzio empanado com as névoas da morte e com umas exclamações que enterneceram a todo o auditório.

D. Angélica propôs uma contribuição geral em favor do italiano e correu ela mesma a recebê-la de mão em mão no seu indispensável.

D. Matilde, tendo primeiro conferenciado com D. Luís, com o sr. Ambrósio e com a aia, sem cuja aprovação não dava um passo, chegou ao piemontês, já meio consolado com o donativo, e propôs-lhe vir passar alguns dias na quinta dos Álamos, para as aperfeiçoar, àquela menina e mais a ela, na sua língua encantadora; que seria indemnizado do incómodo e que podia estar certo de que a sua doente se veria tratada como filha, sendo visitada todos os dias pelo doutor até completo restabelecimento. Desfez-se o estrangeiro em cortesias e prometeu que no dia seguinte, a ser-lhe possível, se apresentaria com *i compagni suoi nella villa degli Alami*.

*

Com esta digressão esqueceram os sustos e trabalhos já passados.

O sol ia de mergulho para o ocidente; a sombra da lavradora, de novo entronizada no macho, deitava já mais de trinta braças. Não havia tempo que perder; desandou-se para o palácio, onde chegaram noite fechada.

*

Enquanto o escudeiro acendia por cima dos tremós as refulgentes serpentinas de prata, subiu a aia ao seu quarto para arrecadar o chapéu de palhinha e o xaile sécio de lã vermelha. Ao entrar (está tudo às escuras) dá com as mãos num homem encostado à cama, o qual se levanta em sobressalto. Um ao outro se repulsam; um e outro perguntam ao mesmo tempo «quem é?»; um ao outro se reconhecem pela fala.

– João Simões! Tu aqui?!...

– É verdade, tia Feliciana, mas não faça bulha.

– Quem te deu a confiança?... Como entraste? Donde vens? Que pretendes?...

– Pilhei os senhores fora, os moços entretidos na cozinha com as moças, entrei sem ninguém me sentir.

– Mas para quê? Para quê?

– Não me trate com esse rigor. Sente-se. Falemos baixo.

– E se eu não quiser falar baixo?

– Faz mal, tia Feliciana. Pode vir alguém, apanhar-me aqui, eu dizer a verdade e ficar-se sabendo que já não é a primeira vez...

– Ingrato! Ingrato! Que paga que este sujeito me tem dado! Eu... A minha amizade; eu... Quantos livros ele queria da livraria particular da senhora, sem ela saber, eu... O meu dinheiro sempre pronto; eu... Os meus lenços de seda; eu... os covilhetinhos de marmelada, o meu coração, os meus carinhos, sabe Deus se até a minha fama! Tudo, tudo para este cão! E ele a namorar outras! Ele a fugir com...

– São calúnias, tia Feliciana; não fugi tal.

– Ele a furtar bestas!...

– Eu, tia Feliciana, que vim a pé?!...

– Ele a matar-me de cuidados, a afogar-se nos rios!...

– Não me afoguei tal, tia Feliciana; o pateta procurava-me, suponho eu, pela corrente abaixo; e eu que nado desde pequeno como um peixe, fui por baixo de água pela corrente acima.

– Roubar os seus protectores!...

– Era provimento cá para certa jornada muito precisa.

– Andar a fazer de alma de outro mundo!...

– Pudera! Se eu tivesse dito caqui está o corpo», desfaziam-mo.

– Pois confessas que eras tu?...

– Era eu, era; mas não diga nada a ninguém.

– E a altura? A altura? Como fizeste tu aquilo, inimigo?

– Ó homem, já lhe disse que não gritasse. Você cuidará que eu sou surdo? Fiz aquilo de propósito para me não conhecerem. Quando saí do rio de Viadores, fui ao pé de um estendal de roupa, apanhei um lençol grande para me embrulhar, que estava alagado, e levei-o. À noite tinha que falar com pessoas de minha amizade, lá em Aguim, para certas coisas; e para me não conhecerem embrulhei-me todo nele, com um cabaço comprido do aguadoiro das lavadeiras encaixado na cabeça, que parecia um gigante.

– Desinquietar uma rapariga para fugir com ele!...

– Mas não fugiu.

– Em suma: que é o que pretendes? Avia, que estou com pressa. Larga-me a mão ou prego-te uma bofetada. Ingrato! Ingrato! Valdevinos!

– Tia Felicidade, Vossemecê tem muito bom coração...

– Tenho, tenho; essa é que foi sempre a minha desgraça. Por isso é que eu nunca pude coalhar vintém.

– O que eu queria era que Vossemecê, que tem tanto poder sobre a minha madrinha, fizesse com que ela não acreditasse essas mentiras que me obrigam a fugir para Lisboa e, depois de eu lá estar, me mandasse dar alguma coisa de mesada certa para eu puxar por mim e chegar a ser gente. Dou-lhe a minha palavra, tia Feliciana: tão depressa eu me veja em algum posto capaz, mando-a buscar a Vossemecê a cavalo, e casamos.

– Cala-te.

– Juro-lho.

- St, st. Escuta.
- Valeu? Fala à sr.^a D. Matilde?
- Cala-te; sobem pela escada acima.
- Como há-de ser?
- E trazem luz. Esconde-te para esse vão, bem acocorado; eu ficarei diante, em pé.

*

Abre-se a porta, apresenta-se D. Angélica. Põe a luz no chão, senta-se na borda do leito, encara a aia e exclama:

- Que tem Você, mulher? Está com uma cara!...
- Umás dores de cabeça... que nem vejo. Se a menina apagasse a vela, fazia-me favor.

D. Angélica assoprou-a; só ficou luzindo no quarto uma réstia da lua nova:

– Pois sabe que mais, minha amiga? D. Luís adora-me, e eu a ele. Já o declarámos um ao outro mais de cem vezes.

– Sim?

– Sim. Que moço! Que juízo! Que instrução! Que livros que tem lido! Já ajustámos tudo para o serão de hoje: ele há-de tocar, eu hei-de cantar acompanhada por ele, hão-de-se jogar jogos de prendas e, se a madrinha consentir, havemos de ir passear todos para o jardim. Está-me lembrando a Júlia de Rousseau, que eu lhe contei a Você ontem à noite.

– Tomara-lhe eu os seus cuidados!

– E como Você diz isso!! Creio que julga que isto de amar é como beber um copo de água. Se Você bem soubesse o que é dar um beijo e levar dois!?... Um é fogo... Uma zunida nos ouvidos... Os olhos a encadear-se... O autor de Júlia é que era mestre. Como ele lhe acertou com o nome: «beijos acres!» Que está Você a ranger com os dentes?

– Ranger com os dentes! Eu?... Isso é também coisa dos seus ouvidos.

– Figurou-se-me tal e qual...

– Haviam de ser estes sapatos novos, que rangem que é um aborrecimento.

– Que rapaz! Que rapaz! E que valentia! Você não viu como ele se chegou ao urso quando todos estavam a tremer? Digo realmente: sou a mulher mais feliz!... O seu sapato está de quesília; é mesmo como uma dentuça a remoer; atire-o fora, que me está fazendo lembrar o urso. Porque não há-de Você vir para aqui sentar-se um pouco?

– Pois a menina há-de demorar-se aí?

– Muito, não, Deus me livre. Ele foi agora para o seu quarto dar ordens ao seu criado; dentro em vinte minutos há-de voltar para a sala; enquanto ele lá não está, parece-me um deserto.

– O que lhe eu digo, minha rica menina, é que ambos têm muitíssimo bom gosto; tomara já vê-los unidos, e eu que lhe faça a cama de casados e que lhe atire os confeitos. Nesse dia, até eu danço.

– Ai! Ai!...

Foram duas dentadas de João Simões na gorda anca da matrona que lhe fizeram ver as estrelas.

– Que é? Que é?

– Uma dor repentina.

- Você, quando lhe dão coisas dessas, não costuma fazer nada?
- Costumo, costumo, mas por ora não posso. Parece-me que senti a fala do sr. D. Luís.
- Há-de ser ele, há-de...
- Desça depressa. Eu vou fazer aqui uma esfregação e já lá vou para a brincadeira dos jogos de prendas.
- Adeus, adeus. Primeiro havemos de cantar. Se eu fosse pôr umas flores na cabeça?
- Para quê? Vá mesmo assim; está muito bem. Corra, corra, e feche-me a porta.

*

Alguns instantes de silêncio profundo.

Apenas deixaram de se ouvir os passos de D. Angélica, Feliciano, sem dizer palavra, agarra com a mão esquerda na trunfa de João Simões, sem o deixar erguer, saca do pé o sapato novo, puxa a cara do réu para o raio da Lua e com a sola principia a esbofetear pela direita e pela esquerda, com a pressa e regularidade de uma máquina de vapor. João Simões bufava como uma jibóia.

– Bofetadas! – murmurava ele em segredo. – Bofetadas em mim, tia Feliciano!? Bofetadas com um sapato!!?... Deixa estar, diabo negro, que esta hás-de-ma pagar. Sabe, sabe que estas sapatadas são na cara de Rui, são numas faces de homem que se estão assanhando aqui às escuras. Tu não sabes que estás em meu poder, que esta afronta é sanguinolenta e que o último folheto que eu li foi o *Antony!*?...

– Não há cá Antony nem Antonão. Eu não tenho medo de Você. Não te desfaço eu esses narizes porque não quero.

- Protesto solenemente, na presença de Deus...
- Vá protestar ao diabo que o carregue, dentes de cão. Ponha-se já a andar.
- Feliciano!
- Tenho dito.
- Feliciano! Feliciano!
- Torna lá o sapato?
- Não, eu parto. Perdoa alguma palavra mal dada e lembra-te... de falar à madrinha nas mesadas.
- Para as ires gastar com a taberneira?
- Queres... Exiges um juramento de que não as hei-de gastar senão comigo?
- Eu o que não quero são mais parlengas. É rua, e no mesmo instante.
- Se me virem, treme.
- Se o virem, viram um mariola. Mas eu irei pelo corredor até ao cimo da escada.
- Eu te sigo... Ah, mulheres, mulheres! Vós sois a fatalidade. Se vós não existísseis!...
- Também vocês não existiam, pedaço de asno. Corte. Aqui está a porta aberta, pode passar; não tenha medo. Vê no fundo do corredor aquela lanterna? Em chegando a ela...
- Tiro-a e levo-a.
- Se lhe parece... Vire para a direita e encontra a escada.

*

Disse, expulsou-o do quarto, deu volta à chave e atirou-se para cima da cama com uma explosão de choro

que bem mostrava quanto era o amor que a pobre mulher tinha malbaratado com aquele pérfido.

CAPÍTULO XXII

O torreão

Paralelamente com este pequeno drama de *carácter violento e paixões incisivas*, representado sem espectadores nem iluminação no quarto da aia e de que foi consequência ficar o teatro ensanguentado com duas feridas abertas por dentes de zeloso, corria noutra parte do palácio um diálogo cujo assunto merece ser conhecido.

*

Entrara D. Luís no seu aposento para se barbear, pentear e aromatizar de novo.

Constava este aposento, assim como outros quatro igualmente reservados para hóspedes, todos sitos nos baixos do edifício, de quatro casas pintadas de estuque, esteiradas e mobiladas agradavelmente: uma sala, dois quartos de cama, um para o amo e outro para o criado, e um toucador de homem com todos os seus pertences. Das janelas de D. Luís uma só, a da câmara de dormir, é que deitava para o pátio; as demais, e a porta, diziam para o jardim.

A esta janela topou D. Luís, pensativo, aéreo e às escuras, o seu criado, quando entrou. Fez-lhe admiração a novidade, porque de quantos moços folgazões jamais serviram a fidalgos mancebos, nenhum houve nunca menos talhado para filósofo e solitário que João Martinho nem, ao mesmo tempo, mais respeitador do quarto do morgado, no qual, quer em província quer na cidade, só entrava sendo chamado.

João Martinho, vendo inesperadamente o amo, pareceu confuso e ia sair. D. Luís ordenou-lhe que ficasse para o ajudar a vestir-se; e chegando-se, como que sem desígnio, para a janela, estendeu por mera curiosidade os olhos pelas vidraças fronteiras, pela varanda e pelo pátio, mas não viu ninguém; só a lua nova é que se mostrava na superfície trémula do tanque espaçoso com que o meio do pátio se aformoseava, ornado no centro com uma sereia carcomida a desfiar água pelos olhos, pelas ventas, pela boca e pelos peitos.

*

Não era inteligível que o rapaz estivesse ali emboscado no silêncio à caça de inspirações poéticas, nem que preferisse a companhia das moças, que riam e brincavam na cozinha, aos imóveis estafermos de murta e buxo que rodeavam, melancólicos, o lago frio.

– Que fazias a esta janela?

– Eu, fidalgo? Coisa nenhuma; estava a olhar para a Lua. Parece-me que não temos tempo seguro. Se amanhã vier bom dia e V. Ex.^a quisesse... podíamos abalar.

Depois daquela manifestação de desapego à quinta dos Álamos, era já escusado pesquisar se pelo pátio se enxergava alguém. D. Luís voltou para dentro e sentou-se a barbear-se.

– Amanhã, dizias tu, para Coimbra?

– V. Ex.^a fará o que quiser, mas a mim parecia-me...

– Visto isso, não te dás aqui bem.

– Não digo, mas...

– Fez-te alguém alguma coisa? Sinto-te assim... desconfiado, metido para o canto; no teu génio, não é natural.

– Pois, senhor, é que a gente ouve, e então...

– Mas o que é que tu ouves?

– Nada, não faça caso. Conversas de criadagem, bem sabe V. Ex.^a O que eu digo é que, se nos demoramos, depois de amanhã é rumor de Lua, pode carregar para aí chuva como cisco... – E, dizendo isto, os olhos do moço saíam pela vidraça fora para o alto do palácio.

D. Luís, com rosto sério e tom positivo:

– Mas, enfim, quero saber que é que dizem.

– Se V. Ex.^a me dispensasse...

– Não dispenso.

– Mas a fidalga sempre é sua prima; e isso de gente rústica, metem-se-lhe às vezes coisas nos miolos...

– Não entendo; explica-te.

– Se V. Ex.^a me fizesse a caridade de esperar ao menos que estivéssemos em Coimbra, ou, enfim, em qualquer outra parte que não fosse aqui...

As dificuldades não faziam senão acrescentar no cavalheiro a curiosidade já impaciente; ordenou ao servo que falasse franco e sem rodeios. João Martinho aparelhou-se para obedecer, abaixando a vidraça, fechando a janela por dentro e fazendo o mesmo a todas as outras, à porta para o jardim e à interior do próprio quarto em que se achavam. Depois da segunda intimação, começou, enfim, com repugnância manifesta:

– Pois, senhor, lá que a fidalga é uma senhora muito boa para a família e para a pobreza, isso ninguém o duvida. Só os jantares que se repartem naquela cozinha para a gente de fora! E então aos criados e criadas nas festas do ano! Não falemos. É umas mãos rotas. Quer V. Ex.^a que eu lhe conte o que ela tem dado à aia?

– Quero que me contes só o que ouviste contra ela.

– Ah, sim, as tais tolices do escudeiro. Pois, senhor, disse-me o escudeiro esta manhã, depois da missa, que nos fomos sentar ambos no caramanchão grande no meio do jardim a tomar o fresco... Mas são umas coisas sem pés nem cabeça.

– Sejam como forem, necessito de as saber.

– Estava eu a olhar cá para a casa, para aquele torreão esguio que se levanta do meio dos telhados e que se avista de tão longe, e perguntei-lhe para que servia aquilo: se era algum pombal, ou casa de pássaros. V. Ex.^a não reparou?

– Reparei, sim; suponho ser algum mirante. Tem uma varanda de ferro, que gira tudo em roda, e de cada um dos quatro lados uma porta de vidraça que dá para ela.

– Tal qual. Teodoro Ferreira...

– Quem é isso?

– O escudeiro. Esteve um pedaço, assim a cismar, a olhar para mim, para o torreão, para o torreão, para mim, e diz-me agora: «Você parece-me um rapaz calado e de capacidade; basta que ainda não lhe ouvi dizer nem meia palavra em desabono do seu amo, senão só honras e virtudes, e quanto é generoso para os seus criados. Fiado nisso, sempre lhe contarei... que a patroa não tem lá a melhor fama por estes sítios.»

– Que insolência!

– Isso mesmo lhe respondi eu; e ainda pus mais na carta, que lhe disse: «Pois com aquela idade, sr.

Teodoro?!» Que me há-de ele replicar? «Tenha mão; lá da sua honra ao presente ninguém rosna; a fama que ela tem é de... é de ter parte com o diabo.» V. Ex.^a ri-se? O mesmo fiz eu; mas ele ficou sério. «A porta da escada de caracol que sobe para aquele torreão – prosseguiu – é na câmara da senhora, está sempre fechada e a chave, que é de segredo, trá-la ela na algibeira. Há vinte anos que para aqui veio de Lisboa, ainda ninguém se pôde gabar de ter ido lá acima.» – «Visto isso – perguntei-lhe eu – ninguém sabe como é por dentro.» – «De vista – respondeu ele – só algum pássaro que tenha passado por lá e poisado na varanda; mas duvido, que por detrás das vidraças (segundo se percebe) há cortinas ou o que quer que é, e nem sempre da mesma cor. É rara a noite que se não vê lá uma luz depois da meia-noite e, quando Deus ou o diabo quer, até de madrugada. Às vezes, então, é tamanha a claridade que parece que é um incêndio que está mesmo, vai não vai, para botar já linguarões de fogo pelo telhado fora; mas tudo com um sossego, com um sossego... Por mais que se tenha escutado, em noites de Verão das mais serenas, nem um respiro se percebe.»

– E nessa claridade não se distingue coisa nenhuma?

– Também eu lhe perguntei isso, e parece que sim, mas não sempre. Vê-se umas vezes uma figura, outras outra; enfim, uma grande quantidade delas, mas sempre uma a uma.

Uma ocasião viu ele mesmo, com um óculo que mercou de propósito em Coimbra, que a tal coisa estava nua, com um saíote de penas e uma trunfa também de penas que parecia não seio quê. Ora por estas e por outras é que dizem pela boca pequena (Deus nos livre que lhe chegasse aos ouvidos), que aquilo são visitas ruins, ou então que é ela mesma, a fidalga (que já tem idade para bruxa), que se unta lá com algumas unturas que ela sabe e que se abala por ares e ventos para a súcia delas, que dizem que é aí para um matagal muito fechado para as bandas de Mortágua. O caso é que meninos chuchadinhos até aos ossos não têm faltado há anos pela vizinhança. Desses casos então contou-me ele muitos. Mas dê-me licença que vou abrir uma figa da janela e espreitar o torreão. Por ora, nada de novo; está às escuras. À cautela, tornemos a fechar. Pois, senhor, eu não sabia que lhes respondesse; sentia o corpo todo como pele de peru depenado. Entretanto, sempre lhe repliquei: «Sendo assim, para que vai ela à missa, como eu a vi, a rezar pelo seu livro, que parecia uma imagem? E para que dá esmolas? Depois de uma pessoa entregar a alma ao diabo, é asneira andar-se ralando com obras boas. Isso, diz Você que é há vinte anos, e antes, de que servia o torreão?» – «No tempo do fidalgo velho, avô da senhora, que foi o que o mandou fazer, era mirante e casa de regalo. Em vida do pai, que, segundo eles dizem, foi grande maganão enquanto solteiro e o tornou a ser depois de viúvo, servia-lhe lá para as suas patuscadas; era um escândalo, tanto que até uns missionários do Varatojo, que estiveram uma vez por esse tempo na Bairrada a fazer missão, disseram que havia uma casa na vizinhança, assim e assim, que ainda havia de ser causa de Deus mandar algum dilúvio ou terramoto. Depois que ele morreu, ouviam-se por lá de noite danças de pés de chumbo com grilhões a rastos e gemidos com risadas à mistura.» Pelo menos era o que diziam, que lá isso não o afirma o escudeiro. Ultimamente, depois que veio a sr a D. Matilde, adivinhem lá o que é! São as tais sombrinhas... As luzes... Deixe-me sempre tornar a observar.

Voltou à janela.

O torreão conservava-se na mesma tenebrosidade; as únicas luzes que se viam eram as da sala através das portas envidraçadas para a varanda.

*

– Acabou-se a tua enfiada de despropósitos? – perguntou D. Luís, dando em face do espelho o último

toque de pente à gaforina e ao bigode.

– Permita Deus que não sejam senão despropósitos! Mas o escudeiro ainda me contou outra coisa, que não é para dar grande vontade de assistir nesta casa. Parece que no último dia de cada ano vem por essa alameda acima, a horas incertas, uma figura de um frade velho, ou descalço, ou alma em pena, porque ao andar não faz mais ruído do que uma formiga. Traz bordão na mão e capuz na cabeça. Se acha a porta de ferro fechada, ajoelha ao pé dela, deixa-se ficar uma boa hora. Se a apanha aberta, entra, sobe pela escada daquela banda, atravessa muito devagar, muito devagar, a varanda toda, vem ajoelhar desta parte à porta da capela e, depois de um bom espaço, desce, desanda alameda abaixo e... viste-o. É como uma bola de sabão que se apagou no ar. O escudeiro tem para si que deve ser a alma do pai da fidalga, que vem, como quem diz, mostrar-lhe as barbas do vizinho a arder e dar-lhe de conselho que mande arrasar o torreão, ou tapar-lhe a porta com pedra e cal, ou benzê-lo nove dias a fio. O que parece que não tem dúvida é que o primeiro que tal figura viu, que foi o escudeiro velho, antecessor deste, ficou em tal estado que nunca mais deu palavra; e três dias que ainda viveu, viveu-os arrepiado, com os olhos espavoridos e a bater o queixo que metia pavor.

– Bom. Não repitas essas tontices a ninguém, fecha o meu quarto e vai-te para a cozinha.

Dizendo isto, D. Luís saiu ligeiro para se ir juntar à sociedade; lançou por simples curiosidade os olhos ao torreão e viu... (ou cuidou ver), posto que não fosse meia-noite, um longe de reflexo. Afirmou-se melhor e, convencido de que não era senão uma pálida reverberação da Lua na vidraça, riu-se consigo de si mesmo e lá entrou na sala com a firme tenção de se divertir e ser feliz.

Os animais prendados

O serão correu, pouco mais ou menos, como os desejos dos nossos amantes o haviam delineado.

Até perto da meia-noite foi uma série, não interrompida, de cantorias que em alguns corações deixavam eco; de contradanças seguidas de um pouco de fresco tomado a dois e dois pelas janelas, todas abertas às vibrações amorosas; de jogos semeados de risos e terminados constantemente em condenações em que, sob as formas e títulos mais diversos, se reproduz sempre o mesmo eterno fundo: o abraço, o beijo e o segredinho. D. Matilde presidia a tudo, via tudo, ouvia tudo pelos olhos, não proibia nada, mas prevenia que pudesse haver coisa nos seus protegidos que merecesse proibição.

*

O ofício de superintendente de polícia entre namorados não é, na verdade, dos mais fáceis, sobretudo quando as pessoas que as circunstâncias investem nesse cargo passaram já, como D. Matilde, para além de certa idade.

Graças porém aos usos da província, graças à indulgente familiaridade com que lá se consente muitas vezes a uma pessoa de inferior classe vir preencher o número indispensável para alguns divertimentos, a aia servia à senhora de ajudante. Não se dava um passo, não se fazia um movimento sem que uma ou outra o percebesse. A alfândega estava perfeitamente pautada e fiscalizada e, a não ser de envolta com as prendas do *rezar à capucha ou segar palha à francesa*, não era possível passar por alto o mínimo contrabando.

Apesar de tudo, foi um belo serão, especialmente para Angélica.

O seu capitão disse-lhe que, terminadas em Coimbra as suas Matemáticas, partiria em Junho ou Julho próximo para Paris, onde tencionava demorar-se enquanto achasse que aproveitar na capital das ciências, da imaginação e do bom gosto.

Discorrendo pelo coração, era para ela evidente que um dos preliminares da viagem seria a celebração do casamento, posto que em tal se não falasse, o que lhe dava certeza de ver realizados todos os seus sonhos de ir beber na fonte, fresquinhos, os romances novos, ter as modas em primeira mão, conversar com Monsieur Vítor Hugo e Monsieur le Viscomte d'Arincourt, e Monsieur de Balzac, e Monsieur Paul de Kock, e Monsieur Frédéric Soulié, e *Monsieur* la Comtesse Dudevant; ser admirada nos bailes pelas suas graças e elogiada nos folhetins pelo seu espírito. Dezasseis anos são dezasseis sereias coroadas de botões de rosas a profetizar em coro harmonioso. Todos vós assim tendes ouvido, por uma noite de Verão quando mais não fosse, não é verdade?

*

Depois de uma ceia lauta, a que ainda assistiram todos os da cavalgada, desceu D. Luís para o jardim para recapitular e saborear sozinho, antes de adormecer, as diversas sensações de tão cheio dia.

Luz que entrou no quarto de D. Angélica suscitou-lhe a lembrança do torreão. Pôs-se a olhar para ele com um pouquinho de curiosidade que se lhe pegara do criado, pouco mais ou menos como o nosso pai Adão havia

de olhar para o fruto proibido após as suasórias da sua já subjugada companheira.

A narração e as conjecturas do escudeiro eram verdades absurdíssimas, eram. Entretanto, havia ali um segredo, e segredo de mulher. Qual podia ser? Dava tudo por adivinhá-lo.

A vida de sua prima fora, em realidade, extraordinária. Lembrava-se confusamente de ter algumas vezes ouvido, na província, falar dela como de um ente meio fabuloso, a quem se atribuíam milhares de aventuras, metade das quais notoriamente falsificadas e redondamente impossíveis; mas dramas destes, em que o amor é sempre a mola real mais ou menos escondida, nem eram de supor na sua idade nem cabiam em tal deserto, nem se coadunavam com o sereno e piedoso da sua existência no presente.

Não; mas o espírito daquela senhora parecia, e não raro, engolfado num abismo; amiúde extravagava da conversação. O seu desmaio na sala, a ouvir um sucesso alheio; o seu cobrir-se de palidez quando soube que uma mulher a procurava; ao jantar, a sua cuidosa melancolia; as suas lágrimas em certos passos da música, o seu reanimar-se diante de qualquer pintura de felicidade amorosa, eram tudo sintomas de algum mistério.

As exalações da ceia, a calada e as trevas da noite, arrojavam pelo vácuo, acesa, errante e desgrehada como um cometa, a fantasia de D. Luís.

Cansado de voltar de contínuo, e baldadamente, a embater-se naquele silencioso vulto aéreo sem poder rasgar-lhe em parte nenhuma o seu manto caliginoso, descia com o espírito, como borboleta espantada das trevas, para o pé da luz tão serena do quarto de Angélica e perguntava-se a si mesmo se não havia temeridade em se agrilhoar por querer, como o estava ousando, aos pés de uma criatura de quem só conhecia as graças exteriores e que, sendo de alguma sorte obra e dependência das mãos de sua prima, podia muito bem vir a sair um dia imagem sua e já mesmo agora encerrar arcanos assustadores.

O ponto valia a pena de ser pelo menos meditado.

D. Luís possuía a arte de se mostrar elegantemente frívolo quando convinha; mas em negócios capitais (e este era-o para ele, indubitavelmente), sabia, ainda quando apaixonado, arrancar das horas arrebatadas alguns momentos para deliberar com sisudez. Assentou pois consigo em que, antes de se adiantar mais por um caminho de que nem sempre se retrocede, o seu primeiro cuidado seria estudar a fundo as qualidades latentes da sua fada.

*

Ia já recolher-se para amadurecer este projecto e consultar com o travesseiro o melhor modo de o pôr em execução, quando viu, não sem uma espécie de terror, resplandecer no torreão a janela que lhe ficava fronteira e passar por dentro uma figura. João Martinho estava de largo à espreita, sem ousar a descobrir-se-lhe; correu então para ele, apontando-lhe para o sítio fatal e perguntou em segredo se queria que fosse aparelhar as cavalgadas. D. Luís ordenou-lhe que se fosse deitar.

Por espaço de uma larga hora não se viu mudança alguma no luminoso painel despovoado. Depois recaiu tudo a súbitas na escuridão...

*

No dia seguinte, posto que o dormir, o sol e a vívida variedade da natureza real lhe aniquilassem parte do seu desassossego involuntário, subiu D. Luís mais cedo para a casa do almoço, para começar na fisionomia de uma e de outra dama os seus estudos psicológico-morais e prossegui-los até onde lhe fosse dado.

As senhoras, que ainda tardaram muito, pediram perdão de haverem feito esperar a companhia, desculpando-se uma e outra com terem adormecido muito tarde. D. Luís perguntou, rindo, a sua prima se eram as suas devoções as que a tinham ocupado para não dormir. D. Matilde ficou um momento perplexa, como quem, antes de lançar um véu necessário sobre uma verdade querida, a contempla com entranhada complacência; depois satisfez a maliciosa pergunta, imputando o seu insónio ao passeio e mau encontro da tarde antecedente.

D. Angélica disse que da sua parte não sabia o que lhe tinha espalhado o sono; mas que estava tão agitada! E depois, toda a noite sonhou que não fazia senão dançar. Era delicioso, mas era pesadelo; figurava-se-lhe que ia valsando (não disse com quem, mas olhou a furto para D. Luís) por esse Portugal fora; que atravessava a Espanha valsando; que via a Alhambra com os seus abencerragens redemoinhar em derredor dela; depois Gonçalo de Córdova e a sua Moira; depois o bosque de Bolonha e os seus duelos, Paris e os seus teatros, os *leões* e as suas *leões* em *tilburys*, tudo como ela valsando; a Suíça com os seus *chalets*, a sua Júlia e o seu Volmar ateu; depois a Itália e as suas gôndolas, as suas ruínas, a sua música perfume dos ouvidos, as suas flores, os seus punhais hereditários, as suas *vendettas* temerosas e seculares e a sua Corina laureada; a Alemanha e os seus castelos feudais, os seus fantasmas, os seus burgraves, as suas tradições da Terra Santa, o seu Doutor Fausto enjoado de tudo e o seu Werther a pregar o suicídio; a Polónia e as suas heroínas; a Rússia e os seus ursos; a Turquia e os seus haréns com banhos de âmbar; a Sibéria e os seus desterrados, e a interessante Elisabeth, pela mão de *Madame Cottin*, indo pedir ao Imperador o perdão para seu pai.

– Enfim – disse ela – o giro da minha valsa foi o do globo. Saí desta casa pelo norte e tornei a entrar nela pelo sul. Estava moída... mas encantada.

*

D. Luís ouviu-a de boca aberta, com uma cara que parecia dizer, a pesar seu:

– O que aí vai! Ou a Angélica deste almoço, ou a Angélica do almoço de ontem. O que são vinte e quatro horas bem aproveitadas! Faz-se uma revolução completa, como a da Terra.

Não havia dúvida: era uma romântica, petrechada de todos os conhecimentos análogos e por conseguinte imbuída provavelmente em todos os princípios da liberdade moral sem limites, da emancipação do sexo, da impossibilidade da virtude, do progresso indefinido e da teologia nova, que permite a Deus o existir mas lhe proíbe o governar ou disporem coisa alguma.

Dissimulou e decidiu aproveitar qualquer aberta para sondar melhor por todas as partes aquele espírito e reconhecer qual era nele o anverso e qual o reverso, qual a realidade constitutiva e qual a parte fictícia e fantasmagórica: a menina recolhida e modesta que ele vira na capela e que tornara ainda a ver em sonhos, ou a valsarina europeia que se lhe estava confessando com tão fogoso entusiasmo.

*

Pelo decurso do dia, reconduziu com admirável destreza a conversação para os poucos romances que a severidade dos seus estudos e a solidez do seu espírito lhe tinham consentido folhear e cuja leitura, posto agora o não dissesse, lhe parecera sempre perigosíssima; apontou com um aparente cepticismo, que desdizia muito da sua educação maciça e provinciana, as situações e caracteres que desses livros lhe ocorreram como mais próprios para servirem de pedra de tocar e achou constantemente que não era a valsarina, mas sim a devota da missa, a

que mentia.

D. Matilde escutava aquelas pequenas discussões sentimentais sem nelas se intrometer activamente, mas percebia-se que as opiniões da afilhada, na maior parte dos casos, concordavam com as suas, ainda que uma ou outra vez, mais prudente ou mais velha do que ela, afectasse com os gestos reprová-las e lhe fizesse, com olhos e meneios, ocultos sinais para mudar de rumo, o que a pobrezinha, de seu natural franca, ou não percebia, ou não realizava senão com uma imperícia tão decepada que fazia sorrir a D. Luís e à fidalga esgalhar de súbito a conversação para a transplantar para outro terreno.

Uma coisa maravilhava a D. Matilde: a copiosa erudição de novelas que descobria na afilhada: parecia um gabinete de leitura dos mais completos. A cada novo título que lhe ouvia citar, dava sempre um pulo na cadeira. Era um enigma que não podia resolver. A aia, consultada por ela de relance para ajudar a explicar tal fenómeno, livrou-se bem de lhe confessar que era ela própria quem da livraria particular da senhora lhas emprestara e disse-lhe que supunha que era o sr. Ambrósio que, para dar gosto à menina, lhas mandava ir de Lisboa; que pelo menos era isso o que a menina lhe havia confessado.

D. Matilde mostrava-se (e estava) pouco satisfeita; D. Luís estava-o sem o mostrar; só D. Angélica, aturdida com a sua mesma eloquência, embalada pelas suas dezasseis sereias, parecia sonhar num paraíso de bem-aventurança.

*

Começava já o crepúsculo. Passeavam todos no jardim. Rorejavam do céu, com as moles trevas, a melancolia, mais suave que os prazeres, as saudades do porvir, todos os feitiços daquela hora, não a mais corrompida do dia (como lhe chamou Dupary), mas a mais voluptuosa para o coração; hora das ave-marias saudada por nossos pais com o chapéu na mão, hora do ponto e férias para a natureza e para os negócios, hora do ninho para as aves, para os meninos e para os camponeses; hora das estrelas cosmopolitas para o mareante, para o ermitão e para o desterrado; hora do acordar para a fantasia e para os amores de toda a gente. As *boas-noites* exalavam dos seus seios aveludados, vermelhos como o pudor, as suas fragrâncias virginais; as *anáguas de Vénus* espargiam das suas grandes urnas cândidas, debruçadas por cima das cabeças, torrentes de aromas inebriantes que pareciam haver sido roubados durante o dia a algum toucador de odalisca e acumulados aqui para se vazarem todos sobre os hálitos ardentes nesta hora de sedução.

D. Angélica e D. Luís passeavam ao lado um do outro, com os olhos fitos na Lua e em silêncio. D. Matilde seguia-os a pequena distância, olhando para o torreão de tempo a tempo.

*

Ouve-se de repente uma flauta aguda ao longe. À falta de rouxinol, é esta música por certo a que mais condiz com as delícias inefáveis do crepúsculo. Param para a escutar. Vem pela alameda acima, entrou no pátio, calou-se; segue-se-lhe um rugido de urso.

– É o italiano! É o italiano!

Voam todos a recebê-lo.

Era com efeito o italiano, que vinha tocando num pífaro um hino patriótico de *uguaglianza e libertà* e conduzindo diante de si dois ursos façanhosos açamados, num dos quais vinha montado um macaco vestido de

general, com farda escarlate agaloada e chapéu de plumas e, no outro, a sua esposa com vestido de seda verde, xaile de seda branco e chapéu de palhinha de Itália com flores em quantidade.

Logo que, atraído pelo píforo, se reuniram todos os espectadores da casa, o General saltou em terra, deu a mão à sua dama para se apear, cortejaram ambos aos circunstantes e, voltando-se para as suas cavalgadas, desafiavam-nas para dançarem com eles. O italiano puxou para diante de si um tamboril que trazia às costas enfiado numa correia e principiou o acompanhamento. Os quatro bichos executaram à roda do tanque uma valsa em dois pares tão ligeira e azoinada que ninguém dos que tinham ouvido o sonho de D. Angélica pôde suster o riso.

Entretanto a noite fechou-se de todo. O *cavalheiro* piemontês disse que não tinha ainda *veduto niente*; que, *per dar gusto a queste donne e cavalieri*, ele ia fazer subir e entrar *nella sala i bertucci e gli orsi*, que lhes fariam passar *una sera molto piacevole*.

Aceitou-se a proposta com alvoroço. Ao tempo de entrarem, chega um moço com cartas do correio da Mealhada. Havia duas para D. Luís.

Abriu-as. Correu a primeira pelos olhos, rindo, leu e releu a segunda e foi sentar-se, pensativo, desviado de Angélica e indiferente ao espectáculo que se lhe aparelhava.

A carta anónima

Os animais eram, em verdade, um documento vivo do que podem a fome (tanto em gente como em brutos), a paciência de um emigrado e a mímica de um italiano. Para merecerem uma escritura em alguns teatros não lhes faltava senão falarem, mas para comparsas em corpo de baile estavam completos.

Anunciou-se que executariam, ao som já do tamboril, já do pífaro, várias cenas das obras modernas mais famosas. Começaram pelos *Mistérios de Paris*. A macaca fez de *Flor de Maria*, um dos ursos de *Rodolfo*, o outro de *Braço vermelho*; e o *Braço vermelho*, que era o maior, deixou-se muito bem soquear e levar debaixo pelo seu adversário. O General entretanto espreitava detrás de uma cadeira, imitando o *carvoeiro*.

Choveram as palmas.

Seguia-se *Notre Dame de Paris*. O empresário estava distribuindo as partes; a dama ia figurar de *Esmeralda*; o urso grande de *Capitão* no acto de a acometer; o pequeno de *Arcediogo* para furar ao *Capitão* as costas a seu tempo e salvar assim a honra da interessantíssima cigana. D. Matilde, pelo sim pelo não, sem ser membro do Conservatório, julgou mais conveniente omitir-se aquela parte do divertimento. O empresário reparou na donzela que se achava no auditório e disse vivamente para a fidalga, com uma profunda reverência:

– *Capito, capito, ho capito.*

E por ordem superior, pôs no transparente um contra-anúncio.

Desta vez tocava a honra a *Monsieur Dumas*.

– *Questo é il Conte Orazio – dizia ele, mostrando o mono. – Questa la donna inglese rapita. Due birboni verranno a legarla piedi e mani sopra il letto; questo sciagurato, pieno di vino e di cattivi desiderii andrà a soddisfare l'infame sua voglia; l'altro vorrà scacciarlo, ed esser lui il primo; si morderanno entrambi come cani; vincerá questo; e il Conte mio con la pistola, pum!, ucciderá la sventurata. Ci manca solamente una Paulina da mettere in fuori sopra la porta tutta impaurita a mirar la scena. Se questa donna – apontava para a aia – vuol fare la Paulina...*

Por ordem superior, proibido também este espectáculo. O italiano renunciou ao resto do seu repertório; contra quase todo ele podiam militar iguais razões.

– *Donne e signori miei tutti quanti – disse o estrangeiro assentando no canapé la bertuccia para descansar, em atenção ao melindroso estado dos seus nervos – questo orso si dá vanto d'indovinare a ciascheduno i suoi secreti, e palesarli con una filosofica libertá, degna veramente di un orso como lui, che é nato in Lituania, in mezzo alle forste, libero come Varia, ed uguale... á tutti gli altri orsi. Parlate dunque, signor Don Magico; acciò vi metto sopra il capo la berreta nera. Saprete scegliere tra queste donne bravissime la piú innamorata?*

O urso fez uma cortesia a D. Angélica.

– *Grazzia tanta, grazzia tanta; benissimo. Vorrei adesso saper signor Don Magico, se vi si trova chi abbia in cuore tenerezza e crudeltá insieme.*

O urso apontou para a aia.

– *Che merita dunque una cotal donna?*

O urso dá um passo atrás, esgrime dois socos no ar, vai atirar-se de chofre acima da pobre mulher; o

italiano prega-lhe com o pau nos focinhos, o que lhe fez soltar um bramido espantoso, sacudir o barrete pelos ares e ficar quieto.

– *Perdonate, signor Dom Magico. Vi chiederò ancora se v'è donna, al mondo, ammirabile, perfettissima, ripiena di bellezza e di generosità verso i poveri, gli stranieri, gli emigrante, etcetera, etcetera.*

O urso fez três cortesias diante da dona da casa, à moda das do italiano.

– *Bravissimo! Andremmo à finire l'indoviazione con una sola richiesta. Ci puo lei segnare il più fedele, il più traditto, il più geloso amante fra questi cavalieri?*

O bicho vira-se de repente para D. Luís, cuja fisionomia realmente parece justificar o ruim diagnóstico. D. Luís, pressentindo o temporal de epigramas que lhe vão cair em cima e de que já são precursoras as gargalhadas, levanta-se com enfado para se retirar...

*

Uma das cartas que na mão tem, cai-lhe sem ele sentir. A *esposa do General* salta do canapé como um raio e apanha-a. D. Luís quer tirar-lha, ela esquiva-se; com outro pulo, torna a sentar-se entre as damas e, vendo que D. Luís a segue até ali reivindicando a sua propriedade e mostrando por gestos nada equívocos que, se forem necessárias violências, não as poupará para a reaver... (seja inspiração, seja acaso, seja instinto feminino) some o papel onde o *cavalheiro* se não atreverá a ir tomá-lo: some-o no seio de D. Angélica, dá dois guinchos de triunfo e esconde-se por detrás dela, a espreitar com focinho de escárnio.

D. Luís vai-se para a janela.

*

O desassossego de D. Angélica era visível e tinha crescido desde o princípio da representação. A indiferença afectada com que D. Luís forcejava por encobrir o seu despeito pungia-a no coração, no amor próprio e na curiosidade.

Ergueu-se e, tirando do seio o papel, chegou ao capitão para lho restituir, enquanto os outros se entretinham a ver uns exercícios ginásticos do urso grande. D. Luís não estendia a mão para receber a carta. D. Angélica insistia:

– Não pertence a V Ex.^a? – perguntava ela.

– A mim?... Talvez sim, na parte mínima; porém, o principal é a V Ex.^a que se dirige.

– A mim?!

– E talvez não. Realmente, custa a acreditar.

– Em todo o caso, o sobrescrito é para V. Ex.^a.

– As exterioridades nem sempre correspondem ao que há dentro.

– Mas com que direito pretende V. Ex.^a obrigar-me...

– Obrigá-la! Eu não pretendo obrigar a V. Ex.^a a coisa alguma. Reconheço que somos ambos livres; livres e iguais – acrescentou, rindo, depois de um breve intervalo – como os ursos da Lituânia...

– ... Que adivinham os zelosos de vinte anos...

– ... Mas que não adivinham as enganadoras de dezasseis.

– Não entendo. Se não sonho, estamos representando uma comédia mais ridícula que as do italiano.

– E por que não representaria V Ex.^a, quando recebeu da natureza esse talento em grau... heróico?
– Fingem-se uns zelos para esconder uma perfídia; abandona-se uma carta preparada talvez de antemão; procura-se obrigar a lê-la. Se se consegue, chega-se a um rompimento que se desejava e, livre de um desvio fortuito e importuno, continua-se o curso de uma inclinação mais antiga, mais agradável, e porventura mais conforme às nossas vistas de engrandecimento ou de... que sei eu?

– Julgar por si mesmo não é sempre o melhor modo de acertar.

– Pelo contrário: para uma mulher, quando ama pela primeira vez... o julgar por si mesma é a receita mais segura para errar.

– Pela primeira vez, sr.^a D. Angélica? Pela primeira vez!!... Mas há realmente pessoas de tão admirável modéstia que se não conhecem.

A donzela ficou perplexa alguns momentos.

– Falemos sem rodeios – disse ela enfim. – Anda aqui um mistério que eu não adivinho e que é indispensável aclarar-se.

– Um mistério? Mas não tem V. Ex.^a na mão uma carta aberta que talvez explique tudo, que eu lhe entrego, que eu recomendo, que eu insisto para que leia?

– Mas está V. Ex.^a bem certo de que esta carta, que tanto se empenha em que eu veja, é realmente a que foi feita para esse fim? V. Ex.^a recebeu duas e os seus conteúdos, a julgar pela expressão do rosto de V Ex.^a enquanto as lia, eram de natureza bem oposta. Talvez a séria fosse o enigma, um enigma infame; a outra, a explicação desse enigma: o comentário escrito por letra de mulher... de alguma a quem não pese haver encontrado uma rival para ter quem encadeie ao seu carro de triunfo.

– Mas V. Ex.^a esquece que não há ainda quarenta e oito horas que nos avistámos pela primeira vez e que os nossos correios não voam por caminho de ferro. Mas, sem me deter em refutar uma acusação de deslealdade, feita por quem talvez teria menos direito que ninguém para a fazer, eu lerei a outra carta diante de toda a companhia: é datada de Coimbra, desta manhã, e assinada por um estudante meu amigo. V Ex.^a pode seguir com os seus próprios olhos a leitura.

Sem esperar resposta, desdobrou a carta, voltou com ar prazenteiro para diante o canapé e requereu cinco minutos de silêncio para assistirem em espírito a uma curiosa farsa, ou drama, ou melodrama (a classificação era difícil), representada em Coimbra na tarde precedente. Puseram todos a sua atenção para a leitura menos os macacos e os ursos, que entretanto se espojavam e faziam toda a espécie de cabriolas uns por cima dos outros.

Reduziremos só ao essencial a exposição do caso, que vinha entretecida e bordada das mais cómicas circunstâncias e acessórios.

*

O correspondente, depois de narrar a cena do Peneireiro em que fora testemunha e taquígrafo, prosseguia:

«Pelos 5 horas da tarde, a mulher do regedor da paróquia de Aguiçes chegou ao palácio do Governo Civil dizendo que necessitava de falar quanto antes com Sua Ex.^a.

Sua Ex.^a achava-se à mesa com alguns amigos (eu era um deles); mandou-lhe pedir que entrasse para uma sala próxima, que depressa iria ter com ela. A regedora entrou para a casa da mesa, mandou-se assentar lançando para trás a capoteira e a touca, e expôs a sua campanha de pela manhã, documentada com os apontamentos para a crónica íntima do ladrão e com o auto de fuga com arrombamento e de rapto da sua égua

e de uma moça donzela. Deu os sinais que havia podido colher da pessoa e do vestuário tanto de João Simões como de Evarista e representou à suprema autoridade administrativa a necessidade de se darem logo logo as mais eficazes providências para que, em qualquer parte, os dois, ou algum deles que aparecesse, fosse preso, metido em processo e ela imediatamente notificada, pois tencionava ser-lhes parte.

O governador civil, tomando-a por doida à vista dos estranhos comentários que lhe explanava sobre o *Código*, prometeu-lhe que faria todo o possível; que as ordens, com os sinais dos dois fugitivos, se iam passar incessantemente a todos os subalternos policiais e que podia retirar-se descansada para sua casa.

À saída do palácio do Governo, passando por uma estalagem, viu a regedora dois arrieiros no meio do pátio a soquearem-se com toda a alma e consciência diante de um mulherão que parecia aguardar com indiferença, arrimada a uma esquina, o resultado do combate que por seu respeito se dava e de que ela mesma tinha de vir a ser o prémio para o vencedor e a consolação para o vencido. D. Quitéria reconheceu de repente, pelos sinais, ser a desertora do Peneireiro. Correu a ela e, fazendo prólogo de uma bofetada, a que logo se lhe respondeu com um prefácio de duas, deu-lhe a voz de presa da parte do sr. governador civil. Brigaram; veio a Justiça; foram ambas presas.»

A descrição das fúrias da regedora na cadeia era magnífica. Nem o carcereiro, com os seus ajudantes, a podiam sopear. A vizinhança passou toda a noite pelas janelas e a estudantaria na rua a ouvirem-na declamar. Citava trinta mil parágrafos do *Código*, tudo de cor, porque o livro que trazia na algibeira tinha-lhe saltado fora durante a luta.

Blasfemava contra os governadores civis, jurava e trejurava que nas próximas eleições trabalharia contra o poder; e cada período da sua catilinária terminava sempre em pancadaria na companheira, que da sua parte não citava nada mas batia desenganadamente e prometia ainda mais para quando se vissem dali para fora.

*

Concluída a leitura, deixou D. Luís a carta aberta sobre a mesa, deu pela sala dois passeios e tornou-se a chegar, como por demais, para a janela em cujo vão D. Angélica tinha ficado. Fingindo que a não esperava ali, inclinou-se respeitosamente e ia retirar-se quando ela, apertando-lhe o braço,

– Tomai a vossa carta – disse-lhe com dignidade. – Corri-a pelo olhos enquanto lêis a outra. Guardai-a; é anónima e tanto basta. Foi escrita por mão infame, não pode demorar-se entre as minhas. Não cairei na humilhação de me justificar, não é preciso consumir tempo em desatar o que pode cortar-se de um só golpe. Desde esta hora nunca mais nos veremos. Quando tornardes a ouvir falar em Angélica... conhecereis de que têmpera era o coração que espedaçastes. Conheçê-lo-eis, mas será tarde. D. Luís, eu deixo-vos a minha última palavra: sou inocente. Eis aqui toda a minha vingança.

Dizendo isto, saiu lançando a carta aos pés de D. Luís, que, senhoreando-se dos mais contrários afectos, não teve forças para a deter, nem para a chamar, nem para a seguir.

Transformação

D. Luís persistia imóvel, com a carta aos pés, voltado para a porta por onde vira desaparecer a D. Angélica. Só então conheceu o terrível progresso que o amor havia feito no seu coração, quando se convenceu de a haver perdido. Aquela porta negrejava-lhe à fantasia como a entrada de um carneiro

A palavra *inocente* retinia na sua alma como imprecação de moribundo.

Uma voz surda bradava-lhe:

«Homem insensato e brutal, consumaste o suplício; desonraste e feriste; mas processaste e provaste.»

Encarava no retrato, que pendia coroado de flores alvas na parede fronteira, sereno, risonho, com a vista levantada para o céu; supunha contemplar uma vítima resignada. Rasgou o papel, arrojou com raiva os pedaços pelo balcão fora como se entregam pela mão da Justiça aos quatro ventos as cinzas de um sacrilégio; e, desenganado com meia hora de espera de que a donzela não voltaria, correu para o jardim. Era-lhe necessário esconder a sua agitação, acarear em liberdade a carta, o sonho, as ideias românticas da sua acusada com a celeste imagem da capela e com as provas que ela lhe tinha dado, tantas e tão claras, de interesse, de amor, de amor tão entranhado que excluía toda a possibilidade de não ser o primeiro. Enfim, era-lhe indispensável tornar a ver a mesma luz pela janela do mesmo quarto e explorar se se não premeditava ali algum acto de desesperação. Com a fantasia viva e exaltada que ele reconhecera na protegida de sua prima e com a dor concentrada com que a vira fugir da sala, tudo se podia reear.

Os temores de D. Luís, que não eram sem fundamento, desatinavam-no como remorsos. D. Angélica passeava no seu aposento. D. Matilde, tanto que o primo se despediu e que a afilhada lhe mandou dizer pela aia que desejava a dispensasse da ceia por se achar indisposta e lhe convir antes o sossego, dera o serão por terminado. Ceara à pressa e ordenara ao escudeiro fosse acomodar num dos quartos de hóspedes, com porta para o jardim, o italiano e os seus bichos.

O italiano recolheu-os e tornou-se para fora a tomar ainda um pouco de fresco, sentado num banco de pedra entre dois vasos colossais de loiça, um enfeitado de *ceriosas* fragrantes, o outro carregado de *mingrólios*, essas flores escuras que amam conversar perfumes com as trevas. Era uma noite deliciosa; recordava-se da sua Itália, deixava-se estar.

D. Luís, que não queria senão agitar-se à sua vontade, sem testemunhas, e que não via nada no quarto de D. Angélica, deixou o campo livre ao estrangeiro; foi aparelhar ele mesmo o seu cavalo e saiu para correr pelos arredores até que o sono, ou o dia, o viessem tomar.

*

D. Angélica não tinha saído com a luz do seu quarto senão para ir buscar papel e tinta e certificar-se de que estava já tudo recolhido. Fechou-se por dentro e principiou a escrever.

A viração da noite meneava contra a vidraça um festão mal preso das plantas trepadeiras com que a parede era por fora revestida. Aquele som distraiu-a; ergueu-se, debruçou-se para fora a prender o ramo. Pareceu-lhe ver bulir ao pé do muro uma coisa preta; afirmou-se, não percebeu mais nada, tornou para a mesa.

Outra vez rumor nas trepadeiras; não é o vento; hastes e canas que estalam; sobe-se. Corre atemorizada à janela; dá cara a cara com o busto de um urso. Não pode gritar, que lho proíbe o terror; não pode fugir, que a mão da fera já a empolgou pelo vestido. Cai. O animal está em pé diante dela; num volver de olhos desceu a vidraça, fechou ambas as meias portas, atirou-a para cima do leito. Puxa com fúria pela guedelha da sua própria cabeça, esfolou-a, aparece a cara de João Simões!

*

Antes que nos aventuremos a esboçar a memoranda cena trágica, inevitável nas relações mútuas destes dois personagens, cena cujo desenlace (bem a nosso pesar) há-de ser terrível, expliquemos o inesperado aparecimento de João neste lugar.

*

Expulso do palácio pela aia, tomara o infeliz ao acaso o primeiro caminho que se lhe deparou. Seguia-o tristemente, sem saber para onde; tudo lhe era indiferentíssimo; em nenhuma parte o esperavam, em nenhuma se podia apresentar sem perigo urgente. Àquelas horas a vigilância incansável da regedora devia ter revolido contra ele céu e terra, de Aguium para o sul até Coimbra, de Aguium para o norte até ao Porto; por toda a parte deviam estar os laços prevenidos, os olhos alerta, mil alçapões imperceptíveis desferrolhados diante dos seus pés.

– Uma caverna! Uma caverna!... – exclama ele. – Uma caverna onde me refugie até que o tempo haja apagado a memória dos meus perseguidores ou os meus cabelos, encanecendo ao fogo que me devora esta cabeça, me tenham feito desconhecível! Uma caverna! Uma caverna, ainda que seja habitada por lobos! Oh! Eles são menos bárbaros que todas elas, essas pérfidas, que eu, eu, alma infinita, admiti à comunhão do meu amor. Metade da minha vida por uma caverna, onde eu faça estremecer os rochedos com as minhas imprecações, onde, estendido na terra húmida como um réptil que elabora em silêncio os seus venenos, eu concerte o projecto das minhas vinganças. Uma caverna, meu Deus, uma caverna!...

E tudo que atravessava eram vinhas e mais vinhas.

Constrangido a renunciar ou a adiar a ideia com que havia fugido do Peneireiro, que era dirigir-se a Coimbra, onde Evarista o devia esperar para se irem juntos até Lisboa, pareceu-lhe que de todos os esconderijos possíveis o mais seguro, à míngua de uma caverna, e porventura o mais agradável, seria para ele a grande mata do Buçaco.

Já para lá ia quando encontrou junto a uma fogueirinha de agulhas de pinheiro, no meio da estrada, um estrangeiro sozinho a esfolar um urso. Pediu-lhe licença para acender na fogueira o seu cigarro a fim de encetar conversação, assentou-se perto dele e perguntou-lhe donde viera aquele bicho e porque lhe tirava a pele.

O estrangeiro contou-lhe, conforme pôde, o como lhe haviam morto companheiro e amigo, que o ajudava a viver, e o generoso convite que umas senhoras da quinta dos Álamos lhe tinham feito para o consolarem e que ele estava resolvido a aproveitar, visto que ficara com um só urso e que era dos dois o mais besta. A maior parte das representações que dava aos povos já se não podiam executar.

Então uma ideia lúcida, a primeira daquela noite, fulgurou na alma do foragido. Levantou-se como inspirado e apresentando meia moeda aos olhos do estrangeiro atónito,

– Meu amigo – disse-lhe – foi este para ambos nós um encontro providencial. Eu serei o vosso urso. Vesti-me com a sua pele, dizei-me o que pretendeis que eu represente. Vamos à quinta dos Álamos, onde grandes interesses me chamam também a mim e de lá (estou às vossas ordens) correremos o Universo se quiserdes. Oh, sim! Já que esta miserável sociedade repele do seu seio um homem que, pelo seu génio, era destinado a ilustrá-la, a engrandecê-la, tenho prazer, eu, eu, em me tornar a ela contra sua vontade, em a atravessar em todas as direcções, escarnecendo das suas mesquinhas leis, independente, respeitado, estremecido, sublime, urso, sim, urso. Debaixo dessas nobres felpas, o meu coração pulsará à sua vontade. Eu sonharei uma existência silvestre e a minha poesia assumirá um carácter novo, uma energia indómita, uma força bruta que debalde se atormentam para dar à sua todos esses casacas que fazem folhetinhos de trovas lá pelas cidades. Meia moeda pela glória! Tomai uma moeda, magnânimo estrangeiro, tomai duas e recebei-me na vossa família.

O piemontês aceitou o contrato com o maior gosto.

*

Finda que foi a operação, dirigiram-se ambos para um curral velho e desamparado, pouco distante do lugarejo de Luso, onde o forasteiro tinha enclausurado a bicharia. Empregaram a noite e parte do seguinte dia em enxugar com sêmeas e ao calor do lume a preciosa pele. João vestiu-a. O director, depois de lhe dar alguns toques, franzindo aqui, puxando e alargando acolá e escondendo as pontas das fitas com que foi necessário ligar a cabeça ao corpo, exclamou, pregando-lhe uma palmada na anca e chocalhando com ufanía o dinheiro na algibeira, que nem uma ursa era capaz de produzir outro mais natural.

Os macacos familiarizaram-se logo com o seu novo hóspede e até o outro urso, com meia dúzia de bordoadas sabiamente aplicadas pelo dono, para não comer o companheiro como a princípio parecia projectar, ficou (ou fingiu ficar) muito convencido de que era realmente indivíduo da sua espécie o que lhe ofereciam para camarada.

Durante o caminho para a quinta viera o adepto exercitando-se no modo de bramir, de dançar, de saltar por cima do pau e ensaiando com os outros três actores as cenas que deviam representar.

*

Com tal disfarce perfeitamente sucedido, João pudera presenciar com os seus próprios olhos e ouvidos o efeito da *anónima* que ele mesmo escrevera essa manhã a D. Luís e mandara deitar no correio da Mealhada, dizendo-lhe que Angélica era a namorada de um miserável filho de um moleiro ao pé da aldeia da sua residência; que este possuía cartas dela e que talvez, na hora em que ela entrasse num templo a dar a sua mão a outro, depois de proferido o fatal *sim*, essas cartas seriam arrojadas aos pés do crédulo e da traidora.

Assistira, e de tão perto que não perdera uma sílaba nem um gesto à breve discussão dos arrufados ao pé da janela e em que o amor, avultando num e noutro através do despeito, sublimara no seu coração o ciúme até ao último grau: até ao grau de ciúme de urso.

Com estas disposições funestas é que ele saíra do improvisado pátio dos bichos, nos quartos baixos do jardim, sem que o italiano, pela mútua dependência em que um e outro se achavam, lho pudesse proibir ou dissuadi-lo. Subira com selvática impavidez pelo frágil tecido das trepadeiras e entrara no quarto da donzela com a pistola e o punhal entre as suas peles, decidido, fosse como fosse, a vingar-se ou da traidora, pela morte, ou do

seu rival, pela felicidade.

Tragédia

Largo espaço perseveraram em silêncio, olhando imóveis um para o outro: a donzela como a pálida estátua da consternação derrubada sobre a sua base, com uma das mãos fechada sobre o peito, a outra meio estendida em acção de repulsar; o mancebo, com a direita apertada no cabo de um punhal meio à mostra e a esquerda ferrada na barba.

O seu rosto, inchado com o afrontoso suplício da véspera e horrendamente mesclado de escarlata e amarelidão, não cobria senão como cortina diáfana os pensamentos sinistros, as imagens sanguinárias que por dentro tumultuavam como uma ronda de feiticeiras e demónios em noite aziaga sobre as ruínas de uma antiga mansão de festas ao luzir intermitente de um fantástico meteoro.

Não era já aquele prosaico misto de baixeza e de orgulho, de pobres, de mesquinhas realidades e de sonhos ambiciosos. Os ultrajes, o infortúnio, a feridade que da pele se lhe coara para o coração desde que a vestira, a cólera que o ciúme recente ali havia acumulado, aniquilaram do seu composto a parte, por que assim o digamos, parodial.

Não era agora senão o génio da vingança, medonho e solene, atroz, porém sublime, aguçando o ferro aos pés da vítima antes de consumir o sacrifício e gozando-se da demora que lhes prolongava a ambos a agonia.

Era culpa sua, ou da fatalidade, se representava um papel tão abominoso?

Quem o houver de condenar deve pelo menos admitir como circunstância atenuante, além das que já se conhecem, que as últimas leituras deste mancebo ardente, impetuoso, solitário e sem guia, tinham sido, por um inconcebível capricho do acaso, as traduções do *Otelo* de Shakespeare, do *Amor e Enredo* de Schiller, do *Antony*, de Dumas, e *A Noite do Castelo* de... de... seja quem for.

Todos estes elementos de mulhericídio se viam referver em cachão nas suas entranhas, na sua testa, nos seus olhos, nos seus lábios, nos seus braços, que faziam esforços de ferro para não estarem convulsos.

*

– Espanta-te a minha presença? – disse, enfim, sem mudar de posição. – Não esperavas tornar a ver-me, Angélica!... Sossega, é uma despedida, nada mais. Uma despedida para um país donde se não volta. Queres que vamos juntos? Podemos ir, podemos ir juntos. A nossa chegada será uma bela festa para os espíritos da noite.

Os dentes da virgem batiam com violência, espedaçando na passagem a palavra perdão, que saía vagarosa, mortiça e desacentuada como do peito de um autómato.

João encostou a cabeça a um dos balaustres dos pés do leito, passou em roda dele o braço como para se prender a si mesmo e continuou, depois de alguma pausa em esconder as lágrimas que lhe escorriam pelas faces:

– Em que te havia eu merecido o nome de monstro antes desta hora? Mocidade tempestuosa, sim, tive-a, mas a mulher em quem eu adorava espírito e corpo, aquela com quem eu sonhava associados os meus futuros de glória... eras tu unicamente. E éramos feitos para nos compreendermos; e a nossa sorte teria feito invejas a rainhas e reis sobre os seus tronos. A felicidade ia-nos abrir o portão do seu templo coroado de flores; e tu, imaginando poder ficar dentro sem mim, fechaste-mo na cara. Fizeste bem, muito bem. Que era cá o filho de um

moleiro, um miserável chamado João Simões, um homem sem dragonas, sem representação, sem riqueza, um desgraçado que só tinha por si os seus méritos pessoais e o talento, que tu própria algumas vezes, aqui, aqui mesmo na quinta da nossa madrinha, tinhas (como ela) confessado reconhecer-lhe? Um tal indivíduo só podia servir para enquanto não aparecesse alguma coisa melhor. Era um passatempo, um exercício de amores como os dos meninos da escola de teu tio, D. Angélica, de teu tio, nobre esposa de um fidalgo, que a fazem letra seca à espera de a virem a fazer molhada. Cala-te, cala-te. Não me interrompas, que, se me quebras o fio das ideias que reuni com tanto custo... Ouve. Onde ia eu?...Se tornas a confundir-me, acabo com isto mais depressa do que tencionava. Sim, muito bem: sacrificaste-me por me julgares inferior ao primeiro soberbo que te quis atirar o seu amor, como tu me atiraras o teu também a mim. Mas... sabes tu se não virá um dia em que o soberbo se desvaneça de subir as minhas escadas e de esperar entre os meus lacaios que eu me levante? A ele, uma certidão no livro do baptismo da sua terra e quatro pergaminhos enrolados em algum armário, como os da nossa madrinha, têm fixado a sua nobreza; a mim... podem-me surgir no passado montes repentinos de fidalguia. Atende. Era uma noite de Natal. Pedro Simões e a sua mulher estavam rezando a novena diante do Menino Deus alumiado com duas candeias, enfeitado de buxo verde, reclinado sobre uma arca de milho coberta com toalha de folhos. Choravam muito: havia dois dias que a pobre mulher vira morrer no seu regaço o seu filho único, ainda de mama. O Menino Jesus assim a rir-se matava-a. Ela mesma, há três dias, no meio de grande trovoadas, mo contou pela primeira vez; foi a última que nos falámos. Eram 11 horas, já em Tamengos se tocava para a missa; ouvem à porta um choro de criança, correm, encontram-me numa canastra envolto numa cobertura de seda rica; não avistam ninguém e chove neve. Recolhem-me, aquecem-me à fogueira, que vinha enregelado; fazem a minha cama ao pé do Menino, a quem, dois minutos antes, com tanto fervor pediam que os consolasse. Julgam-me enviado milagrosamente pela Providência para este fim. Dormiam já; era fora de horas; acordam em sobressalto; sentiram três pancadas na porta; ouvem estas palavras: «Aí tendes um filho; Deus vo-lo manda; guardai-o; é um penhor de felicidade. Segredo; dormi e esperai.» Pedro tornou à porta, girou em roda o moinho, mas não viu ninguém. Quem me entregou àquela boa gente? Não sei.

Para quê? Não sei. Mas que o meu nascimento não era miserável, dizem-no os meus espíritos, repetia-o de ano a ano um bolo de mel com dinheiro em oiro dentro que alguém vinha sempre em noite de Natal, e sem se dar a conhecer, pôr à porta do moinho, acompanhado das mesmas três pancadas. Oh! Porque me esconderam eles aquele segredo? Maldição, maldição, que nos assassinaram! Se eu o tivesse sabido, ter-to-ia comunicado e talvez esse D. Luís... Mas eu esqueço o verdadeiro fim que aqui me trouxe...

*

Dizendo isto, deu duas voltas ao quarto, sacudindo por vezes a cabeça para afugentar enxames de tentações. Voltou para o pé do leito, apertou com ambas as suas mãos as da donzela e, com um tom de concentrado afecto impossível de explicar, disse-lhe:

– Levanta-te, levanta-te. Fugamos. Fugamos; eu te porei em seguro. Abandona-te ao meu imenso amor. Eu tenho um ermo escolhido para ti, para nós, onde envelhecemos sem ser vistos senão dos nossos filhos... Voltas o rosto? Já não te agrada a solidão? Não importa. Levanta-te; agarra-te às minhas costas; eu te descerei sã e salva por onde subi; eu te apresentarei na Corte. Para ti os aplausos, para ti os triunfos, para ti as invejas de todas as mulheres; para mim a glória de te possuir; para mim a glória ainda maior de te merecer. Levanta-te! Aqui está punhal, aqui está dinheiro, aqui está pistola, aqui está o meu coração. Que temes tu? Saiamos...

D. Angélica, resserenada um tanto com a mudança da voz e do aspecto de João, conseguiu alçar-se de lado sobre o cotovelo e, erguendo juntas as mãos, que soltou brandamente dentre as felpudas do homem silvestre,

– Pelo céu, não me deites a perder! – exclamou. – João, eu bem queria ser tua, mas não vês que é uma quimera o que me propões? Como sair daqui? Como acompanhar-te? Como?... Oh, não! É impraticável. Parte! Parte! O meu coração irá contigo, se o desejas; é tudo quanto posso.

– É tudo quanto podes!!... – atalhou o delirante, abanando-a pelos ombros e trespassando-a com os olhos como raios. – É tudo quanto podes!?... E eu, eu, não poderei nada para te obrigar? Ouve. Pela última vez to proponho. Fugamos, fugamos! Logo que pusermos os pés daqui para fora, nada receies. Até Lisboa viajaremos incógnitos: tu, dentro desta pele protectora; eu, como estrangeiro que mostra um urso; tu, dançando; eu, cantando de felicidade. Na capital, qualquer água-furtada nos servirá de palácio; ali eu serei o teu escravo e a tua escrava. O meu braço para te servir, o meu peito para te adorar, a minha vida para prolongar a tua. Eu guardarei o teu sono, vês tu?, a minha soberba de homem não se revolta; eu farei a tua comida; eu te lavarei a loiça e, no resto do tempo, eu te darei alguns pontos para poupar essas mãos de rainha. Quando quiseres sair, se eu tiver oiro, irás de carruagem; se não tiver nada, levar-te-ei às costas. Vês tu como eu te amo? Vês tu? Amo-te como um insensato, como uma besta; sim, como uma besta, e nem já atino com o que digo...

– Cala-te – interrompeu-o Angélica sentindo-o rir. – Tenho medo. Acredita-me: eu estimaria seguir-te na tua vida aventureira, porque o teu amor, agora o reconheço, é um amor como nunca vi nem encontrei nos livros. Feliz, feliz a que te possuir!... Eu mesma lhe diria: «Fá-lo ditoso, que ninguém o merece como ele.» João, acredita-me: nesta hora eu me arrojaria a tudo para te acompanhar, mas... não posso... não posso...

– Não pode! Não pode! – exclamou o mancebo, ferindo com o pé os tijolos do pavimento e levantando os olhos para a abóbada. – Não pode!! Não pode!!... E a carinha com que ela me diz aquilo! Oh, meu punhal! Meu punhal! Eu já vejo tudo vermelho. Não pode! Não podes?... Mas se te dissessem: «Está entrando uma quadrilha de salteadores pelo outro lado do palácio! Pegou nele o fogo! Vem aí teu tio com uma tranca!» e eu te estendesse os braços, gritando «vem», poderias tu lançar-te neles? Não me clamarias ao ouvido: «Leva-me, corre, sumamos»?...

D. Angélica murmurou como em delírio:

– Não, não, não; é impossível...

João, depois de se certificar de que a porta estava fechada à chave, desembainha o punhal, contempla-o, arremessa-o contra um armário no fundo do quarto onde fica a tremer e a luzir, e sussurra entre si:

– O ferro não; o ferro seria atroz. E depois...

Pega na vela e chega-se ao cortinado da cama para lhe pegar fogo. D. Angélica, segurando-lhe a mão e abraçando-o:

– Piedade! Piedade! Não quero morrer queimada. Já li uma coisa assim; é terrível. Queimada... queimada, não. Tudo menos isso. Tenho dezasseis anos, fi-los a 23 de Dezembro passado. Não quero morrer; não posso morrer; seria uma acção infame assassinar uma mulher contra sua vontade. Não é verdade que o meu Joãozinho não me há-de assassinar contra minha vontade? Tenho dezasseis anos, ainda não soube para que vim ao mundo. O único prazer que tenho gozado é ler meia dúzia de novelas. Escuta... Oiço passos. Em nome de Deus e do diabo, foge enquanto é tempo...

– Eu fugir! Eu fugir?! – grita o furioso. – Repete-mo, se queres ver como se atira com uma mulher por uma janela fora. Deus seja bendito! Depois de te matar, eu posso morrer; não tenho laço algum que me prenda ao mundo. Posso morrer como um filho da fatalidade. São mais quatro arrobas (e nem tanto) para um cemitério,

quatro pazadas de terra por cima; depois... o esquecimento. Meia dúzia de flores de sargaço em vindo Maio e era uma vez um homem chamado... coisa nenhuma.

D. Angélica, tapando-lhe a boca:

– Já vêm perto. Que fazes?! Que fizeste?!... Fogo! Fogo! Jesus Maria! Quem me acode?... É a fala da aia. Sai, miserável, antes que te vejam, se ainda é tempo...

João já não necessitou desta última intimação. Logo que reconheceu a voz de Feliciano das Mercês, abriu a janela e despenhou-se.

O ar, que de fora vem, atea espantosamente as labaredas. D. Angélica considera-as com atenção estúpida, em pé, de braços pendidos, sem movimento nem acordo.

Feliciano bate à porta, gritando; chama por toda a gente do palácio.

Toda a gente do palácio está dormindo.

Remorsos

João caiu da janela entre os braços quase atléticos do piemontês que, impaciente, aguardava no jardim o desfecho de uma invasão que tinha julgado amorosa e nada mais. Apontou-lhe para a estranha claridade que ondeava no quarto e coligindo, através dos delírios que o desorientavam, algum resto fugitivo de razão,

– Ficai – disse-lhe. – Assim desviareis suspeitas que vos perderiam, sem me aproveitarem, e podereis depois informar-me do que eu fiz. Eu fujo com o inferno no coração. Amanhã à noite fazei com que nos avistemos no curral de Luso sem testemunhas. Se vos perguntarem pelo vosso urso, dizei que fugiu. Ninguém vos poderá desmentir senão... mas essa tem demasiado interesse pessoal em que se ignore. E depois... aquele incêndio! Aquele incêndio! E a porta fechada! E todos os socorros longe! E a gente a dormir! Oh, oh, São Marçal! Santa Bárbara, que é de endoiçecer!... Uma esquina de pedra onde eu escangalhe esta cabeça! Ninguém me mostra uma esquina de pedra? Condenação! Condenação sobre ti, incendiário! Condenação, condenação também para ti, italiano miserável! Mas...? Tu vêes aquilo e não acodes, diabo? Pois bem: eu mesmo vou acudir, gritar, denunciar-me...

*

Ia galgar de novo para a janela, sentiui os brados de Feliciano já dentro no quarto. O remorso generoso afogou-se-lhe no pavor; apertou a mão ao italiano, segredando-lhe por despedida:

– Perdoa-me. Amanhã à noite, nas ruínas do curral.

Puxou para a cara a máscara ferina que lhe pendia como capuz para trás das costas e arrancou a fuga pelo jardim e quinta fora, contra o Buçaco.

Um cavalo à desfilada vem-lhe sair de encontro ao dobrar de um caminho estreito. O generoso animal adivinhou o urso pelo cheiro; vê-o quase peito a peito consigo, a prumo; revira-se, despede-lhe um coice, enovela-se, debate-se relinchando contra esporas e freio, rebenta as cilhas, sacode o cavaleiro a dez passos de distância para cima de umas pedras e, senhor de si mas não do seu terror, abala, voa trovejando e relampagueando com as ferraduras, e desaparece.

*

João retoma a fuga. O gemer do caído, gemer de moribundo, acelera-lha em vez de o revocar. Outro encontro inopinável o aguardava pouco adiante.

Ao abocar uma ladeira, algar aberto pelas torrentes do Inverno e cujas altas margens se fecham por cima com medronheiros que lhes duplicam a noite, vê sair dela um religioso velho com as barbas tão alvas como as próprias estrelas que lhas descobrem; parece vir das bandas do convento, onde não há frades nem oradores há tantos anos; caminha apressado, com os pés descalços, esteando-se num bordão. Sem se deter, estendeu o braço para lançar bênção ou fazer cruz ao homem (ou animal) que passava por ele. O mancebo deu-lhe as boas noites; não recebeu resposta; o velho (ou espectro) continuava, sereno, a sua descida.

– Aí em baixo – acrescentou o fugitivo depois que o viu longe – deve estar um homem estendido. Se Vossa Reverência pode confessar ou socorrer alguém... é ao pé de umas oliveiras, à direita do caminho, onde faz uma volta, em cima de umas pedras...

O vulto também não respondeu, nem parou.

Os cabelos de João estavam todos a pino...

*

Rompia a manhã quando o homem da fatalidade, exaustas as forças e a energia, transposto o muro que fecha em circunferência de légua a mais respeitosa e espessa mata de Portugal, foi cair aos pés das árvores, alagado em suor, ardendo em febre, vendo de toda a parte reluzir de chamas, de toda a parte ouvindo gemidos de moribundo sobre pedregais. Uma vertigem escura o redemoinha; os troncos volteiam-lhe calados em derredor; cerram-se-lhe os olhos; passa do letargo ao sono, ao sono mais profundo.

*

Seriam duas horas (pela altura do sol) quando acordou. Todos os seus terrores e remordimentos de consciência recomeçaram.

Marinhou até ao cume da mais alta árvore e procurou com a vista o sítio da quinta dos Álamos. Julgou enxergá-lo.

Nenhum vestígio de fumo conturbava para aquela banda a diafanidade da atmosfera; mas, ainda supondo que o edifício não tivesse ardido, sabia ele o que sucedera a Angélica?...

E depois... quem era o cavaleiro que ele involuntariamente assassinara? Figurava-se-lhe ouvir queixumes surdos de dois espectros: um, por cima da cabeça, nos céus; o outro, estirado lá em baixo, na terra nua. Se não se engana, sonhou com patíbulo. E não há sonhos que são presságios?

O píncaro da árvore tremia com o seu tremor. Vieram-lhe ondas de se precipitar, mas agarrou-se aos ramos com dobrada força e redescendeu com todo o cuidado, resolvido não obstante a imitar tantos outros heróis, aliás menos infelizes, logo que para o suicídio tivesse, em vez de suspeita, razões positivas, provadas, indubitáveis.

Era necessário, em todo o caso, esperar até à noite.

Foi pastando, para enganar o tempo e a fome, alguns agriões pela borda de um arroio que atravessava a floresta murmurando como ela. Não chorou, por não saber ao certo sobre que devia chorar, e arrimou-se a uma aroeira a olhar para o poente, a contemplar o decair do sol, a desejar e a temer o instante em que o veria engolfar-se, além, entre as ondas verde-negras do oceano.

*

Enfim, é noite.

Esconde no vão de um carvalho carcomido a pele, verdadeira culpada dos seus últimos trabalhos, mas de que talvez ainda necessitará, e dirige-se por fora de todos os caminhos trilhados ao lugar aprazado para o colóquio.

As ruínas do curral

Não tinha ainda chegado o piemontês quando João entrou furtivamente no curral, chamando e procurando, com os braços estendidos, por todos os cantos. Sentou-se à espera, com o ouvido alerta, a fantasia cada vez mais cheia de agoiros e o coração mais acabrunhado, mais delido de remorsos.

O céu estava toldado; chovia miúdo. Era uma noite de lobos, como dizem na província.

Se o italiano não viesse! Se se perdesse no caminho! Se não pudesse esquivar-se do palácio! Se estivesse preso! Se àquela hora assistisse a um enterro, até a dois enterros!...

Ser obrigado a sofrer, além dos males certos e reais, todo os que a imaginação pode inventar!...

*

Passa gente pelo caminho. Vêm falando. É mulher e homem. Avizinham-se.

Será?... Não é possível. Mas sim, sim, é a fala da Mariquitas, nenhuma outra com ela se confunde: tem uma doçura... que até o não torna delicioso. Mariquitas por ali! A tais desoras!!... Mas o homem?...

A voz do homem, rude e seca, não se recorda ele de a haver jamais ouvido. Fita ambas as orelhas, aumentadas por ambas as mãos em concha e, através de um diálogo animado, que de momento para momento se aclara, descobre quase simultaneamente duas verdades que vêm ainda agravar as suas penas.

Mariquitas havia ido chamar o facultativo para sua mãe que, desde a noite de sábado para domingo, tinha perdido o falar e o dormir, e jazia de cama em convulsões continuadas.

Fora obrigada a esperar por ele, que andava no giro dos seus doentes. Quando recolheu era já sol-posto e o sul ameaçava muita água. As instâncias e as lágrimas da rapariga, o perigo e a indecência de a deixar volver sozinha por légua e meia de maus caminhos, a maior parte serranos, que tanto ia da quinta do doutor até Aguim, tinham-no decidido a acompanhá-la e, para cúmulo de cortesia, a deixar o macho à manjedeira e fazer ai ornada com ela, toda a pé.

*

Mariquitas, no conceito do facultativo (a quem os leitores já conhecem e que não era menos aplicado ao estudo do belo sexo que ao dos outros mamíferos), valia muito bem a pena de um tal sacrifício. Vinha-a ele aturdindo com erudições e finezas, quais a quais mais cirúrgicas, e fazendo-lhe propostas a que o desamparo e a dependência da triste moça davam quase o carácter de intimações e ameaças.

A chuva engrossava. O covarde queria por força que entrassem a abrigar-se no curral; ela respondia que não tinha medo à chuva, que entrasse só ele, que ela o esperaria da parte de fora; ele argumentava com a higiene; ela replicava que lhe não importasse; ele prometia-lhe mundos e fundos; ela só não o descompunha porque lhe lembrava o estado da mãe; ele empuxava-a; ela repelia-o, era já luta.

João abafava, impava, banzava de não poder intervir.

Nos apertos acode o Céu.

*

Alguém se dirige de longe para o pardieiro a assobiar certa marcha guerreira. O agressor, sobressaltado, afasta-se, impelindo a moça para dentro da porta e adianta-se, como ao disfarce, contra o homem do assobio.

– Quem vem aí?

– *Sono io.*

– Quem?

– *Il piemontese.*

– Que procura?

– *Mi vado in traccia d'un orso...*

– Bem sei. Que fugiu esta noite da quinta dos Álamos. Passe. Mas por aqui é escusado procurá-lo, que se ele aqui estivesse, havia de se ouvir; *nocte rugit.*

*

João aproveitara-se da aberta para dizer ao ouvido da pobrezinha que não tremesse; que era ele, João Simões, o seu João Simões; que não morrera, estava vivo...

– Fui mandado pelo Céu para te acudir. Se consentes, vou dar cabo do alveitar.

– Pelo amor de Deus, não! Não! – respondeu ela ainda mais atemorizada. – Acabarias de matar a minha mãe...

E os soluços a sufocá-la.

– Vai, vai pois com ele, honrada Maria, e não temas.

Dizendo isto, soltou dois rugidos de urso, como o seu companheiro lhe havia ensinado a puxá-los do fundo dos pulmões; fez correr a moça atrás do doutor, que se levava como um vento, e ficou esperando pela chegada do italiano, a quem havia já reconhecido pelo seu hino patriótico.

*

Mal que ele entrou:

– De repente; poucas palavras; sim ou não – disse-lhe. – Ardeu tudo?

– *No.*

– Morreu Angélica?

– *Fìn adesso, no.*

– Muito bem. Toma dinheiro e um abraço; torna a põe-te a caminho. Segue esse homem e essa mulher sem que te percebam (se for possível); observa tudo que fazem e dizem; defende-a contra ele se for necessário e, logo que entrem no povoado, volta correndo aqui. Fico a esperar-te com impaciência.

*

A tornada do explorador custou uma eternidade.

João, medroso como um pássaro noturno de que a aurora o viesse colher fora da sua toca, andava e desandava, com velocidade recrescente, os sete ou oito passos da sua clausura como que para ensinar às horas a apressarem-se; e, pela precisão que sentia de descarregar a sua cólera contra alguém, amaldiçoava toda a Itália por atacado, desde o Papa até aos *lazzarones*, desde os Alpes até ao mar.

Enfim, eis aqui em resumo as notícias que o estrangeiro lhe trouxe ao primeiro dessorar das trevas e que ele escutou com um pé já no caminho e os olhos no alto da montanha.

*

Quanto aos dois que tinha ido comboiar, não acontecera novidade. O doutor havia tentado duas vezes... mas coibira-o ele da primeira, tossindo para o advertir de que andavam moiros na costa, da segunda fazendo-lhe zunir um penedo por cima da cabeça.

Quanto ao incêndio, logo que julgara *il caro signor Giovanni* fora de perigo, tinha acordado com gritos moços e hóspedes, entrado pela janela transportando para fora do quarto *la damigella*, que jazia no chão a olhar para as chamas, e a aia, que a poder de encontrões arrombara a porta e corria gritando, com as mãos na cabeça, de um para outro lado. Felizmente o aposento era de abóbada e tijolo.

O incêndio devorou, com uma veemência mais aparatosa que substancial, cortinados, armações, caixas de enfeites, vestidos, parte da cama; porém, cedeu aos esforços que para logo entraram a acudir. Nos primeiros momentos em que o italiano andava ainda sem auxiliares a braços com as chamas, presenciara uma estranha aparição. Entrou, correndo espavorida até ao meio do quarto, girou-o todo com os olhos e refugiou com igual presteza uma bela figura de mulher; cabelos soltos, rosto da primeira mocidade, porém sem vida; vestido pintalgado, roupinhas recamadas de oiro, sapato de seda verde com fitas encanastradas até à curva; numa das mãos um pandeiro, debaixo do braço uma cabrinha branca sem movimento.

Mais:

Sobre a madrugada fora encontrado, junto ao portão do pátio, o sr. D. Luís deitado no chão, envolto numa capa de frade; estava ferido, com a cabeça quebrada e sem acordo. Chamou-se o médico para ele e para D. Angélica; veio, torceu o nariz, sangrou, receitou. Ambos estão de cama. A aia não sai do pé da donzela; D. Matilde reparte com igualdade o seu tempo e os seus carinhos entre os dois enfermos. D. Angélica parece ter perdido o juízo; o cavaleiro sussurra no delírio coisas que ninguém lhe entende; nos intervalos lúcidos opõe silêncio obstinado a todas as perguntas e mostra uma tristeza e um cuidado que não são por certo só devidos ao perdimento do cavalo.

Finalmente: quanto ao urso desaparecido, que era o essencial, não havia a mínima suspeita da verdade. Pelo contrário: ninguém falava senão no perigo de andar uma fera solta pelos campos; alguns contavam que a tinham visto e muitos propunham já uma batida geral para a desencantarem. Ele, italiano, dizia à boca cheia que dava dez moedas a quem lha trouxesse.

– De hoje a oito dias reunir-nos-emos outra vez aqui?

– *Domani, se lei vuol.*

– De hoje a oito dias. Felizmente não há suspeitas; é necessário não dar, por alguma imprudência, ocasião a que elas nasçam.

Apertaram-se a mão como cúmplices interessados no segredo; observaram em derredor se não aparecia alguém e separaram-se correndo: o italiano para a quinta, onde tinha a família e a mesa; João para a floresta,

onde o esperavam os agriões e a pele do urso.

Orfandade

Eufrásia, a mãe de Maria, era para todos os vizinhos «a tia Eufrásia», a festejada de todas as casas, a apetecida em todos os serões, pelos seus contos entretecidos de sentenças. Em solteira citavam-na como exemplar de donzelas; durante a vida do rendeiro seu marido, como espelho de casadas e de mães; e desde que vestira o luto perpétuo, já não andava em menos conta que de santa. Se viesse a fazer milagres depois de defunta, a ninguém espantaria.

Aquilo, com a sua pobreza, era uma casa cheia para toda a gente.

Se tinha penas, lá as cosia consigo, que nem a filha quase nunca lhas adivinhava; e mais, estremeciam uma à outra, trabalhavam, rezavam e dormiam juntas.

Se tinham falta disto ou daquilo, o que não vinha muito raro (e às vezes até de broa), quem pagava era o tear: andava em bolandas a *lançadeira*, saltavam as *apienhas*, chiavam as *andorinhas*, via-se medrar a palmos a *teia* e engordar o *órgão*. Então cantava Eufrásia; cantava umas cantigas que sabia, muito devotas, à Virgem de Nazaré. Era para enganar a fome... ou a filha (que nem uma nem outra se enganava), mas o resultado tinha-lho ensinado a experiência, que era acudir-lhes sempre bênção de Deus quando mais necessitadas.

E não tinha só virtudes domésticas a tia Eufrásia: pela sua prudência, pelo conhecimento que tinha do mundo, pela sua índole conciliativa e pela capacidade que todos lhe sabiam para guardar um segredo, fosse de que fosse e desse por onde desse, era o anjo da concórdia a quem recorriam os desavindos. Nenhum juiz de paz conseguiu jamais, com tão pouco ruído, compor tamanho número de partes, desvendar tantos amores próprios sem os ofender, congraçar tantos parentes, afagar à nascença tantos pleitos, salvar tantos créditos arriscados nem semear pazes e contentamentos mais duradoiros.

*

Eis aqui porque, desde a noite em que a sua porta fora arrombada pela regedora, nunca mais a pobre casinha se tinha visto uma só hora sem gente, e muita gente.

Moças e velhas porfiavam a qual havia de servir primeiro ou fazer-lhe a guarda de noite por mais tempo. Uma trazia-lhe a sua galinha de estimação para os caldinhos, outra matava-lha e depenava-lha; outra tinha-lhe já o lume aceso e a água na panela a referver; esta voltava-a para lhe afoufar o travesseiro; aquela estendia-lhe por cima a sua coberta rica de damasco vermelho para lhe alegrar os olhos (que dizem que às vezes dá saúde); quais lhe fiavam quantas estrigas lhe achavam no cesto e pelo armário; quais se revelavam no banco do tear para que, em se tornando a erguer muito bem sã e rijinha, a tia Eufrásia (como todas elas esperavam, à vista das largas promessas que já andavam feitas a todos os santos) se alegrasse de achar as suas tarefas concluídas e as suas freguesas sem razão de queixa, que, afinal de contas, viria a ser o mesmo que não ter estado doente um só hora.

Até os cachopinhos, que todos lhe queriam como a própria Senhora do Ó que traz todos os anos a gaita de foles, os foguetes e os jantarões com pão de trigo, até esses mostravam naquela conjuntura o seu afecto, suplicando que os empregassem em algum recado e que os deixassem entrar a vê-la. Depois de a verem, saíam chorando e nem na rua se atreviam a fazer bulha ou falar alto.

Para Maria nada ficava que fazer senão soluçar em segredo, encruzadinha num canto, ou engolir a sua dor encostada à cabeceira da mãe e rezar pelas próprias contas dela, que, por serem dela tanto como por as ter benzido O capelão da quinta dos Álamos, deviam de ter mais virtude.

*

Logo que as receitas caseiras se esgotaram sem que o mal cedesse, tinha-se unanimemente assentado em que se devia chamar o facultativo. Muitos se haviam oferecido para irem lá (sem paga); porém, Maria, agradecendo a todos, respondera-lhes que, sendo o doutor, como era, tão ocupado com freguesia e costumando por isso faltar a mais de metade dos enfermos para quem era chamado (especialmente sendo pobres), ninguém devia ir senão ela, que era filha, porque, ou de compaixão, vendo as suas lágrimas, se resolveria a acompanhá-la, ou, se se não resolvesse, lhe poderia ensinar o tratamento e os remédios que se haviam de fazer, depois de ter ouvido a informação da moléstia que só ela lhe podia dar.

A segunda hipótese era a mais provável; porém, os encantos de Maria, muito mais que as suas lágrimas, tinham feito (como já vimos) que a primeira se realizasse. O doutor viera a pé e por baixo de água.

Ou por esse motivo ou por outro, que ninguém sabia senão ele, Mariquitas, o italiano e João-urso, entrou por casa da enferma de chapéu na cabeça, com mau humor e cara ainda mais ruim que a do costume (já a do costume não era peca).

*

Chegou à cama, tomou o pulso, escutou a respiração, puxou para fora a língua da paciente; abriu-lhe bem abertos os olhos já vidracentos, apalpou-lhe de corrida os pés e disse, voltando as cotas para sair:

– Mandem vir a unção... se ainda for a tempo. Confissão e comunhão... não falemos nisso: já não vê nem ouve. Está aí e está nas malvas.

Maria, que não tinha acreditado na possibilidade de perder sua mãe; que esperara em favor dela um milagre de Deus, outro da ciência do doutor; que não entendia o viver separada da sua inseparável, ficou alguns instantes como uma árvore cortada pelo pé antes de cair. Figurou-se-lhe que este homem fatal era o árbitro da vida e da morte; que a sua espantosa sentença poderia ter sido efeito da vingança, pelos repúdios, e crendo-se por isso matadora de sua mãe, houve um instante (instante medonho e fugaz como um relâmpago) em que, se se não arrependeu de haver resistido, sentiu que, para salvar a vítima condenada, deixaria despojar-se... até da honra e da existência. E com um ai, que arrepiou a todos quantos lho ouviram, caiu redondamente em terra como um corpo defunto.

O cirurgião tornou atrás para lhe administrar alguns socorros; Eufrásia, ao grito de sua filha, levantara a cabeça, abrira os olhos, estendera os braços descarnados, fizera esforços inauditos e, por um milagre do amor (ultimum moriens do coração materno), tornou ainda a articular com fala sonora e inteligível:

– Maria!... Maria!...

Esta voz reactuou sobre a filha o que a da filha operara sobre a mãe: a donzela soltou-se de entre as sábias mãos que, meio despiedadas meio compassivas, a desatacavam para a socorrer, e foi cair para cima do leito da agonizante.

Então viu-se uma coisa estranha: aqueles dois rostos, há pouco tão pálidos, reanimaram-se um para o

outro e sorriram, chorando um sobre o outro.

Maria fez com a mão um sinal aos circunstantes para que saíssem; sua mãe acabava de recobrar a luz e o tino; havia-lhe dado a entender a necessidade de lhe falar sem testemunhas.

*

Logo que ficaram a sós, Maria apertou ao peito ambas as mãos da mãe, beijando-a na boca, no seio, nos cabelos brancos, nos olhos, delirando de alegria, pedindo-lhe que não morresse, que não morresse nunca sem ela, que recebesse com fé aqueles beijos, que eles lhe restituíam o calor, a força, a saúde; neles ia fogo, neles ia alma.

– Basta, basta, não me mates por ora de felicidade... Tenho precisão de te falar... Ninguém nos ouve?

– Deus, só Deus, que está aqui connosco e não nos há-de desamparar. Não, minha mãe, não há-de.

– Bom. Quando me for... tira da minha caixa... a minha lâmina de Nossa Senhora das Dores. Despega-lhe o forro de trás... Acharás uma carta... fechada... sem sobrescrito. Guarda-a muito bem guardada... Procura a senhora D. Matilde... Diz-lhe que és... a minha filha... Que te receba por criada; estou em que te há-de tratar... sempre muito bem... que tu mereces tudo, minha Maria... Logo me beijarás, filha... logo... Deixa-me concluir isto... que te interessa muito. Se por acaso algum dia... pode ser, pode: duas mães no mundo ninguém as tem; se por acaso algum dia... ela se cansar de ser boa para ti... entrega, em segredo, esta carta... ao sr. mestre Ambrósio... e... encomenda-me a Deus. Agora... podes beijar-me quanto quiseres, filha; posso morrer, que já disse tudo... Não chores; assim é que eu não queria acabar... Ouve... Se eu não expirar esta noite... vai pela manhã muito cedo... alguém que te acompanhe... Como está o tempo?

– De vento e chuva, minha mãe.

– De vento e chuva! Valha-me Deus!... Mas enfim, tem paciência... É o último incómodo... que te dou. Vai... à quinta dos Álamos... e pede ao sr. padre Timóteo que venha ouvir-me em confissão... e pôr-me bem com Deus...

*

Os incríveis esforços que este curto diálogo custara à triste velha provocaram novo paroxismo; recaiu no convulsivo letargo sem que desta vez nem os gritos da filha conseguissem reanimá-la.

O cirurgião tornou a entrar no quarto com todos os que dali haviam saído; olhou apenas para a tia Eufrásia; tomou o pulso a Maria; disse-lhe que no dia seguinte voltaria para a ver a ela e saiu com um meio sorriso em que alguns repararam e que, posto fosse em cara acostumada a cenas tais, não deixou de produzir, como coisa diabólica, um estremecimento de terror.

CAPÍTULO XXX

O ermo

A espaçosíssima, labiríntica e rumorosa mata do Buçaco poderia ainda hoje apresentar-se ao maior pintor para o inspirar, o engrandecer e o desesperar.

Profunda e cismadora, como as florestas do Novo Mundo; serena e aromatizada de misticidade, como os antigos bosques da Tebaida; faustosa como os parques senhoris de alguns lordes soberbos e milionários, concilia realidades e ilusões para todos os gostos.

O discípulo de Brotero ali acha-se em plena vegetação; ervas e arbustos das mais raras espécies crescem, em silvestre familiaridade, com as mais vulgares e desprezadas.

O mato é ao mesmo tempo horto medicinal, escola para estudo e jardim de recreação. Com as silvas, os medronheiros, as urzes, as giestas, os alecrins, as violetas, a figueira brava e os rosmaninhos se entretecem as madressilvas, os trevos reais, os legacões, os roseirais silvestres, as betónicas, as murtas, além de duzentas outras ervas e arbustos que um naturalista, perlustrado o país todo, se maravilha de avistar aqui pela primeira vez.

O arvoredo que ensombra cerrado este desmedido jardim sem lhe tolher o florear, parece que de todos os pontos do globo afluíu para, sobre esta eminência, altar sublime da terra, celebrar a festa de uma universal homenagem ao Criador.

Os cedros, colónia do Líbano, são os principais senhoreadores do Buçaco, gigantes vegetativos duas vezes mais idosos que o próprio convento que abrigam, pois que há pouco mais de dois séculos que o viram ali nascer... para lhe sobreviverem.

Por entre as saudosas árvores da Bíblia encontrareis as palmeiras do Ganges, o carvalho das Gálias e o do Apenino, o cipreste de Creta, o pinheiro da Flandres, a faia preta da Líbia, o álamo branco da Suécia, o pau-ferro e o vinhático da América, os lentiscos, o freixo, os adernos, os azereiros, a acácia, a olaia, o plátano, o sicómoro, o buxo e o loureiro.

Quando o vento do céu revolve toda esta pacífica república, donde sai e se propaga até enormes distâncias um murmurinho semelhante ao do mar longínquo em dia de tormenta, é para encantar a infinita variedade de verdes, de claros, de escuros, de prateados, de doirados, de folhas, de flores, de frutos, de estaturas, de copas, de curvas, de entrelaços, de ninhos, de pássaros, de fragrâncias. A profunda abóbada que nos cobre estremece toda sobre as desmedidas colunas que a escoram; fende-se, rasga-se, espedaça-se, caverna-se, decompõe-se, abate-se, mergulha, ressurgue, restaura-se, consolida-se para outra vez se perturbar, se confundir e vos confundir com milhões de raios do sol ou das estrelas que se enleiam e doidejam sem atinar nunca onde se poísem.

*

Se vos aventurais a girar, a perder-vos pelos seios desta solidão, imaginais que nenhum ser humano a devassou antes de vós; que é um fragmento da natureza primitiva que o Dilúvio respeitou e de que o tempo se esqueceu.

Então subis e desceis, devaneando ao sabor do terreno boleado que se recobre de alcatifas de veludo vegetal verde ou amarelo nos declívios ou se junca espessamente de folhas caídas, crespas e tostadas, nos

recôncavos e valeiros.

Prestígios vos cercam de perto, de longe; revezam-se, transformam-se e detêm-vos de passo a passo.

Aqui um pórtico, ataviado de cortinas verdes bordadas, abre para um santuário rústico. Um tronco informe e quebrado, lá no topo, arremeda brutescamente não sei que deidade montesinha. Adiante é uma gruta de folhagem; arrulha nela uma pomba que se não vê e vê-se correr uma fontinha que não se ouve. Já uma arcaria por onde a espaços vos espreita o horizonte azul. Já uma caverna rota nas faldas de um oiteiro maciço de folhagem. Além um como gigante de muitos braços arrimados a uma torre. Aqui duas árvores de opostas regiões pendidas uma para a outra, a abraçarem-se. Esta parece que parou indo a correr no alcance daquela. Três, ainda juvenis, como que dançam de mãos travadas; das três, uma enroupada com manto largo e roçagante de heras; outra cingida até aos pés com uma túnica alva e felpuda; a terceira calçada de malvas em flor e toucada, como as dríades, com festões pendentes e ondeados de parasitas rosiflores.

Um lago verde e imóvel!... Aproximai-vos: é de musgo.

Um vergel primoroso!... Quereis entrá-lo: é agreste; espinheiros vos repulsam.

*

Entretanto, se prosseguis na excursão maravilhosa, reconheceréis que a natureza permitiu também ao homem ser autor, pintor e poeta junto dela.

Desencantais, atónito, ruas largas, desmedidas.

Parais, distraído, à escuta se não virão lá carruagens e cavaleiros, demandando o palácio estivo de algum famoso senhor, ou príncipe, que se vos sonega na outra extremidade; mas estendeis os olhos e o que enxergais são apenas ermidinhas, as quais, lírios e cecéns da penitência, alvejam recatadas na sombra mística das árvores de Salomão.

Ides bater à portinha da primeira... está aberta. Chamais, ninguém vos responde. Entrais, a solidão da solidão vos recebe.

As imagens que pelo decurso de duzentos anos inspiraram tanta fé, tantas consolações a desgostos reputados lá em baixo, entre os homens, inconsoláveis, as imagens estão mutiladas ou caídas; o altar do sacrifício incruento ao romper do sol... despido.

A aranha estende a sua rede de caça onde era o gravato de cortiça e a cabeleira de pedra do ancião. A cinza da lareira está fria; as paredes húmidas e esverdeadas, o tecto roto. As sarças já chegaram ao limiar, já espreitam para dentro à espera de um ou dois invernos mais para tornarem a entrar de posse do seu domínio, pois que as mãos devotas, secas e mirradas como raízes, abençoando a terra, as haviam esbulhado.

A segunda ermida, a terceira, todas vos oferecem o mesmo espectáculo, os mesmos desenganos.

Até por ali passou uma roda de carro triunfal do século; destruiu a poesia dos séculos predecessores, que era a piedade, mas deixou em lugar dela a sua, que são as ruínas. A oração era a esperança; o desamparo é a saudade. Saudade e esperança, ambas são poesia porque são ambas muito amor.

*

De ermida em ermida, que vos encaminham como pedras miliárias, chegais enfim ao convento (porque neste ermo se achava à escolha, ainda há doze anos, o viver eremítico e o cenobítico, bálsamo de solidão em

diferentes doses para os diferentes graus das dores ou misérias incomportáveis).

O conventinho conserva a sua aparência primitiva. Sim, a aparência.

Não é necessário puxar à porta o vime que fazia tocar a campainha surda de folha de flandres. A porta está aberta.

O religioso que lá dentro se avista pintado, com dois dedos na boca a impor silêncio, nunca foi mais perfeitamente obedecido.

Toda a casa é silêncio e deserto: desertas as celas e o jardinzinho contíguo a cada uma para laboriosa e inocente recreação do seu morador; deserto o claustro; deserta a cozinha e o refeitório; desertas as oficinas e o pátio; deserta a livraria e até a igreja deserta!

Os descalços e amortalhados que ali viviam, sem fala mais do que para a oração, saíram afugentados e dispersaram-se... redescendendo com pavor para a terra tempestuosa dos viventes. O coro, sob o qual haviam de ser sepultados como os seus maiores, para ali ficou a esperá-los em vão, tão calado e triste na superfície como no bojo, porém menos despovoado ainda no bojo que na superfície.

Assim que a magia deste novo Carmelo, igual ao antigo pelo formoso e fechado dos seus arvoredos, pelo fresco, abundante e cristalino de suas fontes, igualmente se compõe do que possui e do que lhe falta.

O profeta desapareceu mas deixou-lhe a sua capa, os seus vestígios assinalados em todas as penhas, o seu nome a sussurrar em todas as folhas e o seu dom de inspiração transmitido a todos os objectos.

*

A alma de João nascera porventura para se afinar por esta imensa harpa de poesia, para se embeber nas harmonias do Céu com a Terra; mas havia-se, quase desde os primeiros passos da vida, extraviado por veredas ruinosas, rolado por escarpas de precipícios; trazia quebradas e conspurcadas de lodo as suas asas; consumiam-na remorsos; atormentavam-na cuidados; via-se aviltada e mesquinha aos seus próprios olhos. As sublimidades, as carícias, os segredos da natureza resvalavam agora por ela como chuva fecundante pela superfície de um penhasco.

Gastou o dia a ver se caçava pássaros à pedra para ter alguma coisa mais sólida com que entremear a sua salada de obrigação. Nem um único teve a cortesia de se deixar cair. A noite curtiu-a sentado num tronco, exposto às refregas do vento húmido, sem se atrever a deitar-se na terra empapada em chuva.

Ao romper do dia estava pálido, abatido, desanimado. Com que saudade lhe não lembrou a sua enxerga de palha de milho no moinho de Pedro Simões! E até a dorna do mestre Ambrósio! E até o sótão do Peneireiro!

A oito noites passadas como esta sentia ele que não poderia resistir. Era pois urgente procurar, já para a primeira, um abrigo se o houvesse daqueles muros para dentro; quando não... sair, sair a todo o risco; entregar-se à sua estrela errante e encaminhar-se para Lisboa ainda que, logo em Coimbra, os sinais dados por D. Quitéria o fizessem descobrir. Na cadeia ao menos haviam de dar-lhe cama e comida quente.

Ah! Quem reconhecerá nestas meditações terrestres e prosaicas o coração altivo de Rui, criado às tetas da filosófica literatura dos romances?

*

Confessa o relator desta história que tem suma pena de não poder apresentar sempre o seu herói nobre,

sobre-humano, aéreo, vaporoso, superior às misérias do comer e do beber, dizendo ou pensando sempre coisas extraordinárias. Mas o relator desta história é um homem chão e de verdade; e por nenhum caso poria fantasias suas, por mais brilhantes que lhe acudissem, em lugar do que real e verdadeiramente se passou.

Saiba-se pois que estava pálido e aborrido quando a aurora apareceu, com mais vontade de almoçar quatro rodas de chouriço com ovos e estender-se a dormir do que contemplar o suave banhar-se das árvores no primeiro alvor, ainda incolor, da manhã.

As aves começavam a chamar-se e responder-se; ainda se não via nenhuma atravessar o céu, mas já lá por cima, nas suas frondosas aldeias movediças, ouviam-se chilrar e papear como preparando-se para o próximo hino do sol nado. João antes as quisera a chiar numa frigideira.

*

O nascente golfa candidez, que vai em serenas ondulações correndo até ao ocaso; é o botão do dia novo. Já entremostra o seio cor-de-rosa; já desdobra as suas pétalas transparentes, purpurinas, imensas; já alastra com elas toda a zona de norte a sul; já as transfunde de cor em cores, a qual a mais vívida. Toda a vegetação, vestida e toucada de diamantes, está virada, como em admiração muda, para aquele florão do céu cujos reflexos fazem sorrir um sorriso vermelho e geral a todas as verduras, ainda há pouco negridões, das árvores, dos arbustos, das ervinhas e dos líquenes. Enfim, a tão esplêndida flor etérea, por um encanto formada, por outro desfeita, seguiu-se o seu fruto de ouro e fogo, o único digno dela, o sol. O sol! O sol!...

Toda a natureza viva levantou o seu concerto de alegrias.

*

João achou que tudo aquilo podia ser muito bonito mas era para quem tivesse ceado e dormido; e jurou que (desse por onde desse), enforcado fosse ele no mais alto cedro se a alvorada o tornasse a apanhar como desta vez.

Não conhecia ainda a mata. Na véspera, o cuidado da caça e o receio de topar alguém girando por aqueles sítios desconhecidos como por sua casa tinham-no feito limitar o seu desterro num círculo de trezentos ou quatrocentos passos, nada mais. Começou a caminhar à ventura, ora a um ora a outro rumo, amaldiçoando as mulheres e os cardos e perguntando a si mesmo por que razão faria Deus tanta árvore sem fruto quando pouco lhe custava que todas elas dessem pelo menos pão, como já lera de umas certas que há na América.

Ao cabo de muito andar e desandar, descobre o convento.

*

Fez seus entes de razão se entraria ou não entraria. Não ouvia, não via ninguém, aventurou-se. Entrou. Correu tudo em procura da despensa, a ver se no fundo de alguma talha esquecida acharia ainda alguma relíquia de atum ou polvo de escabeche. Abriu na cozinha o armário, nem já o cheiro de pão havia nele.

Por último, dirigiu-se à igreja.

Um ancião, de cabelos e barbas cor de prata, vestido em hábito de carmelita, sem capa, está de joelhos orando com as mãos postas para o altar-mor, mas com os olhos profundamente cravados na imagem da

Madalena.

João supõe reconhecer nele o mesmo que, na sua primeira vinda ao Buçaco, lhe aparecera à boca do algar, que talvez acompanhara a D. Luís e na sua capa o deixara envolto junto ao pátio de D. Matilde.

Saiu mansamente antes de ser pressentido e voltou a embrenhar-se na floresta, resolvido a passar antes outra noite como a precedente do que a dormir debaixo das mesmas telhas com uma figura de frade que aparecia quando já não havia rasto deles, que surdia pelo escuro do meio das brenhas, que não fazia bulha ao andar e que a única resposta que dava era uma cruz.

Para corrigir de algum modo o dissabor de tal necessidade e evitar os perigos do sono ao relento, ocorreu-lhe como fácil remédio dormir enquanto o ar fosse tépido com o sol e as horas da escuridão velá-las a passear. Assim o fez...

*

Era alta noite; o Sete-Estrela ia já a pino, a Lua desaparecera no mar; a treva de toda a montanha era profunda, a do interior da mata, profundíssima.

João caminhava devagar, apalpando com os pés o terreno, com a vista erguida para o alto das árvores a captar alguma estrela.

Que maravilha! Um reflexo de luz tremula nos ramos de uma árvore! ...

Achega-se; não se enganou. A luz parece exalada de dentro do próprio tronco por alguma abertura, pois fere na folhagem por debaixo e com tamanha viveza que descobre serem as folhas de castanheiro. Corre-o todo em derredor; não divisa frincha ou buraco por onde espreitar para dentro, pois, visto conter luz, oco por certo deve ser aquele tronco espaçosíssimo.

Foi a curiosidade mais possante que o temor. Trepou, com dificuldades incriveis, pela parte oposta àquela por onde respirava o clarão, por ser a única onde algum nós e uma frágil vergôntea lhe davam mão para subida.

Chegado ao primeiro ramo lateral, lá foi passando com sumo tento, de um para outros, até que enfim chegou a embeber a vista por um rasgue espaçoso e informe no tronco, por altura, pouco mais ou menos, de homem e meio. O que unicamente percebe é uma lampadazinha de tamanho de meio ovo grande, branca e transparente como alabastro.

Quer descer mas, com o escuro que faz, receia precipitar-se; resigna-se a esperar pela manhã a cavalo no ramo grosso em que se acha, até com um excelente encosto para dormir (se tão estranha novidade lho consentisse).

Deste mirante, a ser coisa viva e natural a que alumia ali dentro, não pode ele deixar de a descobrir em sendo dia.